



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA  
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"  
Câmpus de São José do Rio Preto

HELKER NHOATO

**PROPRIEDADES SEMÂNTICAS E PRAGMÁTICAS DE  
MODIFICADORES DO NÚCLEO DO SINTAGMA NOMINAL**

São José do Rio Preto  
2018

HELKER NHOATO

**PROPRIEDADES SEMÂNTICAS E PRAGMÁTICAS DE  
MODIFICADORES DO NÚCLEO DO SINTAGMA NOMINAL**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Câmpus de São José do Rio Preto, como requisito para obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos (Área de Concentração: Análise Linguística).

Financiadora: FAPESP – Proc. 2016/00661-5  
Bolsista CAPES (2016: março/abril)

Orientador: Prof. Dr. Roberto Gomes Camacho.

São José do Rio Preto  
2018

Nhoato, Helker.

Propriedades semânticas e pragmáticas de modificadores do núcleo do sintagma nominal / Helker Nhoato. -- São José do Rio Preto, 2018  
145 f.: il., grafs., tabs.

Orientador: Roberto Gomes Camacho

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas

1. Linguística. 2. Pragmática. 3. Semântica. 4. Adjetivo. 5. Funcionalismo (Linguística) 6. Sintagma nominal. I. Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho". Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas. II. Título.

CDU - 41

HELKER NHOATO

**PROPRIEDADES SEMÂNTICAS E PRAGMÁTICAS DE  
MODIFICADORES DO NÚCLEO DO SINTAGMA NOMINAL**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Câmpus de São José do Rio Preto, como requisito para obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos (Área de Concentração: Análise Linguística).

Financiadora: FAPESP – Proc. 2016/00661-5  
Bolsista CAPES (2016: março/abril)

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Dr. Roberto Gomes Camacho  
UNESP – Câmpus de São José do Rio Preto  
Orientador

Prof. Dr. Aquiles Tescari Neto  
Unicamp – Universidade Estadual de Campinas

Prof. Dr. Edson Rosa Francisco de Souza  
UNESP – Câmpus de São José do Rio Preto

São José do Rio Preto  
02 de julho de 2018

## AGRADECIMENTOS

Não poderia iniciar este texto sem agradecer ao Prof. Dr. Roberto Gomes Camacho. Talvez essas poucas palavras sejam insuficientes para exprimir a profunda admiração e respeito que tenho por sua pessoa. Nossa convivência é longa: começou quando, como aluno, frequentava as aulas de linguística e sociolinguística na graduação; e passou pelo meu trabalho como secretário da *ALFA: Revista de Linguística*, trabalho este que lhe sou muito grato por ter me concedido a oportunidade de realizá-lo. Registro meus mais sinceros agradecimentos por sua generosidade em compartilhar seu conhecimento, por dedicar-se à discussão dos textos que formam a base teórica desta dissertação; e, finalmente, pela constante disponibilidade em receber-me para tantas reuniões, pelas discussões de dados e pelos esclarecimentos das dúvidas.

À CAPES, agradeço pela concessão de bolsa de estudo de 7 de março de 2016 a 30 de abril de 2016; e, principalmente, à FAPESP, *Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo*, pela concessão de bolsa de estudo de 1 de maio de 2016 a 28 de fevereiro de 2018 (processo 2016/00661-5) que financiou o desenvolvimento da pesquisa e facilitou a divulgação dos resultados em diversos congressos nacionais e internacionais.

Agradeço à Profa. Dra. Erolde Goreti Pezatti pela oportunidade que me abriu de participar como membro do *Grupo de Pesquisa em Gramática Funcional* da UNESP de São José do Rio Preto (GPGF), cujos encontros semanais, ensejando a promoção de discussões complexas e compartilhamento de conhecimento, têm contribuído para o aperfeiçoamento de minha formação acadêmica. Aproveito também para agradecer a todos os integrantes do GPGF que, direta ou indiretamente, têm participado e colaborado com minhas reflexões.

Deixo um especial agradecimento ao Prof. Dr. Edson Rosa Francisco de Souza, à Profa. Dra. Marize Mattos Dall-Aglio Hattner e à Profa. Dra. Sandra Denise Gasparini-Bastos, pelos valiosos ensinamentos em gramática funcional durante as disciplinas de mestrado.

Agradeço à Profa. Dra. Rosane de Andrade Berlinck, leitora e parecerista de meu texto durante o *Seminário de Estudos Linguístico da Unesp* (SELIN-2017).

Finalmente, não poderia deixar de mencionar as três figuras centrais em minha vida cujo silencioso carinho é essencial sempre: minha mãe, meu pai e meu irmão.

## RESUMO

O objetivo do trabalho é analisar funcionalmente os modificadores adjetivais do SN com base na motivação semântica do referente nuclear: se entidades de primeira ordem ou Indivíduos ou se entidades de segunda ordem ou Estados de Coisas (LYONS, 1977; HENGEVELD, 2008), priorizando as propriedades pragmáticas e semânticas dos adjetivos na variedade do português brasileiro falado no noroeste do Estado de São Paulo. A análise, de natureza funcionalista, vincula-se ao arcabouço teórico proposto pela Teoria da Gramática Funcional (DIK, 1997a) e pela Gramática Discursivo-Funcional (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008) que proveem uma classificação semântica dos constituintes do sintagma nominal com base nas suas propriedades de referência a entidades do mundo e na atribuição de propriedade de modificação a essas entidades. Para análise da relação que os modificadores estabelecem com o núcleo dos sintagmas nominais, este trabalho volta-se para a classificação proposta por Negrão et al. (2014), que separam os adjetivos em argumentais e predicadores de núcleo, ou seja, itens lexicais que assumem uma posição aberta pelo substantivo deverbal e os que abrem posições temáticas que são, por seu lado, saturadas por um substantivo-núcleo. Para análise dos aspectos semânticos dos modificadores utilizam-se as classificações propostas por Castilho (2010), Castilho e Moraes de Castilho (1993), Cinque (2010) e Neves (2010). A amostra examinada é extraída do *cópus IBORUNA* coletado pelo *Projeto ALIP*, que foi concebido no interior do Grupo de Pesquisa em Gramática Funcional (GPGF) da UNESP de São José do Rio Preto. Os dados mostram, em primeiro lugar, que, de certo modo, independentemente do tipo de entidade envolvido no núcleo, de primeira e de segunda ordem, a posição pós-nuclear é a preferência grandemente majoritária dos adjetivos na codificação morfossintática. Além disso, a distribuição em anteposição e posposição tem uma regularidade motivada por traços semânticos específicos do modificador. A posição pré-nuclear, mesmo com baixa frequência, está vinculada a traços pragmáticos e semânticos específicos. Esses resultados demonstraram a atuação de motivações semânticas e, em menor parte, pragmáticas, condicionando o preenchimento de posições específicas dos modificadores no interior do sintagma nominal.

**Palavras-chave:** Funcionalismo. Modificador. Adjetivo. Sintagma Nominal. Semântica. Pragmática.

## ABSTRACT

*The aim of this study is to analyze, from a functional perspective, the adjectival modifiers of Noun Phrases, focusing on the semantic motivation of the Noun Phrase head: whether headed by first-order entities or Individuals or second-order entities or States-of-Affairs (LYONS, 1977; HENGEVELD, 2008). The purpose of this work is to give some priority to the pragmatic and semantic properties of adjectival modifiers in the variety of Brazilian Portuguese spoken in the northwest of São Paulo State. In order to do so, the analysis based on a functional perspective is aligned to the theoretical framework of The Theory of Functional Grammar (DIK, 1997a) and of the Functional Discourse Grammar (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008). These authors provide a semantic classification of the constituents of the Noun Phrases which is based on their reference to entities (Individuals or States-of-Affairs) of a world and they analyze the process of modification of these entities by the attribution of a property. The analysis of the relationship between modifiers and the head of the Noun Phrases, initially, considers the classification proposed by Negrão et al. (2014), who distinguish adjectives in arguments and predicates. This distinction means that lexical items that, on the one hand, take a position open by the deverbal noun and, on the other hand, those who open a thematic positions taken by the nuclear referent of the Noun Phrase. Moreover, to analyze the semantic aspects of the modifiers, this study considers the classifications proposed by Castilho (2010), Castilho and Moraes de Castilho (1993), Cinque (2010) and Neves (2010). The sample examined was extracted from the IBORUNA Corpus, which was conceived by the Functional Grammar Research Group (Grupo de Pesquisa em Gramática Funcional), of São Paulo State University (UNESP) at São José do Rio Preto. The analysis shows, firstly, that: regardless of the type of entity involved in the head, whether first or second order, the modification after the head (postmodification) is where the adjective is largely preferred to occur in Morphosyntactic Encoding. In addition, the distribution through the place before the head (premodification) and postmodification in relation to the Noun Phrase head is provided with a high degree of regularity motivated by specific semantic features of the modifier. Secondly, the premodification, even if it is applied with low frequency in the data, is properly aligned to pragmatic and semantic specific features. Finally, these results show how semantic motivations and, less frequently, pragmatic ones, are involved in the fulfilling of specific positions of adjectives inside the Noun Phrase.*

**Keywords:** *Functionalism. Modifier. Adjective. Noun Phrase. Semantics. Pragmatics.*

## **LISTAS DE ILUSTRAÇÕES**

### **LISTA DE QUADROS**

|  |     |
|--|-----|
| Quadro 1: Funções dos itens potenciais em posição pré-nuclear      | 33  |
| Quadro 2: Mecanismos de modificação para Dik (1989)                | 42  |
| Quadro 3: Tipos de entidades                                       | 44  |
| Quadro 4: Tipologia de SNs   | 58  |
| Quadro 5: Tipos de modificadores de SNs                            | 62  |
| Quadro 6: Fatores de análise                                       | 85  |
| Quadro 7: Tipologia dos SNs em relação aos níveis de representação | 133 |
| Quadro 8: Tipos de Modificadores em relação ao Nível de atuação    | 139 |

### **LISTA DE FIGURAS**

|  |    |
|--|----|
| Figura 1: Relações derivativas possíveis entre categorias predicativas                   | 43 |
| Figura 2: Layout geral da GDF  | 45 |
| Figura 3: Estrutura das camadas  | 46 |
| Figura 4: O Nível Interpessoal   | 46 |
| Figura 5: O Nível Representacional   | 47 |
| Figura 6: O Nível Morfossintático  | 48 |
| Figura 7: O Nível Fonológico   | 49 |
| Figura 8: A estrutura formal do SN em relação aos Níveis Interpessoal e Representacional | 57 |
| Figura 9: Ajustes formais entre verbos e substantivos                                    | 59 |
| Figura 10: Posição dos adjetivos   | 89 |

### **LISTA DE GRÁFICOS**

|  |     |
|--|-----|
| Gráfico 1: Relação entre natureza semântica do modificador e relação do modificador com o núcleo | 95  |
| Gráfico 2: Natureza semântica de nomes de primeira ordem   | 96  |
| Gráfico 3: Natureza semântica de nomes de segunda ordem  | 99  |
| Gráfico 4: Posição dos adjetivos em relação ao núcleo  | 101 |



## LISTA DE TABELAS

|   |     |
|---|-----|
| Tabela 1: Correlação entre natureza do referente nuclear e relação do modificador com o núcleo nominal      | 91  |
| Tabela 2: Correlação entre a posição do modificador em relação ao núcleo e a natureza semântica do adjetivo | 102 |

## ABREVIACOES E SÍMBOLOS

|      |                         |
|------|-------------------------|
| AGE  | Idade                   |
| ATTR | Atributivo              |
| CL   | Classe                  |
| CONT | Propriedade contingente |
| DEM  | Demonstrativo           |
| DEF  | Definido                |
| EVAL | Avaliativo              |
| HAB  | Habitual                |
| INAN | Inanimado               |
| LOC  | Locativo                |
| OBJ  | Objeto                  |
| OBJV | Objetivo                |
| PERM | Propriedade permanente  |
| PL   | Plural                  |
| SG   | Singular                |

## RELACIONADOS AO NÍVEL INTERPESSOAL

|                |                                      |
|----------------|--------------------------------------|
| A              | Destinatário                         |
| A <sub>1</sub> | Ato discursivo                       |
| C <sub>1</sub> | Conteúdo comunicado                  |
| EMPH           | nfase                               |
| F <sub>1</sub> | Ilocuo                             |
| ILL            | Variável para uma ilocuo           |
| M <sub>1</sub> | Movimento                            |
| P <sub>1</sub> | Ato de fala orientado para o falante |
| R <sub>1</sub> | Subato de referência                 |
| T <sub>1</sub> | Subato de atribuição                 |
| Π              | Operador                             |
| Σ              | Modificador                          |
| Φ              | Função                               |
| REC            | Recipiente                           |

## RELACIONADOS AO NÍVEL REPRESENTACIONAL

|                 |                            |
|-----------------|----------------------------|
| e <sub>1</sub>  | Estado de Coisas           |
| ep <sub>1</sub> | Episódio                   |
| f <sub>1</sub>  | Propriedade                |
| p <sub>1</sub>  | Conteúdo proposicional     |
| x <sub>1</sub>  | Indivíduo                  |
| π               | Operador                   |
| σ               | Modificador                |
| σ <sup>f</sup>  | Modificador de propriedade |
| Φ               | Função                     |

## RELACIONADOS AO NÍVEL MORFOSSINTÁTICO

|                   |  |
|-------------------|--|
| Adv <sub>p1</sub> | Sintagma adverbial                                   |
| Cl <sub>1</sub>   | Oração   |
| CONTR             | Controle   |
| Np <sub>1</sub>   | Sintagma nominal                                     |
| Le <sub>1</sub>   | Expressão linguística                                |
| P <sup>F</sup>    | Posição final  |
| P <sup>F+N</sup>  | Posição situada em N lugares antes da P <sup>F</sup> |
| P <sup>I</sup>    | Posição inicial                                      |
| P <sup>I+N</sup>  | Posição situada em N lugares antes da P <sup>I</sup> |
| P <sup>M</sup>    | Posição medial                                       |
| Vp <sub>1</sub>   | Sintagma verbal                                      |
| Xp <sub>1</sub>   | Sintagma (do tipo x)                                 |
| Xw <sub>1</sub>   | Palavra (do tipo x)                                  |

## RELACIONADOS AO NÍVEL FONOLÓGICO

|                 |                    |
|-----------------|--------------------|
| IP <sub>1</sub> | Frase entonacional |
| PP <sub>1</sub> | Frase fonológica   |
| PW <sub>1</sub> | Palavra fonológica |
| U <sub>1</sub>  | Enunciado          |

## SUMÁRIO

|  |     |
|--|-----|
| 0. INTRODUÇÃO.....   | 13  |
| 0.1. Justificativa e relevância do tema.....   | 13  |
| 0.2. Proposta de trabalho .....  | 16  |
| 0.3. Organização do texto .....  | 20  |
| 1. FUNDAMENTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS.....  | 21  |
| 1.0. Introdução.....   | 21  |
| 1.1. Os adjetivos na gramática tradicional.....  | 21  |
| 1.2. Os adjetivos na literatura linguística .....  | 29  |
| 1.2.1. Perspectiva formalista .....  | 29  |
| 1.2.2. A perspectiva funcionalista .....   | 40  |
| 1.3. Propriedades semânticas do adjetivo.....  | 62  |
| 2. DELIMITAÇÃO DO OBJETO DE ESTUDOS E DO UNIVERSO DE INVESTIGAÇÃO,<br>PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS E HIPÓTESES..... | 70  |
| 2.0. Introdução.....   | 70  |
| 2.1. O objeto de estudos: delimitação e identificação .....  | 70  |
| 2.2. Técnicas e procedimentos metodológicos .....  | 77  |
| 2.3. Fatores de análise e perguntas de pesquisa.....   | 85  |
| 3. ANÁLISE DA MODIFICAÇÃO ADJETIVAL NA VARIEDADE RIO-PRETENSE .....  | 91  |
| 3.0 Introdução.....  | 91  |
| 3.1. Relação entre tipos de entidades e de predicação.....   | 91  |
| 3.2. Relação entre a natureza semântica do modificador e entidades de primeira ordem .....                         | 95  |
| 3.3. Natureza semântica do modificador em relação a entidades de segunda ordem.....                                | 98  |
| 3.4. A posição do modificador em relação ao núcleo.....  | 100 |
| 3.5. Tipos semânticos de modificadores: análise individual .....   | 105 |
| 3.5.0. Introdução.....   | 105 |
| 3.5.1. Adjetivos classificadores .....   | 105 |
| 3.5.2. Adjetivos verificadores.....  | 108 |

|  |     |
|--|-----|
| 3.5.3. Adjetivos de estado.....                    | 111 |
| 3.5.4. Adjetivos como predicados .....             | 111 |
| 3.5.5. Adjetivos qualificadores .....              | 113 |
| 3.5.6. Adjetivos quantificadores .....             | 120 |
| 3.5.7. Generalizações e implicações teóricas ..... | 121 |
| 4. CONCLUSÕES .....                                | 134 |
| REFERÊNCIAS .....                                  | 141 |

## 0. INTRODUÇÃO

### 0.1. Justificativa e relevância do tema

Discutimos, neste estudo, a função semântica de atribuição de propriedade, referida na tradição gramatical como qualificação, que modifica características de entidades referenciadas pelo núcleo de sintagma nominal, doravante SN. Essa função semântica é tradicionalmente atribuída, nas gramáticas tradicionais (doravante GT), aos adjetivos. Além disso, discutimos a função de referência a entidades; associada tradicionalmente à classe dos substantivos<sup>1</sup>.

Como é um pressuposto altamente aceito na literatura que, no interior de um SN, os adjetivos somente se movimentam como satélites atrelados aos substantivos, neste trabalho, perguntamos se os adjetivos acabam por confinar-se a subcategorias próprias de sua classe lexical, ou se existem tipos específicos de adjetivos vinculados a tipos específicos de entidades referenciadas. Essa hipótese implica analisar o elemento nuclear de atração, o substantivo, que também é objeto de estudo nesta dissertação, para verificar se dois tipos específicos de entidades (Indivíduos e Estado de Coisas) dão preferência pela seleção de um adjetivo ao invés de outro. Além disso, na leitura das correlações potenciais estabelecidas entre a semântica dos adjetivos e as entidades referenciadas, analisamos qual a posição que cada tipo de adjetivo prefere ocupar em relação ao substantivo do qual é atributo, se à direita ou se à esquerda do núcleo do SN.

Para tanto, parte-se do pressuposto de que a atividade de atribuição de propriedades a SNs centra-se na subclasse já cristalizada de adjetivos simples<sup>2</sup>, apresentados com base em uma aparente consolidação formal na GT. Para projeção da complexidade desses itens lexicais, utilizamos o termo “modificador” para representar o que se entende por uma

---

<sup>1</sup> Parte das reflexões propostas nesta dissertação originaram-se durante pesquisa, na modalidade de Iniciação Científica na UNESP/IBILCE, orientada pelo Prof. Dr. Roberto Gomes Camacho. Nesse estudo inicial, analisamos especificamente as propriedades semânticas e morfossintáticas de núcleos nominais na diacronia do português brasileiro, delimitando o recorte em nomes de massa (ouro, água etc). A partir da análise das ocorrências, identificamos um conjunto de processos envolvidos na constituição de toda a estrutura formal de um SN, principalmente, os usos diferenciais dos modificadores, motivando uma análise específica desses itens lexicais na modalidade de Mestrado. O trabalho foi desenvolvido de outubro de 2012 a setembro de 2013 e tem como título “Propriedades semânticas e morfossintáticas do núcleo nominal na diacronia do português”, registrado pela Seção Técnica Acadêmica da UNESP/IBILCE em 25 de junho de 2014.

<sup>2</sup> A nomenclatura *adjetivo simples* é utilizada por Castilho (2010), Cunha e Cintra (2008) e Neves (2011). Castilho (2010) e Cunha e Cintra (2008) não especificam, necessariamente, as particularidades dessa classe de adjetivos. Castilho (2010) elenca a nomenclatura para fazer referência a adjetivos que designam cores básicas. Cunha e Cintra (2008) fazem uso da nomenclatura para explicar o plural dessa classe de palavras, para, na sequência, opô-la ao plural dos adjetivos compostos. Para Neves (2011), no português, existem os adjetivos simples e os adjetivos perifrásticos ou locuções adjetivas. Nossa análise alinha-se a essa última perspectiva; não analisamos, portanto, sintagmas adjetivais preposicionados ou orações adjetivas.

categoria tipicamente semântica fortemente vinculada à referida classe gramatical dos adjetivos.

A tradição gramatical subdivide a classe dos nomes em substantivos e adjetivos com base na observação de suas características morfológicas e semânticas, entendidas, respectivamente, como propriedade de flexão, quando as duas classes figuram juntas no interior de um SN; e propriedade de referência, singularizada no fato de certos adjetivos se referirem a uma entidade, nomeando-a, como se costuma atribuir ao substantivo (*o japonês budista*), além de dar-lhe um caráter de modificador (*o budista japonês*).

Ao prescreverem regras de caracterização das classes de palavras e das estruturas sintáticas do português, Ali (1964), Cunha e Cintra (2008) e Bechara (2009), por exemplo, caracterizam essas duas classes, substantivos e adjetivos, com muita proximidade comparativa. Pode-se, portanto, resumi-la mediante a afirmação de que substantivos e adjetivos, para além da caracterização morfológica, são classificados com base em uma caracterização semântica genérica, se não prototípica: substantivos são palavras que designam ou nomeiam seres e adjetivos atuam como modificadores dos substantivos, qualificando a entidade referida por eles.

Em sua gramática voltada para a análise das estruturas do inglês, Greenbaum et al. (1985) descrevem a classe dos adjetivos com base na posição de constituinte que ocupam no interior do SN, podendo figurar, assim, em duas posições possíveis em relação ao núcleo: à direita (pós-modificação) ou à esquerda (pré-modificação). Essa análise que, em si mesma, já se distingue daquelas adotadas pela GT, na descrição do português, permite fazer inferências sobre os sentidos projetados, quando um adjetivo ocupa uma posição à direita ou à esquerda do núcleo nominal, ou seja, permite estabelecer relações entre a codificação morfossintática e entre as propriedades pragmáticas e semânticas dos adjetivos.

Na descrição do português, encontram-se trabalhos que se debruçam sobre a análise da estrutura do SN, portanto, dos itens que figuram potencialmente no interior dessa estrutura sintática. Em um trabalho de natureza descritiva, Perini (1995) propõe uma análise das funções presentes no SN com base num conjunto de critérios formais e distribucionais. Para esse autor, a abordagem proposta pela GT é simplista e inadequada, por não considerar a estrutura interna do SN. Apesar do ponto de vista essencialmente formal, Perini (1995) fornece dados interpretativos relevantes mediante a descrição das funções que os constituintes podem exercer no interior do SN e mediante a indicação de posições em que figuram potencialmente.

No entanto, a proposta apresentada nesse trabalho investiga os modificadores com base em parâmetros pragmáticos e aprofundar a reflexão sobre os parâmetros semânticos da modificação em SNs. Essa postura analítica requer não só uma descrição distribucional em termos das posições que ocupam na estrutura do SN, mas também uma descrição baseada nos aspectos funcionais motivadores dessa distribuição com base na análise de uma amostra de ocorrências reais da variedade falada<sup>3</sup> em São José do Rio Preto e em cidades adjacentes, extraída do *Cópus Iboruna*.

Essa posição significa, portanto, tomar os SNs nucleados por entidades de primeira ordem, considerados prototípicos, e os de segunda, considerados não prototípicos<sup>4</sup> (LYONS, 1977; HENGEVELD, 2008) para a análise da estrutura morfológica do SN, tendo por base as distinções impostas pelo núcleo nominal, que são projetadas pelo Nível Interpessoal e pelo Nível Representacional (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008).

O objetivo geral é, portanto, verificar se as posições fixas ou variáveis do adjetivo na estrutura do SN, uma categoria tipicamente morfossintática, são motivadas por propriedades pragmáticas e semânticas do núcleo e do modificador. Essa postura justifica-se especialmente por levar em conta que autores, como Greenbaum et al. (1985) e Perini (1995), postulam ser possível, apenas de um ponto de vista estrutural, o lugar no SN determinado para o exercício da função de modificação. Além disso, examinamos o grau em que a posição efetiva e potencial desses itens, na codificação morfossintática, tem a ver com a natureza semântica e pragmática do próprio núcleo.

Em termos mais específicos, o trabalho pretende verificar em que medida a natureza semântica do núcleo, se *Indivíduo* ou *Estado de Coisas*, influencia a seleção dos

---

<sup>3</sup> A escolha por um *cópus* falado parte, principalmente, do fato dessa pesquisa ser funcionalista, vinculada à *Teoria da Gramática Funcional* (DIK, 1997a) e à *Gramática Discursivo-Funcional* (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008). A partir desse alinhamento teórico, consideramos que a língua tem propósitos comunicativos e é um instrumento de interação social. As expressões linguísticas – nesse trabalho, os SNs – são consideradas, a partir de sua relação com o contexto linguístico, em situações reais de comunicação. Portanto, a escolha do *Cópus Iboruna*, um registro de fala, visa a obtenção de ocorrências reais com maior grau de espontaneidade na situação discursiva; ocorrências, portanto, vinculadas ao uso no contexto social, como requer a metodologia funcionalista adotada.

<sup>4</sup> Na análise do português, as noções *nome de primeira* e *nome de segunda ordem* foram recuperadas, por exemplo, por Camacho, Dall’Aglio-Hattner e Gonçalves (2014). Para os autores, as entidades de primeira ordem, “referência mais prototípica dos substantivos, são indivíduos (pessoas, animais e coisas) e têm as seguintes características: (i) sob condições normais, são relativamente constantes quanto a suas propriedades perceptuais; (ii) são localizadas em algum ponto no tempo e no espaço; (iii) são observáveis publicamente; (iv) podem ser avaliadas em termos de sua existência. Assim, podem ser alvo de atribuições de propriedades. São exemplos: *homem, gato, caneta* etc.” (CAMACHO; DALL’AGLIO-HATTNER; GONÇALVES, 2014, p. 23). Essas entidades diferenciam-se, por sua vez, das entidades de segunda ordem que “designam estado de coisas (ações, processos, estados e posições) e se caracterizam por poder: (i) ser localizadas no tempo e ter uma certa duração temporal; (ii) ocorrer, e não poder existir; (iii) ser avaliadas em termos de sua realidade. São exemplos: *chegada, beleza, morte* etc.” (CAMACHO; DALL’AGLIO-HATTNER; GONÇALVES, 2014, p. 23).



modificadores e em que medida a natureza semântica dos próprios modificadores é suficientemente decisiva para que o adjetivo se abrigue, em termos morfossintáticos, com alteração ou não de conteúdo, à esquerda, à direita ou em ambas as posições.

A análise proposta se justifica, portanto, no fato de que ela amplia metodologicamente a investigação expandindo-se o escopo da análise do aspecto meramente distribucional dos adjetivos no interior do SN e para incluir a busca de motivações pragmáticas e semânticas para a codificação morfossintática do SN. Essa postura implica procurar razões funcionais para explicar a ordenação em comparação com razões formais quando se faz referências às propriedades dos adjetivos no português.

A ordenação dos itens no interior do SN pode ser explicada com base em fatores que transcendam motivações de ordenação morfossintática, circunscrita apenas à posição em si do modificador: à direita e à esquerda do núcleo. Nesse processo, estariam implicados interesses específicos na distribuição não convencional: interesses estilísticos; interesses em dotar esses itens lexicais de um sentido figurado; ou interesses de colocação do epíteto retórico<sup>5</sup>, ou seja, utilizá-los para acentuar parte do significado do substantivo, exprimindo uma qualidade distintiva e individual do núcleo nominal.

Para tanto, com a projeção de novas perspectivas para o estudo da modificação, selecionamos, como suporte da análise, os pressupostos teórico-metodológicos postulados pela Teoria da Gramática Funcional, doravante GF, de Dik (1997a), e da Gramática Discursivo-Funcional, doravante GDF, de Hengeveld e Mackenzie (2008).

## 0.2. Proposta de trabalho

A categoria linguística SN assenta suas bases nos postulados da linguística moderna e, com base num panorama geral de discussão, os estudos linguísticos a analisam como uma categoria linguística que já tem uma longa existência na tradição gramatical. O próprio conceito moderno de sintagma, desenvolvido pela linguística, que deu origem ao de SN, foi criado por Saussure ([1917] 2012) para identificar um dos tipos de relação do signo que prevê um mínimo de dois termos igualmente presentes na cadeia falada, que preservam entre si uma relação de contiguidade ou de contraste, em oposição ao conceito de paradigma, cujo modo de

---

<sup>5</sup> Cunha e Cintra (2008) distinguem os epítetos retóricos em duas categorias: *epíteto de natureza* que acentua parte do significado de um substantivo e “pode vir posposto ou anteposto ao substantivo, embora a primeira colocação seja mais frequente” (CUNHA; CINTRA, 2008, p. 282), por exemplo, a *branca neve*; e *epíteto característico*, sempre anteposto ao núcleo, exprime uma qualidade distintiva, individual e conhecida de um nome próprio, por exemplo, o *sábio Nestor*.

manifestação em ausência preserva uma relação de similaridade entre os membros, que se opõem e se excluem mutuamente. O termo ‘sintagma’, ou mais especificamente, SN, foi reatualizado, especialmente pela Gramática Gerativa, desenvolvida por Noam Chomsky a partir da década de 1950, que o identificou como uma estrutura formal finalizada por nós lexicais que constitui a sentença juntamente com o sintagma verbal.

Por conseguinte, diferentes abordagens atendem a interesses teóricos específicos que, em razão de restrições teóricas e metodológicas, não descrevem a totalidade das estruturas sobre as quais se debruçam. Como é objetivo deste trabalho estudar os fenômenos que incidem sobre os adjetivos, argumentando que estes são providos de função pragmática e de função semântica; abordagens vinculadas ao tratamento estritamente formal das unidades linguísticas não atendem a nossos interesses, motivo pelo qual propomos, por um lado, a reflexão sobre em que medida as propriedades semânticas núcleo do SN também contribuem para a inserção de modificadores com semântica específica; e, por outro, como a posição efetiva e potencial dos modificadores no SN relaciona-se com a natureza semântica do núcleo, que se restringe, neste enfoque, a entidades de primeira ordem ou Indivíduos e a entidades de segunda ordem ou Estado de Coisas.

O paradigma que norteia este trabalho configura-se como uma proposta alternativa às diretrizes de gramáticas de natureza normativa ou descritiva e por enfoques linguísticos de caráter formal; em proveito, portanto, de uma perspectiva funcional. Em função disso, a análise aqui proposta se centra, primordialmente, na discussão das possíveis propriedades pragmáticas, semânticas e morfossintáticas dos adjetivos bem como a maneira pela qual a natureza semântica do núcleo do SN, ou seja, do item descrito pela literatura como substantivo, pode influenciar a seleção do adjetivo e a posição que este elemento designador de propriedade ocupa no interior do SN.

Esse tipo de abordagem do fenômeno tem sua pertinência garantida, no fato de que, mesmo dispondo de pistas linguísticas específicas, é uma característica do adjetivo compartilhar propriedades com o substantivo, o que leva a certo grau de flutuação de classificação categorial estabelecida entre essa classe e a dos substantivos, permitindo inseri-las na classe geral dos nomes. A discussão de tais critérios contribui para uma análise que considera que as categorias da gramática e do léxico, usadas na situação comunicativa, não são passíveis de receber apenas uma descrição morfossintática, mas têm seu uso motivado por propriedades pragmáticas e semânticas que condicionam a codificação morfossintática do SN. Em vista disso, as categorias de análise, utilizadas nesta dissertação, em termos de GDF, têm

motivações que estão plenamente de acordo com o arcabouço teórico proposto por Hengeveld e Mackenzie (2008).

Nesse caso, como critérios puramente morfológicos não constituem a matriz deste trabalho, não é nosso objetivo estendermos a discussão às propriedades morfossintáticas dos adjetivos como as descritas nos compêndios gramaticais, tais como marcação de gênero, aceitação de afixos como *-vel*, *-mente*, *-oso*, *-ês*, *-ense*, modalização por advérbios e função de predicado em minissentenças.

Essas características serão mencionadas e, por vezes, empregadas como procedimentos para a obtenção de informações estatísticas que permitam comprovar tendências de uma possível seleção de informações específicas pelo referente nuclear do SN, ainda que elas não venham a ocupar o protagonismo da análise aqui proposta.

Ao defender a existência de motivações pragmáticas e semânticas, que orientam a escolha dos modificadores, determinando, ao mesmo tempo, a posição que eles ocupam no interior do SN, esta dissertação se afasta de análises que explicam a seleção de modificadores no interior do SN apenas com base em critérios puramente estilísticos<sup>6</sup>. Seguindo esse tipo de critério, ao analisar a posição em que os adjetivos aparecem no interior do SN, seria possível identificar significados mais objetivos, à direita, ou mais subjetivos, à esquerda, aplicados aos adjetivos; outra posição explica a presença de um exemplar dessa classe, compondo a estrutura de SN, somente com base na suposição de haver uma característica central: designar uma qualidade a um substantivo ou atribuir-lhe uma propriedade.

Historicamente, os estudos gramaticais têm analisado a classe de palavra dos adjetivos com base em propriedades morfológicas, sintáticas e semânticas, considerando as informações desses três níveis de análise necessárias para caracterização das propriedades específicas de distinção dos adjetivos em relação às outras nove classes de palavras do português. Não seria equivocado afirmar que, na sequência apresentada acima, morfologia, sintaxe e semântica regem, nessa sequência, a tendência geral dessas análises.

Apontam Negrão et al. (2014) que há um caráter intuitivo na classificação dos adjetivos que precisa ser explicitado, ou seja, o tratamento fornecido pelas gramáticas tradicionais frequentemente vem atrelado essencialmente às propriedades detectadas no nível morfológico e a referência à sintaxe se restringe ao maior ou menor grau de objetividade atribuído a esses itens lexicais, quando localizados à direita ou à esquerda no núcleo com o qual compartilham a mesma estrutura sintagmática.

---

<sup>6</sup> Cunha e Cintra (2008) afirma, por exemplo, que encontrar “o adjetivo preciso e colocá-lo adequadamente junto ao substantivo que qualifica é sempre uma operação artística.” (CUNHA; CINTRA, 2008, p. 282).

Quanto à semântica, reserva-se aos adjetivos a propriedade de atribuição de uma característica ou a designação de uma qualidade aos substantivos, embora seja de conhecimento geral que os adjetivos possam atribuir propriedades a outros adjetivos ou serem núcleo de um sintagma verbal, tendo função predicativa explícita. Levando em conta essas considerações, este trabalho pretende contribuir com a discussão dessa classe de palavra, com base nas propriedades pragmáticas e semânticas dos adjetivos, conforme análise sugerida por Hengeveld e Mackenzie (2008).

A análise leva em conta também a possibilidade de o adjetivo ser graduável, de aceitar prefixos numéricos ou de negação, ou seja, elementos distintivos já presentes na tradição gramatical; porém, quando pertinentes à análise, essas informações estarão associadas a informações de natureza semântica. Esse procedimento pretende associar os dados obtidos a uma proposta funcional de análise, com base no arcabouço da GDF (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008).

Em outros termos, pretendemos verificar se a análise funcional das classes de palavras adotada por Hengeveld (2008), mediante um enfoque não exclusivamente morfossintático, mas pragmática e semanticamente orientado, é de fato aplicável aos dados da variedade riopretense do português. A título de contraste, o alinhamento ao modelo postulado por Hengeveld e Mackenzie (2008) não impede que este trabalho recorra também aos estudos sobre os adjetivos e suas propriedades morfossintáticas e semânticas, propostos por outros autores que trataram do tema, como, de uma perspectiva descritiva e funcionalista, Castilho e Moraes de Castilho (1993), Castilho (2010) e Neves (2011); e, de uma perspectiva formalista, Greenbaum et al. (1985), Perini (1995), Cinque (2010) e Negrão et al. (2014).

A finalidade essencial da adoção de um procedimento funcional é mostrar, na constituição morfossintática do SN, própria do processo de codificação, as motivações emanadas da língua em funcionamento posta em uso por seus usuários, ou seja, as motivações derivadas do processo de formulação (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008).

Em suma, com base nos limites categoriais fornecidos pelas gramáticas tradicionais, que dispõem de categorias fixas para o tratamento dos elementos constituintes do SN, pretendemos desenvolver uma descrição capaz de propor uma análise funcional para a modificação. A análise dos itens linguísticos do SN pretende projetar, dentro dos diferentes níveis de análise propostos pela GDF, o conteúdo advindo dos Níveis Interpessoal e Representacional.

### 0.3. Organização do texto

Esta dissertação está dividida em três capítulos. O Capítulo 1 apresenta um quadro geral do que dizem os gramáticos na perspectiva da tradição dentro da GT, restrita, porém, à perspectiva de Ali (20--; 1964), Cunha e Cintra (2008) e Bechara (2009), com o objetivo de discutir como se analisa a classe dos adjetivos da perspectiva de sua estrutura formal. Em seguida, da perspectiva funcional, que compreende a centralidade deste trabalho, são expostos os pressupostos teóricos de Dik (1997a; 1997b) e de Hengeveld e Mackenzie (2008). Na sequência, serão contempladas também descrições complementares, mais voltadas para o espectro formal do *continuum* teórico, que discutem a complexidade da questão da adjunção de elementos ao núcleo do SN, com base em Negrão et al. (2014) e Cinque (2010). Discute-se, em seguida, a natureza das entidades referenciadas cujas propriedades são modificadas pelos adjetivos e a classificação dos adjetivos, especialmente de natureza semântica, com base em Basílio (2013), Neves (2011), Castilho (2010) e Castilho e Moraes de Castilho (1993).

O capítulo 2 delimita detalhadamente o objeto de estudos, para prosseguir com os procedimentos e técnicas de investigação, que permitem, com base no suporte teórico já discutido no Capítulo 1, estabelecer as principais hipóteses de pesquisa.

O Capítulo 3 está organizado de modo tal a apresentar uma análise ao mesmo tempo quantitativa e qualitativa dos modificadores adjetivais a demonstrar a complexidade categorial que perpassa os Níveis de Formulação, o Interpessoal e o Representacional, e os de Codificação, o Morfossintático e o Fonológico<sup>7</sup>. A análise aplica-se, em primeiro lugar, aos resultados gerais tomados como um todo e também à análise individual das subclasses semânticas de modificadores. Fica para o final a tarefa de propor algumas generalizações e implicações teóricas provindas da análise mais refinada das categorias envolvidas.

A seção derradeira, a das conclusões, faz um balanço geral das principais hipóteses e do modo como os dados as confirmam, além de fornecer conclusões mais gerais extraídas da análise individual de ocorrências extraídas do *Córpus Iboruna*.

---

<sup>7</sup> Esta dissertação não desenvolve uma análise fonológica sistemática dos modificadores de Indivíduos e Estado de Coisas. O Nível Fonológico será elencado quando responsável pela codificação de função do Nível Interpessoal (cf., por exemplo, análise da ocorrência *uma operação primorosa* no exemplo 3.75).

## 1. FUNDAMENTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

### 1.0. Introdução

Apresentamos a seguir um panorama geral do que dizem os gramáticos na perspectiva da tradição dentro da GT, restrita, porém, à perspectiva de Ali (20--; 1964), Cunha e Cintra (2008) e Bechara (2009) com o objetivo de discutirmos como se analisa a classe dos adjetivos da perspectiva de sua estrutura formal. O recurso às reflexões desses gramáticos tem o objetivo de fornecer um recorte dos aspectos pertinentes à análise aqui proposta.

Em seguida, da perspectiva funcional, em que se centra este trabalho, serão expostos os pressupostos teóricos de Dik (1997a; 1997b) e de Hengeveld e Mackenzie (2008). Na sequência, serão contempladas também descrições gramaticais que discutem a complexidade da questão da adjunção de elementos ao núcleo do SN, para que seja possível delinear os pressupostos teóricos. Discute-se, em seguida, a natureza das entidades referenciadas cujas propriedades são modificadas pelos adjetivos. A parte final desta seção apresentará uma discussão sobre a ordem dos constituintes.

### 1.1. Os adjetivos na gramática tradicional

Ali (1964) define a classe dos adjetivos a partir da explicação de as palavras que compõem esse grupo se juntarem ao substantivo para denotarem uma qualidade, uma propriedade, uma condição ou um estado do respectivo ser. Já a classe dos substantivos tem como característica designar os seres. Sua abordagem restringe-se a aspectos semânticos da referência, sem menção a aspectos pragmáticos derivados da atitude do locutor em relação à referência do SN.

Entretanto, Ali (1964) pontua que o “systema grammatical antigo” (ALI, 1964, p. 77) inclui, na categoria dos adjetivos, todos os vocábulos delimitadores e individualizadores como pronomes adjetivos e quantificadores, aos quais se atribuía o rótulo ‘adjetivos determinativos’, “ao passo que para os adjectivos propriamente ditos reservam o nome de adjectivos **qualificativos**” (ALI, 1964, p. 77). O autor, nessa citação, salienta que o traço da qualificação era elemento essencial para estabelecer o caráter prototípico da classe; havia, portanto, a tentativa de especificar as propriedades intrínsecas às classes para a análise de dados do português.

Além disso, alinhada às reflexões deste trabalho está a argumentação desenvolvida por Ali (20--) na edição anterior a de 1964 de sua gramática em que se encontra uma seção intitulada “Nome em geral”; nela, lê-se a citação:

As palavras com que se designam os seres e seus atributos chamam-se simplesmente *nomes*. É o termo mais despretenhoso [sic] e mais acertado de toda a nomenclatura gramatical. Fazendo-se, como se faz, distinção entre as denominações dos seres propriamente ditos e as denominações dos atributos de dimensão, tamanho, cor, consistência, etc. pelos quaes os differençamos uns dos outros, torna-se necessário dividir os nomes em substantivos e adjectivos.

Os attributos, posto que sejam inherentes aos seres, são considerados muitas vezes como se existissem separados delles, como se fossem outras entidades. (ALI, s/d, p. 45)

A citação enfoca a necessidade de distinção entre os nomes responsáveis pela denominação dos seres e dos nomes que denominam atributos, motivação pela qual nomes se subdividem em substantivos e adjetivos. Ali (20--) reconhece que a simples utilização do termo ‘nome’, para englobar substantivos e adjetivos dentro da gramática faz dessa generalização despretenhosa a mais acertada de toda nomenclatura gramatical. Da análise do autor, depreendemos que o simplismo da metalinguagem é ineficiente, para análise das complexas relações estabelecidas entre substantivos e adjetivos. A análise que segue a seção “Nomes em geral”, entretanto, aborda os aspectos morfológicos e sintáticos de adjetivos e substantivos. Nessa gramática, é a utilização do termo ‘atributo’, que faz referência à principal função dos modificadores adjetivais: a função atributiva.

Bechara (2009), por seu lado, classifica os adjetivos como uma classe de lexemas que têm como característica a construção da delimitação, por caracterizarem as propriedades designativas dos substantivos, orientando a referência de uma parte ou de um aspecto do denotado.

Apesar de preferir termos já em uso nos estudos linguísticos, como a referência ao vocábulo ‘lexema’, Bechara (2009) também discute aspectos semânticos das classes de palavras. Embora esse autor não forneça uma análise da estrutura formal do SN, enfoca as propriedades semânticas das classes analisadas, principalmente, quando voltadas para o núcleo nominal.

No texto de Bechara (2009), a menção às noções de substância e objeto mental para o tratamento dos substantivos denota um avanço em relação à proposta de Ali (1964) e mesmo de gramáticas como a de Cunha e Cintra (2008), cuja abordagem se aproxima muito da proposta feita por Ali (1964), ou seja: analisam-se os adjetivos com base na projeção das propriedades de designação e de modificação do substantivo.

Em relação aos substantivos, Bechara (2009) assume um escopo mais amplo de análise, ao defini-los como uma classe de lexemas, cuja caracterização é significar os objetos substantivos. Significam, portanto, substâncias (*casa, homem e carro*) e objetos mentais apreendidos como substâncias, por exprimirem qualidade (*bondade e brancura*), estados (*saúde*) ou mesmo processos (*chegada e aceitação*), reconhecidos como casos de nominalização; ou seja, encontra-se, nessas definições, uma menção implícita às diversas ordens de classificação do nome em termos de sua referência.

A delimitação de um substantivo, segundo Bechara (2009), apresenta distinções específicas, que ele apresenta por meio de três conceitos: explicação, especialização e especificação. Os delimitadores explicadores teriam como função destacar e acentuar uma característica inerente do nomeado ou do denotado:

- (1.1) Inf.: a angioplastia... a angioplastia é a:: desobstruicã/ a de/ éh que desobstrói... **a:: a arte/ a artéria coronária**<sup>8</sup> que tá obstruída... (AC-115; RP: L.284-285)<sup>9</sup>

Os delimitadores especializadores marcariam os limites extensivos ou intensivos, sem isolar esse item lexical nem o contrapor a outros capazes de caber na mesma denominação:

- (1.2) MAS como... eu tô falan(d)o de avião desde o p/ do princípio vamo(s) falá(r) do... que que eu sei fazê(r)... sempre me aprimoran(d)o... porque treinamento é... é tudo né?... atendê(r) passageiro... que que é atendê(r) passageiro?... a agência de viagem... fornece vamo(s) falá(r) só de passagem... que é mais prático... o passage(i)RO chega na agência... compra **a passagem aérea**... (AC-051; RP: L.325-329)

Os delimitadores especificadores distintivos restringiriam a possibilidade de referência dos substantivos, juntando-lhe características que não são inerentes ao significado:

- (1.3) Aí as pessoas foram entran(d)o e também entrô(u) **um rapaz loiro** também (AC-048; NE: L.11-12)

Em relação aos especificadores, Bechara (2009) estabelece ainda uma subdivisão entre a especificação distintiva e a especificação informativa ou identificação. Aquela, como

<sup>8</sup> Todos os negritos e sublinhados das ocorrências são destaques do autor.

<sup>9</sup> A leitura da referência das ocorrências segue a seguinte formulação: tipo de amostra de fala controlada sociolinguisticamente (AC – Amostra Censo), tipo de texto (RP – Relato de Procedimento, NE – Narrativa de Experiência, NR – Narrativa Recontada; DE – Descrição, RO – Relato de Opinião) e linhas do exemplo recortado.



demonstrado em (1.3), delimitaria classes mais extensas; esta, exemplificada em (1.4), especificaria o significado de uma forma, de modo a torná-la inequívoca ao ouvinte.

- (1.4) as:: salas também possui uma pratele(i)ra onde são colocados **os livros infantis** que todas as salas possui... esses livros infantis eles ficam a disposição dos alunos... (AC-088; DE: L.332-330)

Essas quatro distinções são consideradas pelo autor como instrumentos gramaticais de determinação nominal que são expressos por palavras dotadas de significado categorial e lexical das classes dos adjetivos.

Na proposta de Bechara (2009), o traço de delimitação dos adjetivos assume o protagonismo e contribui para a compreensão de que a função sintática de adjunção tem suas vicissitudes. A mera observação das ocorrências permite verificar que o reflexo do comportamento dos adjetivos no interior do SN não é aleatório, dispondo de motivações diferentes das que dispõe o arcabouço teórico mais ortodoxo da GT. Uma rápida observação dos casos de delimitação permite perceber que os adjetivos *coronária*, *aérea*, *loiro* e *infantis* não permitem anteposição em relação ao núcleo, o que não é mencionado pelo autor.

Bechara (2009) apresenta uma nota sobre a terminologia utilizada, explicando a necessidade de distinguir substantivos e adjetivos da classe dos nomes, pois, segundo o autor:

Os gramáticos antigos gregos e latinos reuniam substantivos e adjetivos numa só classe, a dos *nomes*, como ainda fazem alguns gramáticos de línguas estrangeiras (ingleses, por exemplo). Só na Idade Média se fez a distinção entre nomes substantivos e nomes adjetivos. Isto porque um mesmo objeto pode ser apreendido ou como objeto absoluto e independente (isto é, substância afetada por um acidente: *o forte amor*), ou como objeto dependente (inerente a um sujeito: *o homem amoroso*). Daí com frequência, poder o mesmo significante ocorrer com um ou outro desses valores: *alto monte* – *o alto do monte*. (BECHARA, 2009, p. 151)

Essa consideração retoma a discussão do estatuto categorial dos adjetivos, embora a citação do autor não inclua as noções de referência e atribuição, respectivamente, empregadas a substantivos e a adjetivos. A citação traz em si a reflexão sobre valores semânticos distintos referenciados pelo núcleo nominal e sobre a possibilidade de a casa referencial na estrutura potencial de um SN também ser preenchida por adjetivos simples.

Cunha e Cintra (2008), por seu lado, propõem a seguinte definição: “O ADJETIVO é essencialmente um modificador do substantivo” (CUNHA; CINTRA, 2008, p. 259). Mesmo sem o desenvolvimento da noção, Cunha e Cintra (2008) atribuem protagonismo ao termo ‘modificador’, além, de darem relevo ao significado dessa classe de palavras: a informação

morfossintática de adjunção presente no adjetivo é substituída pela informação da propriedade semântica de modificar a entidade referenciada. Na perspectiva dos autores, são reservadas aos adjetivos outras propriedades semânticas: caracterização, relação e classificação.

Nas ocorrências (1.5) e (1.6), os adjetivos *azul* e *simples* seriam classificados como de caracterização, pois estes, segundo os autores, são os responsáveis pela definição de seres, objetos ou noções nomeadas pelos substantivos, indicando uma qualidade, um modo de ser, um aspecto ou aparência e um estado.

- (1.5) tem um relógio de pare::de... tem o rosto de Cristo... tem também um/ uma árvore aqui muito bonita que a L. gostô(u) dela a gente comprô::(u) [Doc.: ((risos))] tá aqui no canto da sa::la... tem o **tapete azul** no chão::... tem mais uma::... três quadros de fotografia (AC-139; DE: L.224-227)
- (1.6) então ele mostrô(u) o quê?... vale muito mais o conhecimento que uma pessoa tem do que... a atitude que ela vai tomá(r)... às vezes a atitude pode sê(r) muito simples... mas pra ela chegá(r)... a tomá(r) **aquela atitude muito simples** ela tem que tê(r) tido MUItto conhecimento... (AC-099; NR: L.175-178)

Novamente, uma análise especulativa permite perceber que, embora uma leitura prévia possibilitasse classificar os adjetivos *azul* e *simples* como caracterizadores, eles dispõem de propriedades distintivas específicas que se correlacionam potencialmente com a entidade denotada. Mesmo que a propriedade *simples* se aplique à entidade de primeira ordem *tapete* (*o tapete simples*), o contrário não se configura como uma construção gramatical possível em um contexto não metafórico (*aquela atitude muito azul*).<sup>10</sup>

Portanto, uma caracterização semântica não fornece todos os mecanismos necessários para análise da relação existente entre a informação semântica dos adjetivos e sua respectiva combinação com entidades de primeira e de segunda ordem. Comparados à classificação proposta por Bechara (2009), esses adjetivos estariam no escopo dos adjetivos delimitadores especificadores distintivos, classificação que parece ser ainda restrita para uma análise mais abrangente das características semânticas dos adjetivos.

Cunha e Cintra (2008) consideram que a segunda propriedade seria a de estabelecer uma relação de tempo, de espaço, de matéria sob o rótulo de ‘adjetivos de relação’. Exemplos

<sup>10</sup> Os teste aplicados à análise da possibilidade de ocorrência de tipos específicos de adjetivos a partir da natureza semântica da entidade que nucleia o sintagma, baseiam-se no trabalho com dados empíricos que objetivaram atestar, positiva ou negativamente, se a ocorrência de modificadores em SNs seria aleatória ou funcionalmente motivada por características externas à semântica adjetival, cuja função mais abrangente seria a de atributo de toda e qualquer entidade referenciada na situação discursiva.

de adjetivos desse tipo podem ser observados em (1.7) *um culto semanal obrigatório* (cf. quadro 6)<sup>11</sup>

- (1.7) por exemplo... diz na qualquer seita religiosa... diz que você tem **um culto semanal obrigatório**... qualquer seita... tem o culto semanal obrigatório... (AC-114; RO: L.820-821)

ocorrência na qual o modificador *semanal* na perspectiva dos autores seria um adjetivo relacional de tempo. Há também as ocorrências (1.8) e (1.9), em que se pode realizar uma leitura dos adjetivos *português* e *brasileira* como modificadores relacionais de procedência a partir da classificação proposta por Cunha e Cintra (2008).

- (1.8) Inf.: a polenta dura eu acho que é dos italianos mesmo [né?] [Doc.: é]... eu como tenho **sanguinho português** então (AC-128; RP: L.279-280)
- (1.9) só de marca de carro né?... éh:: matéria prima **brasile(i)::ra mão-de-obra brasile(i)ra**... num tem nenhuma com patente **brasile(i)ra**... isso aí é:: TRISte cê num acha? (AC-121; RO: L.258-260)

Essa terminologia se distingue da proposta por Bechara (2009), em que a noção relacional de procedência estaria inserida no escopo dos adjetivos explicadores, especializadores ou identificadores.

Finalmente, os adjetivos analisados como classificadores, para Cunha e Cintra (2008), teriam como propriedade caracterizar o substantivo, dotando-o de um caráter específico, como se pode observar nas ocorrências (1.10) e (1.11):

- (1.10) Inf.: [são::] são bem sérios são cobrados bem assim né? que::... se você assumiu isso você tem que assumí(r) uma responsabilidade né?... [Doc.: realmente] aí tem a catena::... **a catena legiônica**... que é a:: oração legionária né?... que é a:: a oração principal da (Tetra) né? que a (Tetra) é um folheto onde tem as orações legionárias... né? [então](AC-023; RP: L.391-395)
- (1.11) é a única área que é mais bagunçada que é a:: área que fica os li::vros... e **os materiais escolares**... (AC-008; DE: L.105-106)

<sup>11</sup> Em nossa análise, não consideramos os adjetivos com essas características como *adjetivos relacionais de tempo* como propõem Cunha e Cintra (2008). Ao contrário, esses adjetivos foram analisados como *modificadores predicativos quantificadores aspectualizadores*; alinham-nos, portanto, ao que Castilho (2010) nomenclatura, especificamente, como *adjetivos quantificadores aspectualizadores iterativos*.

Nas ocorrências acima, *legiônica* e *escolares* estariam contemplados, na visão de Bechara (2009), como estando no escopo dos delimitadores explicadores e especializadores. Entretanto, para Cunha e Cintra (2008), os SNs acima teriam a seguinte propriedade distintiva específica: não apresentam flexão de grau, ou seja, não seria possível a transformação para a *catena mais legiônica* ou mesmo *materiais escolaríssimos*. Porém, essa propriedade parece também não ser atestada nas ocorrências anteriores, não sendo possível, por exemplo, em (1.9) um SN como *uma mão-de-obra mais brasileira*.

Note-se também que os adjetivos contidos em (1.8-11) não aceitam anteposição ao núcleo com o qual estabelecem a relação de modificação. Seria possível perguntar, portanto, que propriedades bloqueariam a possibilidade de anteposição nessas ocorrências. Somente na definição do processo de modificação que caracteriza o modo de ser, Cunha e Cintra (2008) apresentam dois exemplos que permitiriam anteposição: *pessoa simples* e *rapaz delicado*. Seria possível, portanto, as seguintes construções: *simples pessoa* e *delicado rapaz*. Os casos em questão têm como núcleo duas entidades de primeira ordem; todavia, nas ocorrências (1.12) e (1.13), nem todas as entidades de primeira ordem nucleadas por adjetivos que caracterizam substantivos têm o mesmo comportamento apresentado de (1.5-11).

(1.12) esse ácido não come o o(u)ro só o cobre... ele vai absolvê(r) o:: vai saí(r) tipo **uma fumaça vermelha** é o o cobre que o aço vai comê(r)... (AC-071; RP: L.239-240)

(1.13) e depois fomo(s) vê(r) **a igrejinha velha** que tem lá tam(b)ém... a antiga ficô(u) lá... cruzeiro... tudo feito de umas madeira tão bem arrumadinho... do jeito que eu gosto de vê(r) sabe?... coisa antiga (AC-140; DE: L.230-233)

Os SNs em questão, respectivamente, *uma fumaça vermelha* e *uma igrejinha velha* são nucleados por entidades de primeira ordem *fumaça* e *igrejinha* e têm como modificadores adjetivos que caracterizam um aspecto ou uma aparência da entidade referenciada *vermelha* e *velha*. No entanto, em (1.12) a anteposição não se configura em um contexto sintático possível enquanto em (1.13) a anteposição não é vetada, produzindo os seguintes exemplos:

(1.14) \*uma vermelha fumaça

(1.15) a velha igrejinha

Em relação à proposta explicativa de Cunha e Cintra (2008) para os adjetivos de relação, é o de que:

Os adjetivos de relação, derivados de substantivos, são de natureza classificatória, ou seja, precisam o conceito expresso pelo substantivo, restringindo-lhe, pois, a extensão do significado. Não admitem graus de intensidade e vêm normalmente pospostos ao substantivo. A sua anteposição, no caso, provoca uma valorização de sentido muito sensível. (CUNHA; CINTRA, 2008, p. 260)

Fornece-se abaixo, em (1.16), um exemplo de adjetivo de relação de procedência, classificação proposta por Cunha e Cintra (2008):

(1.16) só de marca de carro né?... éh:: **matéria prima brasile(i)::ra** mão-de-obra brasile(i)ra... num tem nenhuma com patente brasile(i)ra... isso aí é:: TRISte cê num acha? (AC-121; RO: L.258-260)

Nessa ocorrência, o modificador *brasileiro* compõe a estrutura do SN, nucleado por uma entidade de primeira ordem *matéria prima*, com a função de restringir o conceito expresso pelo núcleo. Não é uma afirmativa válida a definição categórica proposta por Cunha e Cintra (2008), segundo a qual adjetivos dessa natureza não aceitariam intensificação, já que é possível atestar a possibilidade de existência virtual de um SN como *matéria prima brasileiríssima* ou mesmo de um SN como *matéria prima super brasileira*. Outro ponto a levantar é a possibilidade de anteposição do modificador em relação ao núcleo do SN, o que permitiria a leitura em (1.17).

(1.17) \*brasileira matéria prima

Contudo, a anteposição não é inerente a adjetivos com essas propriedades semânticas. As duas características morfossintáticas, grau de intensidade e posposição, são de fato utilizadas como critérios para a explicação de propriedades de restrição de significado e valorização de sentido, com certo grau de vagueza, no entanto. A verificação dessas possibilidades está no escopo do presente trabalho, ou seja, examinar que correlação a distribuição formal estabelece com a natureza do adjetivo em relação ao substantivo nuclear e como deve ser interpretada essa sensibilidade à valorização de sentido, se o adjetivo é ele mesmo o responsável por predicar uma propriedade do núcleo ou se ele preenche alguma função determinada pelo núcleo nominal.<sup>12</sup>

Outro trecho relevante do texto de Cunha e Cintra (2008) é o que finaliza a seção intitulada “Valor estilístico do adjetivo”, conforme mencionado literalmente:

---

<sup>12</sup> Conferir a Seção 3.4. *A posição do modificador em relação ao núcleo.*

Portanto, quer para a precisão do enunciado, quer para a sua expressividade, o adjetivo impõe-se como termo imprescindível, mas a exigir de quem dele se utilize cuidados especiais, principalmente bom senso e bom gosto. (CUNHA; CINTRA, 2008, p. 280).

Nessa observação, estão associadas à semântica dos adjetivos as propriedades de precisão do enunciado ou de expressividade, mas, para alcançar tal intento, seria necessário que o falante considerasse motivações de ordem subjetiva. No emprego dos adjetivos, facultam-se ao falante as obrigações de bom senso e bom gosto. Ter bom senso ou bom gosto é não só um critério de ordem prescritiva, para Cunha e Cintra (2008), mas também de baixo teor de objetividade descritiva para a análise do uso diário que os falantes fazem dos modificadores. Além do comentário preconceituoso e discriminatório, pois implica potencialmente que somente a alguns indivíduos privilegiados com bom senso e bom gosto estariam reservadas as habilidades necessárias para construção de sintagmas, projeta-se a perspectiva de que ter bom senso e bom gosto seja propriedade privada de algum grupo de falantes supostamente seletos na comunidade de fala.

Diferentemente dessa atitude, este trabalho analisa, como previsto na Seção 0.1, as potenciais motivações funcionais de natureza pragmática e semântica dos modificadores que ativam a codificação morfossintática dos adjetivos junto ao núcleo. Além disso, essa visão ligeira da descrição gramatical na tradição normativa mostra que ela fornece uma prescrição de uso totalmente apoiada numa concepção metalinguística, entendida como se o reconhecimento e a identificação das categorias da gramática seriam suficientes para sustentar o bem falar e o bem escrever, ou seja, o bom senso e o bom gosto. Ao vincular-se a uma teoria da interação verbal, a GDF, este trabalho busca obter mecanismos complementares e mais objetivos para responder a essas questões.

## **1.2. Os adjetivos na literatura linguística**

### **1.2.1. Perspectiva formalista**

Para além das análises da GT, apresentam-se a seguir propostas que analisaram também os modificadores. Inicia-se com a perspectiva de Greenbaum et al. (1985) cuja reflexão volta-se para o tratamento dos modificadores em inglês; e com a de Perini (1995) para descrição dos itens potenciais de um SN em português.

Para Greenbaum et al. (1985), adjetivos são constituintes do SN que se juntam ao núcleo, estabelecendo com ele relações de concordância. Sob a perspectiva morfossintática, esses autores classificam os adjetivos com base na posição que esses itens ocupam no interior do SN. Haveria, na classificação dos modificadores em inglês, duas posições possíveis: pré-modificação e pós-modificação.

Para Greenbaum et al. (1985), a pré-modificação compreende os itens localizados antes do núcleo do SN: os determinantes, os adjetivos e sintagmas adjetivais ou substantivos, como exemplificado abaixo, em relação à gramática do inglês.

- (1.18) Some furniture [alguns móveis]<sup>13</sup>  
 Some *expensive* furniture [alguns móveis caros]  
 Some *very expensive office* furniture [Alguns móveis de escritório muito caros]  
 Some *very very expensive office* furniture [Alguns móveis de escritórios muito muito caros]  
 (GREENBAUM et al., 1985, p. 1239)

A pós-modificação compreende os itens colocados depois do núcleo, conforme os exemplos do inglês fornecidos por Greenbaum et al. (1985) em (1.19), apresentados abaixo:

- |   |  |
|---|--|
| (1.19) Prepositional phrases:<br>[Sintagmas preposicionais] | the car <i>outside the station</i><br>[o carro fora da estação]                              |
| Nonfinite clauses:<br>[Sentenças não finitas]               | the car <i>standing outside the station</i><br>[o carro parado fora da estação]              |
| Relative clauses:<br>[Sentenças relativas ]                 | the car <i>that stood outside the station</i><br>[o carro que estava parado fora da estação] |
| Complementation:<br>[Complementação]                        | a bigger car <i>than that</i><br>[um carro maior que isto]                                   |
- (GREENBAUM et al., 1985, p. 1239)

Além dessas noções de natureza posicional, Greenbaum et al. (1985) analisam modificadores tanto em posição pré-nuclear quanto em posição pós-nuclear como itens sujeitos a duas operações semânticas básicas: restrição e não restrição.

Ocorre restrição quando a referência do núcleo nominal é um membro da classe que pode ser identificada somente por meio da modificação fornecida. A restrição, segundo os autores, indica uma limitação na possível referência do núcleo. Por outro lado, a referência do SN pode ser interpretada como única. Para Greenbaum et al. (1985), a modificação que se aplica a esse tipo de núcleo nominal fornece uma informação adicional não interpretada como

<sup>13</sup> As traduções em língua estrangeira são de responsabilidade do autor.

essencial e por isso não restritiva; essa modificação é caracteristicamente realizada por sentenças relativas.

A modificação, para os autores, pode ser entendida também como permanente ou temporária, uma vez que itens em posição de pré-modificação têm tipicamente o estatuto de permanentes. Já os adjetivos em posposição, que em inglês são predicados, têm referência temporária, como demonstra os exemplos (1.20) e (1.21).

- (1.20) the courteous man [o homem cortês]  
 (1.21) the man who is courteous [o homem que é cortês]  
 (GREENBAUM et al., 1985, p. 1242)

A leitura dos exemplos apresentados por Greenbaum et al. (1985) deve ser a seguinte: em (1.20), a cortesia é uma característica inerente ao homem em questão; em (1.21), a cortesia deste homem é mensurada temporalmente, ou seja, o homem referenciado normalmente demonstra características atribuídas à cortesia que não são inerentes ao momento em que o discurso é produzido ou o homem referenciado foi cortês no contexto comunicativo em que o enunciado foi codificado; a propriedade *cortesia* pode ser, portanto, analisada como temporária, tendo sua duração limitada à situação discursiva.

Refletir sobre as propriedades semânticas envolvidas no processo de modificação vinculadas à posição do modificador em relação ao núcleo pode fornecer temporariedade e permanência em inglês. Em português, essa questão é diferente, uma vez que as posições pré- e pós-nucleares podem ocorrer mediante o uso de adjetivos simples, não necessariamente orações relativas em posição de predicado, como mostram os autores para o inglês. Nesse caso, é necessário verificar como se dão as propriedades de restrição e não restrição em português.

Já num trabalho de natureza descritiva que analisa a posição ocupada pelos itens gramaticais ao redor do núcleo nominal, Perini (1995) propõe, em termos abstratos, a estrutura potencialmente máxima de um SN, que acaba por constituir uma espécie de escala de preferências para a ocupação da primeira posição e das demais em relação ao núcleo. O autor propõe uma análise mais complexa do que a feita com base na gramática normativa que limita a análise do objeto, refletindo que “[...] há complexidades dentro da estrutura do SN que são escamoteadas pela simplicidade da análise tradicional” (PERINI, 1995, p. 94).

Segundo Perini (1995), o SN tem uma estrutura posicionalmente muito mais rígida do que a oração, pois, na estrutura do SN, as possibilidades de alteração da ordem dos termos são reduzidas e sujeitas a delimitações.



Conseqüentemente [sic], uma análise dos termos do SN em termos de posição é suficiente para revelar muitos dos grandes traços da estrutura [...], mas note-se que essa decisão não implica negar que haja (como certamente há) importantes traços da estrutura interna do SN que não têm a ver com a posição dos termos (PERINI, 1995, p. 94).

Portanto, a estrutura interna do SN já tem a priori seus próprios traços ou mesmo já determina como se estabelece a correlação entre traços.

Perini (1995) denomina ‘SN máximo’ um modelo sintático virtual em que todas as posições possíveis seriam preenchidas por itens lexicais:

O SN máximo, na verdade, é uma abstração, porque [...] não ocorre na prática; o SN realizado seria tão longo e sobrecarregado que acabaria sendo rejeitado pelos falantes, por razões que não tem nada a ver com a sintaxe. Seria considerado [...] longo e [...] entulhado informação (PERINI, 1995, p. 96).

Um exemplo citado pelo autor, para representação de um SN máximo, aparece re-enumerado aqui como (1.22):<sup>14</sup>

(1.22) Os outros dois meus mesmos velhos amigos queridos de Salvador.  
(PERINI, 1995, p. 96)

Embora esse exemplo seja gramatical, o SN exemplificado é informativamente tão carregado que acaba por gerar um possível déficit cognitivo no ouvinte na interpretação de seu significado o que inviabilizaria sua aplicabilidade em contextos conversacionais reais.

Segundo o autor, “as funções do SN se definem pelas posições dos termos **em relação uns aos outros**, e não por suas posições absolutas” (PERINI, 1995, p. 97). O afastamento máximo do item lexical em relação ao núcleo, por este ângulo, contribui para a distinção do item afastado no sintagma e, em função da posição ocupada, contribui para projeção de diferentes valores que o item pode assumir. A noção de sintagma máximo leva, portanto, à demonstração de que itens lexicais ocupam posições fixas e desempenham sua função em relação à posição ocupada no SN em relação a outros itens que dispõem de posições variáveis.

A análise formalmente distribucional proposta por Perini (1995) assenta-se no postulado de que a estrutura do SN é constituída por:

<sup>14</sup> Perini (1995) utiliza um exemplo construído para especificar o preenchimento potencial de um SN máximo. Uma vez que esta estruturação máxima não é comum no uso quotidiano da língua, a presença de algumas palavras no interior desse sintagma pode gerar certo estranhamento, por exemplo, no uso do adjetivo *mesmo* que pode gerar uma leitura truncada do SN.

- (i) posições fixas, preenchidas por seis funções denominadoras à esquerda: determinante (Det), possessivo (Poss), reforço (Ref), quantificador (Qf), pré-núcleo externo (PNE) e pré-núcleo interno (PNI);
- (ii) posições variáveis (PV) ocupadas por numeradores<sup>15</sup>. À direita, figuram três funções: o núcleo propriamente dito do SN (NSN), modificador interno (ModI) e modificador externo (ModE), único item que junto aos numerais pode ocorrer repetido no SN.

Essas duas posições são reduzidas e bem delimitadas no interior do SN, gerando condicionamentos específicos vinculados à mudança de ordem. Assim, a porção esquerda e a porção direita do SN permitiriam postular a distribuição contida em (1.23).

(1.23) [Det PV4 Poss PV3 Ref PV2 Qf PV1 PNE PNI] [SN (NSN) ModI ModE]  
(PERINI, 1995, p. 97)

Essa distribuição prevê os seguintes tipos de constituintes para cada função na posição pré-nuclear, seguindo o Quadro 1:

Quadro 1: Funções dos itens potenciais em posição pré-nuclear

| <b>Função</b> | <b>Itens que podem desempenhá-la</b>   |
|---------------|--|
| Det           | o, este, esse, aquele, algum, nenhum, um.  |
| Poss          | meu, seu, nosso etc.   |
| Ref           | mesmo, próprio, certo.   |
| Qf            | poucos, vários, diversos, muitos, único, primeiro (segundo, terceiro etc).                                   |
| PNE           | mero, pretense, meio, suposto, reles, inesquecível, ilusório, simples, bom, velho, novo etc. [classe aberta] |
| PNI           | mau, novo, velho, claro, grande.   |
| Num           | outro, dois, (três, quatro etc)  |

Fonte: adaptado de PERINI, 1995, p. 99.

Como, para Perini (1995), as posições definem funções, existiriam, portanto, dez posições à esquerda, mas sete funções, pois as posições variáveis definem uma única função,

<sup>15</sup> Perini (1995) indica como possibilidade de ocorrência, em PV, os cardinais.

a de numerador. “Isso se deve ao fato que os mesmo itens léxicos ocorrem nessas quatro posições, sendo as versão resultantes totalmente correspondentes” (PERINI, 1995, p. 97).

A evidente mobilidade e possibilidade de ocupação potencial de espaços específicos no interior do SN por adjetivos é desconsiderada pela GT, cuja preocupação, na tentativa de descrição de estruturas prototípicas da língua, está mais centrada na análise dos aspectos formais das classes de palavras, sem haver necessariamente uma preocupação específica com a análise das funções semântica e pragmática que a posição ocupada pelo modificador pode imprimir ao significado do núcleo nominal.

Perini (1995) levanta outro aspecto para discussão aqui proposta, a de que, por razões de ordem sintática e de ordem semântica, certos itens da área esquerda não podem co-ocorrer no mesmo sintagma, ou seja, não se pode jamais por lado a lado itens que desempenham a mesma função. Há, entretanto, outros casos em que a incompatibilidade não tem motivações evidentes e são esses casos que buscamos nesta dissertação. Para Perini (1995), a incompatibilidade tem motivações semânticas, mas que podem ser motivadas por incompatibilidade formal, pois

as consequências são claras: quanto mais restrições de compatibilidade um item sofre, mais difícil é determinar sua função no SN, pois esta depende de sua ordenação com relação aos demais itens. Assim, chegamos a casos extremos, como o dos itens *cada* e *todo* (não o item *todos*, que varia em gênero e número; aqui tratamos do item *todo*, que só varia em gênero e pode ocorrer sem determinante: *todo homem*). Esses itens são incompatíveis com a maioria dos outros itens da área esquerda; coocorrem apenas com PNE e com o PNI e, nesse caso, vêm antes deles (PERINI, 1995, p. 100).

A título de exemplo, as ocorrências (1.24-25) definem casos de ordenação vinculados a outros itens que compõem o SN:

- (1.24) Todo bom professor
- (1.25) Cada inesquecível viagem
- (1.26) Cada três recibos dão direito a um carro zero km  
(PERINI, 1995, p. 100)

A posposição, reservada exclusivamente ao núcleo do SN e aos modificadores, segundo Perini (1995), tem características específicas, como mostra o exemplo (1.27).

- (1.27)a Um ataque cardíaco fulminante
- b \*Um ataque fulminante cardíaco  
(PERINI, 1995, p. 102)

Na proposta de Perini (1995), *um* seria classificado como determinante; *ataque*, núcleo do sintagma nominal; *cardíaco*, o modificador interno; e *fulminante*, o modificador externo.

Para o autor, é necessária a proposição de dois modificadores, pois a ordenação dos itens lexicais é fixa, o que explicaria o exemplo (1.27b), passível de organizar em uma lista de itens potenciais em paradigma para cada uma das funções do SN. A única função que não dispõe de itens lexicais é a de pré-núcleo interno, uma vez que todas as palavras conhecidas podem ser modificadores.

Olhando agora para uma perspectiva cartográfica, Cinque (2010) propõe duas leituras possíveis para a configuração sintática da modificação adjetival: uma modificação direta e uma modificação indireta.

Na modificação direta, um item lexical é nome, mas é também adjetivo. Por exemplo, considere a seguinte ocorrência:

- (1.28) nós tínhamos aula o dia inte(i)ro... e os internos... ficavam a noite então eles davam um programa à noite assim... lige(i)ro só de... de:: de educação de orientação e tudo... e GRANdes professores... o o o:: do::is que eram professores do Salesiano de Recife... tinha **um pastor protestante**... (AC-151; DE: L.333-337)

O SN *um pastor protestante* receberia a interpretação de que um x é ao mesmo tempo pastor e protestante, com leitura ambígua, admitindo tanto uma leitura intersectiva quanto não intersectiva, portanto:

- (1.29) x é um pastor protestante.  
 (1.30) x é pastor.  
 (1.31) x é protestante.

Na modificação indireta, um item é considerado adjetivo enquanto nome. Por exemplo, considere a ocorrência (1.32), em que o adjetivo é não ambíguo, não restritivo e não intersectivo, pois provém de uma oração relativa reduzida, cujas leituras, seguindo a proposta de Cinque (2010), seguiriam as configurações em (1.33-34):

(1.32) um TIMAÇO de basquete... do Vlanir... Piacen::te:... essa turma... e eu... falei – “hoje eu num perco” – né?... sô(u) fanático por futebol mas um bola-aocesto bem jogado tam(b)ém num era/ e naquele tempo num tinha televisão po cê ficá(r) olhando toda hora... que/... então eu ouvia no radio... falá(r) em Piacen:te Vlanir:: Valdemar::... e agor/ os outros nomes eu esqueço... e muitos ainda estão... o Vlanir é:: comentarista hoje da::... televisão ai... e quando chegô(u) a hora eu estava instalado lá em cima eu falei... é hoje... ai no alto-falante... – “Senhor do(u)tor H. S... urgente a sua casa... te aguardam lá” –... cheguei lá::... uma criança que eu tinha extraído um dente... de manhã... estava lá me esperan(d)o que estava com hemorragia... oito hora da noite... aí eu até ... prepará(r)... até esterilizá(r)... até anestesiá::(r)... até costurá(r)... ou seja até fazê(r)::... sutu::ra... (a)cabô(u) o jogo... eu tive a chance de vê(r) **este GRANDE TIME...** que os mais antigos sa::bem disso já ouviram falá(r)... nesse time de basquete esportivo era coisa de lo(u)co... (AC-147; RP: L.230-242)

(1.33) x é grande time.

(1.34) x é time.

Entretanto x não é também grande, uma vez que ele não mensura a entidade *time* no espaço no qual ela tem uma existência comprovável. Ao núcleo do SN aplica-se *grande* com base na avaliação subjetiva que o falante faz dessas entidades. Na perspectiva da modificação indireta, tal fato é típico da posição alta, derivada de uma oração relativa reduzida. Dessa forma, o falante exprime enfaticamente seu apreço ao time de basquete, intensificando sua avaliação sobre essa equipe. A mesma leitura pode ser aplicada ao SN destacado abaixo:

(1.35) [Doc.: uhum ((concordando))] e Mirassol era... o maior centro de café DO BRASIl... tanto é que era chamado O Porto do Café (Circo)... que Mirassol tinha Intercontinental... tinha... tinha v/ **várias (inint.) grandes armazéns...** que dominavam (AC-151; RO: L.562-565)

cuja leitura seria:

(1.36) x é um grande armazém

(1.37) x é armazém

Em outros termos, os *armazéns* não são *grandes* com base em sua perspectiva no espaço físico em que ocorrem, mas *grandes* enquanto armazéns. Em (1.35), a referência às entidades é genérica, pois os armazéns referenciados pelo falante não são armazéns cuja existência seja atestada no universo em que o discurso é enunciado. Dentre os armazéns possíveis no universo discursivo do falante, ele avalia que, na cidade de Mirassol, encontram-se as empresas com maior potencial do gênero armazém. Não está, portanto, em questão o

tamanho físico dessa entidade no universo discursivo; tampouco a avaliação subjetiva que o falante tem sobre elas. Avalia-se o potencial do atributo aplicado à entidade confrontado a outras entidades que compõem o mesmo paradigma potencial.

Considerem-se, ainda, as seguintes ocorrências:

(1.38)a Inf.: olha eu acho vergonhoso que eu acho que a gente::... o nosso país e um dos país privilege/ privilegiado do planeta... em riqueza naturais num tem o(u)tro igual [Doc.: uhum ((concordando))] em **produção:: alimentí::cia...** (AC-121; RO: L.242-244)

b Inf.: 1[é... o] mundial né?... só que saiu... o Amoroso parece que num já num tá mais no São Paulo né? [Doc.: hum:::] e o técnico Muricy agora... aí contratô(u) **uns jogador bom** né? tem tudo (AC-095; RO: L.113-115)

Os SNs *produção alimentícia* e *uns jogador(es) bom(ns)*<sup>16</sup>, a cujos núcleos nominais *produção* e *jogador* se aplicam modificadores, têm suas propriedades restringidas pelas características aplicáveis à entidade referenciada. Pergunta-se se os modificadores *alimentício* e *bom* dispõem da mesma função e teriam, por isso, a possibilidade de ocuparem a posição à esquerda ou à direita do núcleo nominal.

Entretanto, testes de realocação de modificadores, em uma análise da perspectiva funcional, alinhada a proposta da GDF, mostram que somente o modificador *bom* está sujeito ao deslocamento.

(1.39)a \*o nosso país e um dos país privilege/ privilegiado do planeta... em riqueza naturais num tem o(u)tro igual [Doc.: uhum ((concordando))] em **alimentí::cia... produção::**

b *o técnico Muricy agora... aí contratô(u) uns bom jogador*

Enquanto (1.39b) constitui uma sentença gramatical, (1.39a), não. Existiria, nesse caso, uma propriedade funcional, motivada pelo núcleo nominal que facultaria a constituição estrutural de SNs não prototípicos, como o nome *produção*, que se refere a uma entidade de segunda ordem em que a posição do modificador parece ser fixa.

Por outro lado, como se trata aqui de um adjetivo argumental em relação ao núcleo, como *alimentício* em relação a *produção* pode-se evocar Negrão et al. (2014) que consideram

<sup>16</sup> Os adjetivos *alimentícia* e *bom*, nos termos de Cinque (2010), são adjetivos ambíguos em modificação direta ou indireta, portanto. Ao tratarmos de testes de deslocamento, devemos considerar que para Cinque (2010) somente o nome em um SN se move, permanecendo os adjetivos fixos na estrutura do SN. A partir das considerações do autor, haveria ainda uma diferença semântica em (1.39b). *Bom* mais à esquerda seria proveniente de uma oração adjetiva reduzida, ou seja, em modificação indireta, com leitura não intersectiva, não restritiva, específica; já o adjetivo *bom* em posição à direita tem leitura não específica.

que os adjetivos do português podem ser separados em duas subclasses: a dos adjetivos argumentais e a dos adjetivos predicadores de núcleo.

Olhando para a relação entre o adjetivo e o substantivo que nucleia o sintagma, a subclasse dos argumentais satisfaz exigências temáticas impostas pelo núcleo, enquanto são os predicadores, eles mesmos, os elementos que impõem as exigências que necessitam ser satisfeitas. Um adjetivo argumental satura<sup>17</sup> ou assume uma posição temática do substantivo com o qual se relaciona, como o de (1.38) ou mesmo como o de (1.40).

(1.40) e começô(u) pressioná(r) a mãe pra querê(r) sabê(r)... e aí:: a mãe... depois acabô(u) dizendo bom... neste meio de tempo antes dela dela dessa pressão... o o Brasil... ahm::... fez **a abertura política** do ato institucional [né?] (AC-150; NE: L.92-94)

Negrão et al. (2014) apontam as seguintes propriedades caracterizadoras do uso argumental dos adjetivos: (i) estabelecem uma relação temática com o substantivo-núcleo, evidenciável no paralelo com *abrir a política*; (ii) permitem comutação com Sintagmas Preposicionais (*abertura da política*); (iii) não aceitam anteposição (*\*a política abertura*). Esse adjetivo, que se aplica, a um nome de segunda ordem, não é um modificador, mas um argumento do referente nuclear.

Os predicadores, pela mobilidade que têm em relação à posição canônica dos modificadores, receberiam, segundo Negrão et al. (2014), os traços semânticos de quantificação, propriedades dêiticas e intensificação. Além disso, os adjetivos predicadores dispõem de possibilidades mais amplas de interpretação semântica na predicação. O que essa análise tem de relevante, para a posição aqui adotada, é sustentar que a ordem não canônica do modificador pode dotá-lo de traços semânticos cujas motivações não envolvem apenas traços semânticos, mas também traços pragmáticos.

Ao promover a distinção entre esses itens lexicais em argumentais e em predicados de núcleo, Negrão et al. (2014) destacam que, embora, do ponto de vista sintático, o SN seja sempre nucleado por um substantivo, ficando o adjetivo no papel de satélite desse núcleo, há uma importante diferença na maneira como ele é interpretado: no caso dos adjetivos predicados, é o adjetivo que estabelece restrições, como o número e o tipo de argumentos que deverão completar sua significação; no caso dos adjetivos argumentais, é o nome que

<sup>17</sup> Vejamos como a semântica formal entende a noção de saturação. Segundo Chierchia (2003), um núcleo que tem complementos denota uma relação de dois lugares, o que constitui sua valência desse núcleo, ou seja, o número de argumentos com que ele pode combinar-se para constituir uma sentença e expressar um pensamento completo. O sujeito e o complemento constituem, portanto, argumentos desse predicado e uma expressão predicativa como *ama* é uma entidade incompleta ou não saturada: sua valência nos diz quantos argumentos precisamos inserir nela para ‘completá-la’ ou ‘saturá-la’. (CHIERCHIA, 2003, p. 322).

estabelece as exigências temáticas que serão satisfeitas pelo adjetivo. Para as autoras, o uso argumental dos adjetivos preencheria as seguintes propriedades:

a. estabelecem um relação temática com o substantivo-núcleo (no caso, pode-se evidenciar essa relação temática mostrando que há um paralelo entre *pesquisar a bibliografia* e *pesquisa bibliográfica*; em ambos os casos, sabemos que a bibliografia é o alvo da pesquisa); b. aceitam a comutabilidade por expressão nominal: *pesquisa bibliográfica* = *pesquisa da bibliografia*) c. não aceitam a anteposição, fato possivelmente explicado por exigências da relação núcleo-complemento. (NEGRÃO et al., 2014, p. 246)

Já os adjetivos predicadores de núcleo dispõem das seguintes propriedades:

a. são parafraseados por sentença relativa: *uma casa que é grande* (contrastar com *uma consulta que é bibliográfica*); b. poderiam ser usados como predicativos do objeto: *eu considero grande a casa* (contrastar com *eu considero esta pesquisa bibliográfica*); c. aceitam a anteposição: *uma grande casa* (contrastar com *\*uma bibliográfica pesquisa*); d. podem variar em grau: *uma casa muito grande*; a propósito desta última propriedade, o contraste entre a forma *casa muito grande* (gramatical) e a forma *\*pesquisa muito bibliográfica* (que é agramatical) corrobora a distinção. (NEGRÃO et al., 2014, p. 247)

Com base na interpretação das autoras, é o uso do predicado que identifica a possibilidade de serem os adjetivos dotados de valores semânticos diferenciados em relação à possibilidade de assumirem a posição à esquerda do núcleo. Além disso, a análise que elas propõem fornece uma expansão das motivações para os modificadores ocupar na posição à esquerda no núcleo nominal, especialmente restrições impostas pelo próprio núcleo do SN.

No caso de nomes de segunda ordem, o modificador estabelece uma relação temática com o substantivo nuclear; o exemplo *pesquisa bibliográfica* sugere que os casos que contemplam essa propriedade têm como núcleos entidades de segunda ordem, em especial casos de nominalização. Os casos de posposição ficam relegados aos adjetivos com função de predicados, ou seja, aqueles que não estabelecem uma relação temática com o núcleo.

São justamente os adjetivos ‘predicadores’, na metalinguagem de Negrão et al. (2014), que admitem tanto posposição quanto anteposição em relação ao núcleo nominal. Diferentemente da ordenação proposta por Perini (1995), essa concepção teórica prevê a possibilidade de os modificadores aparecerem à esquerda do núcleo atribuindo-lhes propriedades diferenciadas, de forma que não seja obrigatória uma leitura restritiva que completa seu significado independentemente do contexto discursivo. A anteposição é o lugar potencial para dotar o atributo da entidade referenciada pelo núcleo do SN de valores semânticos ou mesmo pragmáticos diferenciados.



Enquanto os adjetivos argumentais só podem ocorrer pospostos ao núcleo, os adjetivos predicadores é que podem variar de posição, ocorrendo tanto antepostos quanto pospostos ao substantivo nuclear do SN. Mesmo assim, nos adjetivos predicadores, a ocorrência em anteposição e em posposição não é exatamente livre, já que alguns itens só ocorrem pospostos, enquanto outros ocorrem tanto pospostos quanto antepostos, caso em que a posição pode corresponder a uma diferença de significado: *um belo jogador*, isto é, *belo apenas como jogador*, e *um jogador belo*.<sup>18</sup>

### 1.2.2. A perspectiva funcionalista

Considerando-se, agora, o modelo de análise linguística proposto pelo arcabouço funcionalista, vamos nos restringir ao funcionalismo holandês, em que pontifica a Teoria da Gramática Funcional (GF), de Dik (1997a; 1997b), e, em seguida, à versão mais recente dessa corrente, a Gramática Discursivo-Funcional (GDF) de Hengeveld e Mackenzie (2008); vamos restringir ainda mais, adotando o que, desses modelos dizem respeito, mais especificamente, ao SN e de sua constituição.

Iniciando, então, pelo que nos traz a Teoria da Gramática Funcional, ela difere dos modelos estruturalista e formalista por se recusar a definir categorias primeiramente em termos de propriedades morfossintáticas. As abordagens funcionalistas analisam as categorias considerando tanto funções pragmáticas quanto funções semânticas na construção de predicções, sem deixar de levar seriamente em conta as propriedades formais, codificadoras, que fazem parte da gramática de uma língua. Dik (1997a) distingue, na noção de predicado, três categorias: o predicado verbal, o nominal e o adjetival.

Dik (1997a) considera que a alternativa do estruturalismo foi definir as categorias primárias em termos de suas propriedades morfossintáticas formais. Como o autor tem o objetivo de construir um arcabouço teórico que atenda a interesses tipológicos, esse tipo de descrição não é em si problemático<sup>19</sup>, mas seria difícil estabelecer generalizações com base na observação de diferentes línguas, uma vez que as especificações morfossintáticas não são universais, podendo, portanto, variar de uma língua para outra.

<sup>18</sup> Essa análise se alinha à proposta de Cinque (2010).

<sup>19</sup> Esse caráter tipologicamente problemático das propriedades morfossintáticas se acentua na Gramática Discursivo-Funcional (GDF), de Hengeveld e Mackenzie (2008), em que se aprofunda a discussão sobre a maneira pela qual a Codificação Morfossintática é funcionalmente motivada pelas camadas e pelos níveis mais altos da GDF.

Para Dik (1997a), uma abordagem baseada em critérios morfológicos tem sua aplicabilidade comprometida quando aplicada a uma língua sem morfologia. Por essas razões, seria proveitoso, com base nessa perspectiva, assumir um ponto de vista funcional para o tratamento das categorias analíticas, definindo-as em termos de funções prototípicas que elas exercem na construção de predicções. As categorias de predicado, verbal, nominal e adjetival, podem ser observadas em suas funções prototípicas em construções como a apresentada no seguinte exemplo:

(1.41) The old man died [O homem velho morreu]  
 $die_v(d1x_i; man_n(x_i); old_A(x_i))_{Proc}$ <sup>20</sup>  
 (DIK, 1989, p. 162)

Nessa ocorrência, *died* é o item que desempenha a função de predicado, assumindo a função de núcleo da predicção realizada; *man* é o item com função de núcleo do termo<sup>21</sup>, o que implica também ser o primeiro restritor da estrutura do termo; o segundo restritor, *old*, exerce função atributiva.

Dik (1997a) considera os restritores, como predicções abertas em  $x_i$  que atuam na redução da classe de referentes potenciais de um termo. Assim, no exemplo (1.42) as legendas representam as seguintes categorias: *d* (definido), *I* (singular),  $\emptyset$  (zero de função semântica):

(1.42) the old elephant [O elefante velho]  
 $(d1x_i; elephant_N(x_i)\emptyset; old_A(x_i)\emptyset)$   
 (DIK, 1989, p. 115)

A leitura postulada por Dik (1989), para o exemplo acima, é a de uma entidade definida no singular  $x_i$  em que tanto a propriedade *elephant* aplica-se a  $x_i$ , quanto a propriedade *old*.

Com base nessa posição, os restritores são sucessivamente empilhados por uma relação de predicção do tipo: existe  $x_i$  tal que  $x_i$  é *elefante* e tal que é *velho*, representada pelo sinal de dois pontos, em (1.42).

Essa perspectiva difere da defendida pelos estudos lógicos, em que entidades como a mesma natureza de (1.42) são analisadas com base na conjunção de predicados, ou seja: o conjunto de entidades a que *old elephant* pode referir-se é vista com base na intersecção de

<sup>20</sup>Para DIK (1989), Processado (Proc) é uma função semântica expressa no primeiro argumento da estrutura de uma expressão linguística com predicados verbais de processo.

<sup>21</sup>Dik (1989) recusa-se a reconhecer o conceito formal de Sintagma Nominal, preferindo vê-lo como termo submetido a um número diverso de restritores, sendo o primeiro o próprio núcleo.

um conjunto de entidades referidas por *old* e um conjunto de entidades referidas por *elephant*. Além disso, como os restritores podem ser expressos de formas distintas na superfície da estrutura dos termos, a distinção mais básica é a estabelecida entre o núcleo de um termo e os modificadores. Para Dik (1997a), os modificadores podem assumir formas distintas dependendo das propriedades do restritor na estrutura subjacente do termo, o que conduz aos tipos de expressão representados no Quadro 2.

Quadro 2: Mecanismos de modificação para Dik (1989)

| <b>(A) Sintagmas Atributivos</b>                                  |   |
|---|---|
| <b>Nominal não modificado</b>                                     | The paper box [A caixa de papel]  |
| <b>Nominal + caso/adposição</b>                                   | John's box [A caixa de John]<br>The chair in the garden [A cadeira no jardim] |
| <b>Adjetival</b>  | The blue box [A caixa azul]   |
| <b>Participial</b>  | The hard-working man [O homem que trabalha pesado]                            |
| <b>(B) Sentenças Atributivas (orações subordinadas adjetivas)</b> |   |
|   | The box which is made of paper. [A caixa que é feita de papel]                |
|   | The box which is John's. [A caixa que é do John]                              |
|   | The chair that is in the garden [A cadeira que está no jardim]                |
|   | The box which is blue [A caixa que é azul]                                    |
|   | The man who is working hard. [O homem que está trabalhando pesado]            |

Fonte: adaptado de DIK, 1997a, p. 130.

Para Dik (1997a), restritores expressos em um sintagma atributivo do tipo (A) podem ser parafraseados por uma sentença relativa do tipo (B), respectivamente. Com base nessa conceituação, Dik (1997a) define três categorias de predicado:

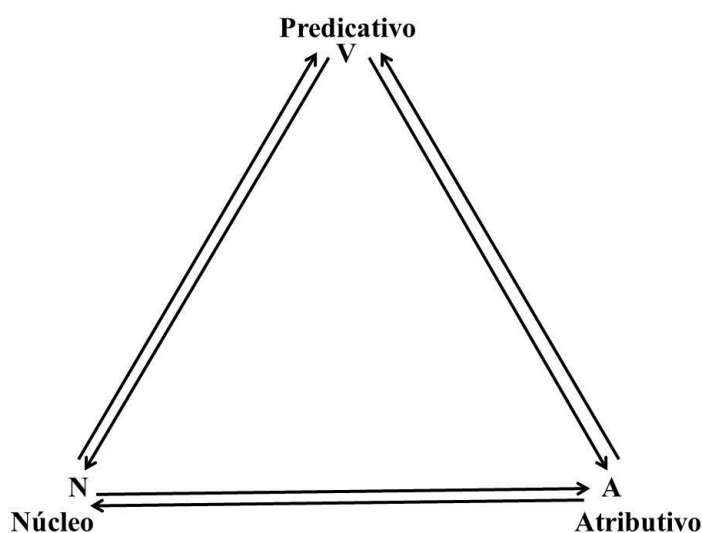
- (i) Predicado Verbal (V) é o primeiro predicado usado em função predicativa.
- (ii) Predicado Nominal (N) é o primeiro predicado usado como núcleo do sintagma.
- (iii) Predicado Adjetival (A) é o primeiro predicado usado em função atributiva.

Dik (1997a) defende que essas três definições podem ser tomadas como universais, por identificarem funções – predicativa, de núcleo de termo e atributiva – que são relevantes

para a gramática de qualquer língua – o que, todavia, não significa que todas as línguas necessariamente distingam as três categorias.

Entretanto, em línguas que não dispõem de categorias separadas de predicados V, N e A, cada uma dessas categorias pode ser convertida uma na outra de diferentes modos, como mostra a Figura 1:

Figura 1: Relações derivativas possíveis entre categorias predicativas



Fonte: DIK, 1997a, p. 164.

Quando Dik (1997a) projeta as entidades que nucleiam SN, ele faz referência a ‘termo’, entendido como qualquer expressão que possa ser utilizada para referenciar uma entidade ou entidades de algum mundo<sup>22</sup>. Prototipicamente, termos se referem a entidades, como *João* e *uma carta*, que podem ser concebidas como que existindo no espaço, chamadas por Dik (1997a), entidades de primeira ordem e que são representadas formalmente por meio da variável x. Entidades de segunda ordem são Estado de Coisas e, como tais, podem ser localizados no tempo. Outras entidades distinguidas por Dik (1997a) são de terceira ordem (fatos possíveis) e de quarta ordem (atos discursivos), que são apresentadas no Quadro 3:

<sup>22</sup>Entende-se por mundo, na GF, não o mundo real perceptualmente apreendido, mas um tipo de mundo mental. Para Dik (1997a), é importante entender que as entidades não são elementos da realidade, mas elementos mentais. ‘Termos’ podem ser usados para se referir a entidades de algum mundo (mental).

Quadro 3: Tipos de entidades

| <b>Tipo de entidade</b> | <b>Ordem</b> |
|-------------------------|--------------|
| Ato discursivo          | Quarta       |
| Fato possível           | Terceira     |
| Estado de Coisas        | Segunda      |
| Indivíduo               | Primeira     |

Fonte: adaptado de HENGEVELD (1988b apud DIK 1997a, 1997b).

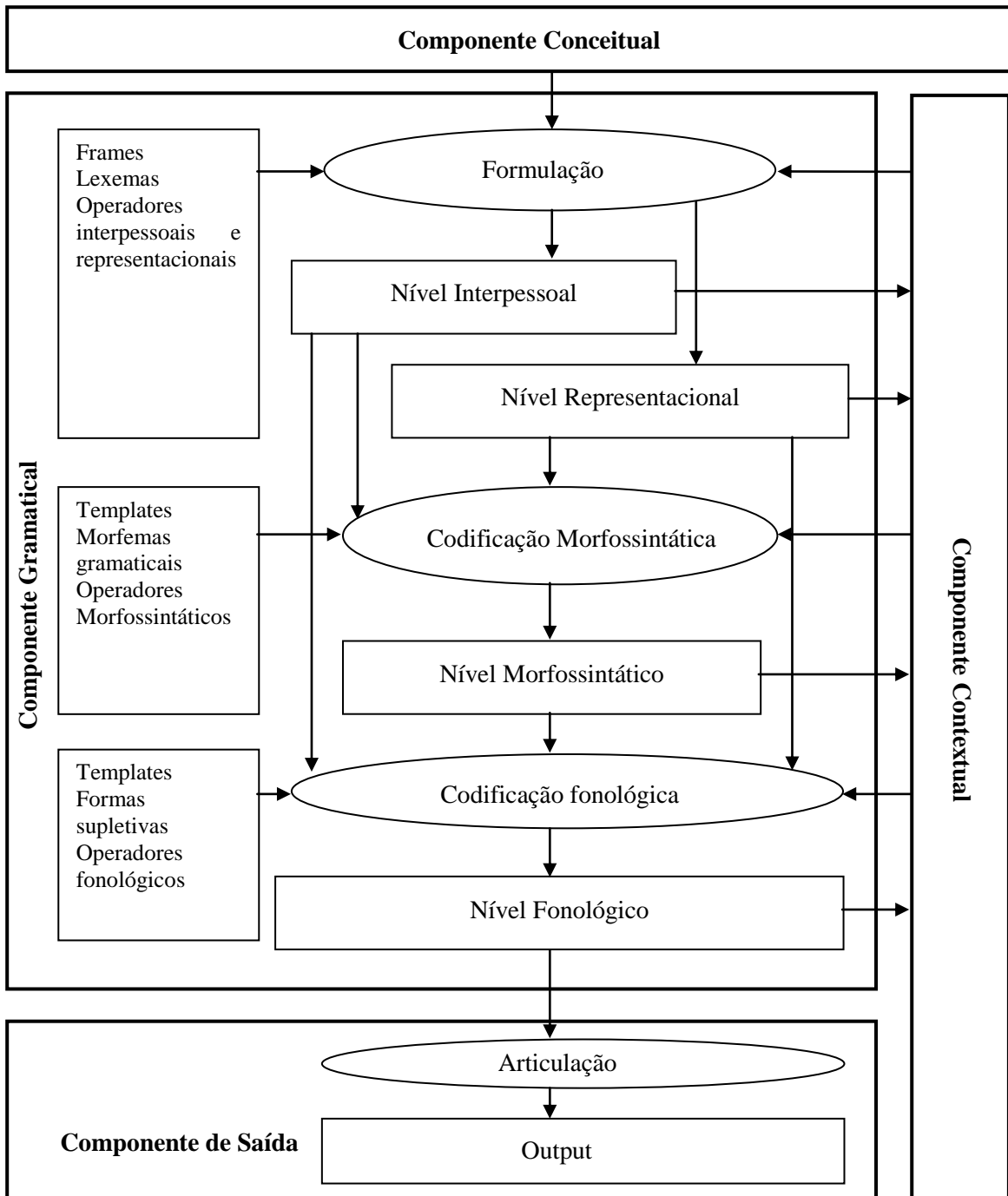
Essa distinção proposta por Dik (1997a) aponta para aspectos pertinentes da análise aqui proposta, que visa a examinar adjetivos simples de entidades de primeira e de segunda ordem, com o objetivo de interpretar se os modificadores potenciais ou específicos estariam vinculados à natureza semântica do referente nuclear.

Tendo fornecido um panorama do que diz a Teoria da Gramática Funcional sobre o SN, procedemos, na sequência, à apresentação, em linhas gerais, do modelo desenvolvido pela Gramática Discursivo-Funcional (GDF). Uma análise pormenorizada pode ser encontrada em Hengeveld e Mackenzie (2008, 2012) e Pezatti (2012, 2014).

A GDF é um modelo gramatical que assenta sua prática analítica em uma visão funcional de linguagem, configurando-se como uma teoria da interação verbal, formulada para análise das habilidades linguísticas dos usuários de uma língua natural. Diferentemente da Teoria da Gramática Funcional, a arquitetura da GDF, formulada por Hengeveld e Mackenzie (2008), permite avaliar as unidades, entre as quais o SN, com base numa perspectiva descendente ou *top-down*, que parte do Nível Interpessoal, o mais alto, para os mais baixos da organização em níveis e camadas da GDF. A GDF distingue dois níveis de formulação, os Níveis Interpessoal e Representacional, em que se operam as análises pragmática e semântica, respectivamente, e dois níveis de codificação, o Morfossintático e o Fonológico. Esse modelo fornece a possibilidade de investigar que motivações tipicamente pragmáticas e semânticas ativam diferentes codificações morfossintáticas, especialmente em torno das regiões pré- e pós-nuclear do SN.

O arcabouço geral está organizado em quatro componentes: o Conceitual, o Contextual, o Gramatical e o de Saída. O Gramatical é o centro do modelo, lugar de onde operam os quatro níveis de análise. No interior do Componente Gramatical, se processam as operações de Formulação, nos Níveis Interpessoal e Representacional, e de codificação, nos Níveis Morfossintático e Fonológico. Tais aspectos são observáveis na Figura 2.

Figura 2: Layout geral da GDF



Fonte: adaptado de HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 13.

A GDF tem como centro as motivações emanadas dos Níveis Interpessoal e Representacional e a responsabilidade da Morfossintaxe é receber as informações pragmáticas e semânticas e codificá-las em uma única representação, embora se reconheça a existência de estruturas independentes cuja motivação tem natureza puramente morfossintática (*there* representacional no inglês). Na sequência, essa representação estrutural única das informações

pragmáticas e semânticas converte-se numa construção no Nível Fonológico que, finalmente, será uma entrada para o articulador no componente de saída.

Cada nível de organização da GDF se configura como uma hierarquia com um alto grau de paralelismo estrutural entre as várias camadas no interior dos níveis, que podem ser formalizadas na Figura 3.

Figura 3: Estrutura das camadas

$$(\pi V_1: H(V_1): \Sigma^N(V_1))_\Phi$$

Fonte: HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 49.

Na figura anterior, cada símbolo tem a seguinte interpretação:

- (i) cada camada e cada componente de cada camada são simbolizados por uma variável indexada (V de *Variable*);
- (ii) cada variável pode ser expandida por um item lexical ou por uma representação complexa de uma camada mais alta, reconhecido como núcleo (H de *Head*);
- (iii) cada núcleo pode ser posteriormente modificado por um ou mais modificadores ( $\Sigma$ ), designados no léxico, ou internamente complexos;
- (iv) cada variável pode ser especificada por um ou mais operadores ( $\pi$ ) que serão expressos por mecanismos gramaticais ou fonológicos ao invés de mecanismos lexicais;

Para Hengeveld e Mackenzie (2008), não é somente a variável um elemento obrigatório, mas também a estrutura mínima ( $V_1$ ). Cada núcleo (H), modificador ( $\Sigma$ ), operador ( $\pi$ ) e, se relevantes, funções ( $\Phi$ ) devem ser avaliados pelas respectivas unidades simbolizadas por cada variável.

Todos os níveis do Componente Gramatical são organizados em camadas em si mesmas hierarquicamente ordenadas, que constituem as categorias próprias de cada um. Fornece-se abaixo na Figura 4, uma representação linear do nível mais alto do Componente Gramatical, o Nível Interpessoal, em que a mensagem recebe informação pragmática.

Figura 4: O Nível Interpessoal

$$(M_1: [(A_1: [(F) (P_1)_S (P_2)_A (C_1: [(T_1)_\Phi \dots (T_{1+N})_\Phi [(R_1)_\Phi \dots (R_{1+N})_\Phi] (C_1)_\Phi]) (A_1) \dots (A_{1+N})_\Phi] (M_1))$$

Fonte: HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 15.

Quanto mais à esquerda, mais alta hierarquicamente é a unidade. As unidades entre colchetes angulares estão na mesma camada de organização, isto é, não são hierarquicamente ordenadas entre si. O Movimento ( $M_1$ ), a maior unidade de interação relevante para a análise gramatical, pode ser definido como uma contribuição autônoma para a interação em desenvolvimento. Um Movimento pode conter dois ou mais Atos Discursivos ( $A_1$ ), cuja relação entre si pode ser de dependência ou de equipolência. Um Ato Discursivo típico contém categorias não hierárquicas, que são a Ilocução ( $F_1$ ), os Participantes do Ato de Fala ( $P_1, P_2$ ) que se alternam como Falante e Ouvinte, e um Conteúdo Comunicado ( $C_1$ ), que contém, por sua vez, a totalidade do que o Falante deseja evocar na sua comunicação com o Ouvinte. Cada ( $C_1$ ) contém um ou mais Subatos, assim chamados porque são hierarquicamente subordinados aos Atos Discursivos. O Subato Atributivo ( $T_1$ ) representa a evocação de uma propriedade, enquanto um Subato Referencial ( $R_1$ ), a evocação de um referente.

Nem todas as camadas estão necessariamente representadas em todos os enunciados; pode haver, por exemplo, um ato sem um Conteúdo Comunicado, o que ocorre quando se enuncia um ato com ilocução imprecativa (*Droga!*), que não envolve um Conteúdo Comunicado. Por outro lado, é também possível haver múltiplas instâncias de uma mesma unidade, quando, por exemplo, diversos Subatos Referenciais no mesmo Conteúdo Comunicado.

O Nível Representacional trata dos aspectos semânticos de uma unidade linguística. Enquanto o Nível Interpessoal cuida da evocação, o Nível Representacional é responsável pela designação, o que restringe o uso de ‘semântica’ à referência aos meios pelos quais uma língua se relaciona com os mundos possíveis que ela descreve. O Nível Representacional é também organizado em camadas hierarquicamente ordenadas conforme mostra a representação da Figura 5:

Figura 5: O Nível Representacional

|  |
|--|
| $(p_1: [(ep_1: [(e_1: [f_1: [(f_2)^n(x_1)_\Phi \dots (x_{1+n})_\Phi] (f_1)) \dots (f_{1+n}) (ei)_\Phi ] \dots (e_{1+n})_{(\Phi)}] (ep_1)) \dots (ep_{1+n})_{(\Phi)}] (p_1))$ |
|--|

Fonte: HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 15.

Conteúdos Proposicionais ( $p_1$ ), as mais altas unidades do Nível Representacional, são construtos mentais (conhecimentos, crenças e desejos) e por isso podem ser factuais, quando correspondem a conhecimentos ou crenças sobre o mundo real, ou não factuais, quando correspondem a desejos ou expectativas em relação a um mundo imaginário.



Conteúdos Proposicionais contêm Episódios ( $ep_1$ ), que são conjuntos de Estados de Coisas tematicamente coerentes, isto é, com unidade ou continuidade de Tempo (t), Localização (l), e Indivíduos (x). Estado de Coisas ( $e_1$ ), por seu lado, são caracterizados pelo fato de poderem ser localizados no tempo e poderem ser avaliados em termos de seu estatuto de realidade.

Propriedades Configuracionais ( $f_1$ ) são construídas mediante o uso de categorias semânticas que estabelecem uma relação não hierárquica entre si, incluindo Indivíduos ( $x_1$ ), ou seja, objetos concretos, como *cadeira*, que podem ser localizados no espaço, e Propriedades Lexicais ( $f_2$ ), que, como *tranquilidade*, não têm existência independente e só podem ser avaliadas em termos de sua aplicabilidade a outros tipos de entidade: *a tranquilidade da tarde*.

Na medida em que representa um construto mental, o Conteúdo Proposicional pode ser modificado, por exemplo, por advérbios evidenciais como *provavelmente*; já um Estado de Coisas representa uma categoria com uma existência espaço-temporal e não mental como o Conteúdo Proposicional; pode, por isso, ser modificado por advérbios de Tempo, Modo e Lugar. As camadas do Nível Interpessoal, assim como as do Nível Representacional estão sujeitas à atuação de modificadores (elementos lexicais) e operadores (elementos gramaticais).

Os níveis responsáveis pelas unidades formais são o Morfossintático e o Fonológico. As camadas contidas no Nível Morfossintático acham-se simplificada e representadas na Figura 6:

Figura 6: O Nível Morfossintático

|  |
|--|
| $(Le_1: [(Xw_1) (Xp_1) (Cl_1: [(Xw_2) (Xp_2: [(Xw_3) (Xp_3) (Cl_3)] (Xp_2))_{\Phi} (Cl_2)_{(\Phi)}] (Cl_1))]) (Le_1))$ |
|--|

Fonte: HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 17.

A representação na Figura 6 contém Expressões Linguísticas ( $Le_1$ ), Orações ( $Cl_1$ ), Sintagmas Morfossintáticos ( $Xp_1$ ), Palavras Morfossintáticas ( $Xw_1$ ), Raízes ( $Xs_1$ ) e Afixos ( $Aff_1$ ). Essas últimas três unidades podem ser de diferentes tipos, como Palavra Nominal ( $Nw$ ) para unidades morfossintáticas reconhecidas como nome. Uma Expressão Linguística ( $Le_1$ ) é qualquer conjunto de uma ou mais unidades, que compartilham as mesmas propriedades morfossintáticas. As unidades que se combinam em uma Expressão Linguística podem ser Orações, Frases ou Palavras. A introdução da Expressão Linguística como a

categoria mais alta cria a possibilidade de se lidar diretamente com expressões não sentenciais, como *Um café*.

Uma Oração simples ( $Cl_1$ ), em si mesma um agrupamento de um ou mais Sintagmas ( $Xp_1$ ) e, possivelmente, Palavras (gramaticais), caracteriza-se, em maior ou menor grau, por um padrão para a ordenação desses Sintagmas e, também, em maior ou menor grau, por expressões morfológicas de conexão, em especial, regência e concordância (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008).

A Palavra propriamente dita ( $Xw_1$ ), especialmente em línguas polissintéticas, pode ser complexa. Além do fato de poder ser composta por Raízes ( $Xs_1$ ) e Afixos ( $Aff_1$ ), em algumas línguas, a Palavra pode, exatamente como qualquer outra camada de análise Morfossintática, encaixar, recursivamente, camadas superiores, como Sintagmas e Orações.

O nível terminal do Componente Gramatical, o Fonológico, contém, por sua vez, as camadas contidas na representação da Figura 7:

Figura 7: O Nível Fonológico

|   |
|---|
| $(U_1: [(IP_1: [(PP_1: [(PW_1)] (PP_1))] (IP_1))] (U_1))$ |
|---|

Fonte: HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 18.

O Enunciado ( $U_1$ ) é o maior trecho de discurso abrangido pelo Nível Fonológico. Um Falante tenderá a usar pausas mais substanciais para separar Enunciados de Frases Entonacionais ( $IP_1$ ), que se caracterizam por conter um núcleo ou movimento tonal localizado em uma ou mais sílabas, essencial para a interpretação da Frase Entonacional como um todo.

A Frase Fonológica ( $PP_1$ ) contém, em línguas acentuais, uma sílaba nuclear mais fortemente acentuada, que é geralmente o local principal para a queda ou subida global dentro da Frase Entonacional.

A Palavra Fonológica ( $PW_1$ ), para as línguas é relevante, exibe pelo menos um traço característico, que pode estar relacionado ao número de segmentos, aos recursos prosódicos ou ao domínio das regras fonológicas. As Palavras Fonológicas dividem-se em Sílabas ( $S_1$ ), que, em línguas acentuais, agrupam-se em Pés.

A GDF é, para finalizar esta seção, uma teoria de base tipológica, que, ao assumir uma organização descendente, alcança adequação psicológica e que, ao assumir o Ato Discursivo como unidade básica de análise, alcança adequação pragmática. Embora seja estritamente um modelo de gramática, a GDF é projetada para interagir com os Componentes Conceitual, Contextual e de Saída, de modo a aumentar sua compatibilidade com uma teoria mais ampla

da interação verbal, o que lhe imprime um formato teórico ao mesmo tempo estrutural e funcional (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008).

Esta nova arquitetura projetada por Hengeveld e Mackenzie (2008) tem suas bases assentadas na GF, o que significa haver uma relação de continuidade entre esses dois modelos funcionais. O novo modelo amplia os níveis e as camadas de análise propostos na GF e, ao mesmo tempo, se ancora no discurso, cuja unidade básica pode ser constituída por uma interjeição (*Droga!*), uma palavra (*Café?*), um SN (*Que menina linda!*), e não necessariamente por uma oração simples ou complexa, unidades de análise agora confinadas ao domínio morfossintático.

Passemos agora a discutir mais especificamente o modo como os Subatos Referencial e Atributivo do Nível Interpessoal encontram correlatos no Nível Representacional, já que ambos são codificados, no Nível Morfossintático, como SNs.

Sobre a conceituação do SN nesses dois modelos funcionalistas, afirmam Velasco e Rijkhoff (2008) que houve certo grau de relutância de Dik (1997a) e de Hengeveld (2004) em usar o termo ‘sintagma nominal’, justamente por constituir um rótulo formal que dá informações apenas das propriedades intrinsecamente morfossintáticas em vez de especificar a relação de um constituinte com a construção em que ele ocorre no discurso.

Para evitar o uso de categorias puramente formais, foram propostas alternativas que contornam o viés forma/função do nome. Hengeveld (2004 apud VELASCO; RIJKHOFF, 2008, p. 15) propôs o uso de ‘sintagma referencial’. Já Dik (1997a) propôs ‘termo’, que foi definida como qualquer expressão que pode ser usada para se referir a uma entidade ou entidades em algum mundo (cf. DIK, 1997a, p. 55).

No entanto, entendem Velasco e Rijkhoff (2008), que, se, por um lado, o uso de sintagma referencial é limitado demais por se referir apenas a SNs referenciais, não abarcando, portanto, os casos de SNs com função atributiva, por outro, o de termo é amplo demais, já que cabe, em seu escopo, basicamente qualquer tipo de expressão que pode preencher uma posição de argumento ou adjunto (satélite), como, por exemplo, pronomes, orações completivas.

Dando uma solução para os problemas de designação metalinguística, Hengeveld e Mackenzie (2008) optam mesmo pelo uso de ‘sintagma nominal’, evitando, no entanto, o aspecto mais formal embutido no rótulo mediante a alocação desse conceito no Nível Morfossintático, justamente o que, junto com o Nível Fonológico, constituem os dois níveis formais de codificação da GDF, deixando as expressões Subato Referencial e Subato Atributivo para o Nível Interpessoal.

Sobre a questão dos Subatos Referenciais, Hengeveld e Mackenzie (2008) afirmam que há uma crença fundamental de que a referência, em uma teoria que aborde o Ato Discursivo, deva ser analisada como acional, uma posição teórica, assumida também por Dik (1978), que se referiu a essa categoria, afirmando que a referência deveria ser vista como uma ação pragmática e cooperativa dentro de um padrão de interação verbal entre emissor e destinatário.

Ao se referir à pragmática, Dik (1978) procurou vincular a referência àquilo que primeiro se atesta na função primária da comunicação, ou seja, aos efeitos das mudanças na informação pragmática do destinatário. Para Hengeveld e Mackenzie (2008), a informação pragmática engloba toda informação de longo prazo, situacional e imediata, que os participantes da cena discursiva apresentam para influenciar os destinatários na interação. Para Hengeveld e Mackenzie (2008), a GDF endossa essa posição, mas insere na mesma perspectiva acional também o Subato Atributivo.

Na referência, a seleção e a quantidade de material lexical derivam da estimativa que falante faz do grau de eficiência em termos de influenciar o destinatário. Consequentemente, devem-se encarar atribuição e referência como acionais, como dois aspectos da ação global de evocação. Para Hengeveld e Mackenzie (2008), o falante evoca um Conteúdo Comunicado, realizando um número ( $n \geq 1$ ) de Subatos de Atribuição e de Referência.

Outro aspecto relevante é o de que Subatos Atributivos podem ocorrer dentro de Subatos Referenciais. Considere-se *a blue car* de (1.43):

(1.43) *a blue car* [um carro azul]  
 IL: (R<sub>i</sub>: [(T<sub>i</sub> (T<sub>j</sub> ) (R<sub>i</sub>))  
 RL: (x<sub>i</sub>: (f<sub>i</sub>: car (f<sub>i</sub>) (x<sub>i</sub>): (f<sub>j</sub>: blue (f<sub>j</sub>) (x<sub>i</sub>))  
 (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 109)

Sustentam os autores que, como um todo, esse SN representa um Subato Referencial no Nível Interpessoal, mas que contém claramente dois Subatos Atributivos, por evocar tanto a propriedade *car* quanto a propriedade *blue*. O lugar em que se mostra a relação entre essas propriedades, ou seja, que *blue* restringe a aplicabilidade de *car*, é o Nível Representacional, enquanto, no Nível Interpessoal, realiza-se um único Subato Referencial mediante a evocação de dois Subatos Atributivos, como demonstrado em (1.43), cada qual correspondente a uma propriedade no Nível Representacional.

Para Hengeveld e Mackenzie (2008), o Nível Representacional abrange o significado de uma unidade linguística, em razão do que é possível empregar o termo ‘semântica’ com

dois sentidos: (i) restringe-se à maneira pela qual uma língua se refere ao mundo extralinguístico que ela descreve; (ii) restringe-se ao significado das unidades lexicais (semântica lexical) e das unidades complexas (semântica composicional) isoladamente das formas em que eles são utilizados na comunicação.

O uso em si das unidades linguísticas é tratado no Nível Interpessoal, em termos de Atos Discursivos e dos Subatos que especificam as funções das unidades linguísticas. Hengeveld e Mackenzie (2008) defendem que a relevância dessas distinções se estabelece com base na noção de referência, cara a este trabalho, que leva em conta o fenômeno da modificação adjetival com núcleos representando entidades de primeira e de segunda ordem.

O exemplo apresentado por Hengeveld e Mackenzie (2008) para explicação da distinção do tratamento dado ao Nível Interpessoal e ao Nível Representacional é o seguinte:

(1.44) I saw a lion. [Eu vi um leão]

Para os autores, há dois modos pelos quais a expressão linguística *a lion* pode ser considerada ora como uma expressão referencial, ora como uma designação: no primeiro caso, em que assume uma visão interpessoal, acional, o falante se refere a um animal específico da classe dos leões; no segundo caso, em que assume uma visão representacional, está envolvida uma propriedade semântica pela qual a expressão designa um animal da classe ‘leão’.

Hengeveld e Mackenzie (2008) defendem que, para distinguir o uso do SN nesses dois níveis, é necessário entender a primeira interpretação, a acional, com base na noção de referência e a segunda, com base na noção de designação. Essa distinção é útil considerando que a mesma expressão por que se designa um leão não é necessariamente utilizada para se referir a um leão, mas para atribuir uma propriedade a uma entidade referencial, como demonstrado no seguinte exemplo dos autores:

(1.45) This animal is a lion. [Este animal é um leão]

No exemplo anterior, Hengeveld e Mackenzie (2008) defendem que o SN *a lion* é usado atributivamente e não referencialmente: a designação não se altera: *leão* se refere a uma classe de felinos; o que se altera é a função Interpessoal, já que aqui está envolvido um Subato Atributivo. Fica ainda mais claro o emprego dos termos Subato Referencial (R) e Subato Atributivo (T) nos exemplos (1.46) e (1.47) sugeridos pelos autores.

(1.46) In the zoo I saw **R** a lion. [No zoológico, eu vi um leão]

(1.47) This animal is **T** a lion. [Este animal é um leão]  
(HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 121)

Em termos de organização, caracteriza-se o Nível Representacional com base na função de designação e as diferenças entre as entidades podem ser representadas de acordo com a categoria ontológica designada. Para os autores, é evidente que nem toda oposição de significado pode ser interpretada como reflexo de categorias semânticas. O que se coloca em questão é determinar quais categorias semânticas são relevantes para descrição de uma língua.

Hengeveld e Mackenzie (2008) destacam ainda que propriedades lexicais podem ser modificadas por outras propriedades lexicais, como se vêem em (1.48):

(1.48) former neighbour [ex-vizinho]

Retomando Bolinger (1967), Hengeveld e Mackenzie (2008) interpretam o exemplo *a former neighbour*, chamado por Bolinger (1967) de ‘modificador de referência’ como ‘modificação de propriedade’. Os autores propõem o exemplo contido em (1.49).

(1.49) rich neighbour [vizinho rico]  
(HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 230)

No exemplo (1.49), um Indivíduo (x) caracteriza-se por ter as propriedades *neighbour* e *rich*. O exemplo de (1.48), por outro lado, não pode ser parafraseado como descrevendo as propriedades *neighbour* e *former*. Em vez disso, é a propriedade (f) *neighbour* que tem restrições à aplicação da propriedade *former*; tanto é verdade que os dois adjetivos de (1.48) e de (1.49) podem ser combinados em (1.50) com a representação contida em (1.51):

(1.50) a rich former neighbour [um rico ex-vizinho]  
(HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 230)

(1.51)  $(x_i; [(f_i; neighbour (f_i); [(f_j; former (f_j)) (f_i)\Phi]) (x_i)\Phi]; [(f_k; rich (f_k)) (x_i)\Phi])$   
(HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 230)

O esquema em (1.51) mostra apenas que, enquanto o adjetivo *former* modifica a propriedade (f<sub>i</sub>), o adjetivo *rich* modifica o Indivíduo (x<sub>i</sub>); e, nesse caso, *former neighbour*

constitui uma propriedade configuracional, como evidencia o fato de ele poder ser referido anaforicamente por uma única unidade lexical:

(1.52) a rich former neighbour and a poor one [um ex-vizinho rico e um (ex-vizinho) pobre]  
(HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 230)

Como já mencionado, os Níveis Interpessoal e Representacional estão vinculados à operação de Formulação em termos das intenções comunicativas. Os Níveis Morfossintático e Fonológico são os responsáveis pelo processo de Codificação. Este trabalho, porém, parte do Nível Morfossintático, em que se dá a estrutura formal do SN, mas, como esse nível tem por tarefa converter e codificar as duas entradas dos dois níveis superiores e fundi-las em uma única representação, os Níveis Interpessoal e Representacional são que motivam o modo como o SN se manifesta na codificação.

É, portanto, o Nível Morfossintático que assegura que as informações provindas dos níveis mais altos sejam adequadamente preservadas e representadas corretamente na estrutura formal. Quanto à noção de sintagma, Hengeveld e Mackenzie (2008) identificam línguas configuracionais e línguas não configuracionais. As primeiras, em que se inclui o português, dispõem de ordem fixa de constituintes. Podem ter o seguinte esquema máximo, representado abaixo em (1.53), no qual cada constituinte pode ocorrer mais de uma vez:

(1.53)  $(X_{p1}: [(X_w) (X_p) (C_l)] (X_{p1}))$   
(HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 376)

Em outros termos, um sintagma em uma língua configuracional dispõe potencialmente de uma distribuição sequenciada de palavras ( $X_w$ ), de outros sintagmas ( $X_p$ ) e de orações incorporadas ( $C_l$ ). No caso da sequência de sintagmas, podem-se encontrar os seguintes subtipos: Sintagma Verbal ( $V_p$ ), Sintagma Nominal ( $N_p$ ), Sintagma Adjetival ( $Adj_p$ ) e Sintagma Adposicional ( $Adp$ )<sup>23</sup>.

Para a codificação da ordem dos constituintes, a GDF postula três posições disponíveis na oração para a inserção de elementos em posições apropriadas. A posição inicial ( $P^I$ ), a posição medial ( $P^M$ ) e a posição final ( $P^F$ ) e, ainda, uma segunda posição absoluta  $P^2$  para cobrir fatores morfossintáticos de orações declarativas de línguas como o holandês, em que a

---

<sup>23</sup> As siglas das categorias morfossintáticas derivam do inglês:  $X_p$  é qualquer sintagma, *phrase* no inglês, cujo núcleo,  $X$ , pode ser representado por um  $N$  (de *Noun*), um  $A$  (de *adjective*), um  $V$  (de *verb*) e uma  $Adp$  (de *adposition*).

$P^1$  é reservada para o Sujeito e  $P^2$  para o verbo finito; no caso de haver um verbo auxiliar flexionado, este vai para  $P^2$  e o verbo finito, para o final da oração.

As duas posições periféricas  $P^1$  e  $P^F$  são psicologicamente salientes e extremamente relevantes para o processo de comunicação, enquanto a posição medial  $P^M$  é não somente menos saliente, mas também, estruturalmente, não pode ser considerada uma posição única em função do número variável de constituintes que uma oração pode conter. Assim, os argumentos de um predicado com as funções de sujeito e de objeto pragmaticamente não marcadas constituem desenvolvimento de  $P^M$ , que pode conter outras posições não absolutas, como  $P^{M-1}$ ,  $P^{M-2}$  etc. do lado esquerdo e  $P^{M+1}$ ,  $P^{M+2}$  etc. do lado direito. Essas posições absolutas e relativas aplicam-se tanto à organização linear da oração quanto à organização linear de outras categorias menores, como o SN.

Hengeveld e Mackenzie (2008) defendem a possibilidade de haver fatores emanados do Nível Interpessoal motivando as regras de ordenação dos constituintes com base nos seguintes exemplos, descritos por Dryer (2005) na língua Asmat (VOORHOEVE, 1965 apud HENGEVELD; MACKENZIE, 2008):

(1.54) akát            ów  
good            people [boas pessoas]  
(HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 388)

(1.55) ów            akát  
people            good [pessoas boas]  
(HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 388)

Em francês, por exemplo, os autores destacam que alguns adjetivos que normalmente viriam à direita do núcleo nominal, podem precedê-lo por razões de ênfase:

(1.56) une voiture rouge superbe [um carro vermelho maravilhoso]

(1.57) une SUPERBE voiture rouge [um MARAVILHOSO carro vermelho]

A representação da ordem dos constituintes em (1.58) e (1.59) seguiria respectivamente a seguinte ordenação no Nível Morfossintático:

(1.58)  $P^1$      $P^M$              $P^{F-1}$              $P^F$   
une    voiture            rouge            superbe

(1.59)  $P^1$      $P^{I+1}$              $P^M$              $P^F$   
une    SUPERBE    voiture            rouge  
(HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 389)



Os casos de ênfase configuram motivações possíveis para a ordenação dos constituintes no interior do SN, mas há também fatores semânticos que podem atribuir outras regras de ordenação. Um caso dessa natureza diz respeito, por exemplo, em inglês, ao fato de os adjetivos avaliativos precederem adjetivos com valores objetivos, como demonstrado nos exemplos (1.60) e (1.61):

- (1.60) a nice old black car  
 (1.61) \*a black nice old car  
 (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 389)

Em (1.60), pode-se explicar a ordem com base nas categorias semânticas dos adjetivos, descritos abaixo em (1.62), que recebem uma leitura contrastiva.

- (1.62) P<sup>I</sup>    P<sup>I+1</sup>            P<sup>I+2</sup>            P<sup>I+3</sup>            P<sup>I+4</sup>  
 a    nice<sup>EVAL</sup>            old<sup>AGE</sup>            black<sup>OBJ</sup>            car  
 (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 389)

Além disso, destacam Hengeveld e Mackenzie (2008), com a presença de classificações físicas, pode-se codificar o atributo com significado mais distante da entidade de referência, como demonstrado nas seguintes ocorrências:

- (1.63) the navigable deep rivers [Os navegáveis profundos rios (tradução literal)]  
 (1.64) the deep rivers navigable [Os profundos rios navegáveis (tradução literal)]  
 (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 389)

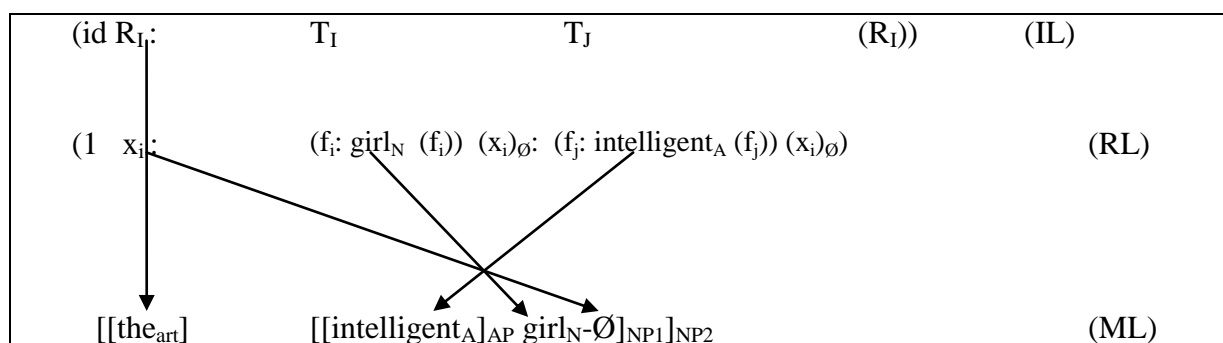
Segundo os autores, em (1.63) o adjetivo *navegável* precede o núcleo nominal designando uma propriedade permanente, enquanto, em (1.64), ao ocupar a posição final do sintagma, posição utilizada para modificadores complexos, ele designa uma propriedade contingente atribuída ao núcleo nominal. A representação de casos com essa natureza seguiria a seguinte representação, respectivamente, para os exemplos (1.63) e (1.64):

- (1.65) P<sup>I</sup>    P<sup>I+1</sup>                            P<sup>I+2</sup>            P<sup>I+3</sup>  
 the    navigable<sup>OBJ/PERM</sup>            deep<sup>OBL/PERM</sup>            rivers  
 (1.66) P<sup>I</sup>    P<sup>I+1</sup>            P<sup>I+2</sup>    P<sup>F</sup>  
 the    deep<sup>OBJ/PERM</sup>            rivers    navigable<sup>OBJ/CONTG</sup>  
 (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 389)

O fenômeno da modificação no interior de SNs, em função de aspectos metodológicos, centra-se, nesta discussão, nos modificadores de nomes de primeira ordem e aos nomes de segunda ordem, categorias teoricamente relevantes para a análise dos tipos de constituintes que envolvem o núcleo nominal dos SNs.

Considerando também o que postula a GDF para SNs nucleados por nomes de primeira ordem, pode-se afirmar que as funções atributiva e referencial que os SNs exercem no Nível Interpessoal são tratadas como Subatos. No Nível Representacional, esses Subatos de Atribuição e de Referência são postulados como funções semânticas de predicação e de designação de entidades, respectivamente. Essa decisão metodológica dá uma solução teórica satisfatória para as características pragmáticas, semânticas e morfossintáticas do SN. A Figura 8 mostra a interação entre os níveis na proposta de formalização de Hengeveld (2008) para análise do SN:

Figura 8: A estrutura formal do SN em relação aos Níveis Interpessoal e Representacional



Fonte: HENGEVELD, 2008, p. 46.

A Figura 8 descreve funcionalmente o uso referencial do SN no Nível Interpessoal (IL), onde  $R_I$  indica que o SN instancia um Subato que evoca uma referência. Esse Subato tem duas instâncias de Subatos Atributivos ( $T_I$  e  $T_J$ ), já que a própria propriedade usada na designação, alocada no Nível Representacional, é, em si mesma, um Subato no Nível Interpessoal.

A denotação dos SNs é, portanto, uma propriedade do Nível Representacional (RL), onde  $x_i$  indica que o nome denotado é uma entidade de primeira ordem. Essa entidade denotada é lexicalmente expressa pelas propriedades  $f_i$  e  $f_j$ , os dois Subatos Atributivos no NI (IL), que são ativados por meios lexicais. A natureza do SN é indicada no Nível Representacional, uma vez que o item lexical que atua como núcleo é um nome (N) e o que atua como modificador é um adjetivo (A). Com base na informação fornecida nos Níveis Interpessoal e Representacional, a Codificação produz formalmente um SN no Nível

Morfossintático (ML), com a estrutura formal típica do inglês, em que o adjetivo na função de modificador precede o substantivo na função de núcleo: *the intelligent girl*.

Como vimos, uma das principais funções que exerce um SN é a de fazer referência a entidades do mundo. Nessa função, no entanto, as entidades referidas não são elementos do mundo físico, mas culturais e cognitivas, que são criadas, estocadas e reiteradas na mente dos participantes do discurso. Isso explica, por exemplo, o motivo pelo qual Hengeveld e Mackenzie (2008) propõem camadas representacionais como Indivíduo (x) e Propriedade Lexical (f). A entidade do mundo a que um SN se refere é necessariamente mediada pela propriedade (f), que indica uma representação mental, cultural e cognitiva que se usa para se referir a entidades do mundo. É exatamente por isso que uma extensão de um nome, como o *planeta Vênus* tem duas diferentes propriedades designadoras em português: *a Estrela da Tarde* e *a Estrela da Manhã*.

Essa concepção cognitiva, pragmática e semântica da categoria morfossintática SN (Noun phrase - Np), na definição postulada pela GDF, pressupõe uma concepção prototípica de SN, ou seja, que se define por sua propriedade de referenciar uma entidade física, ou entidade de primeira ordem (LYONS, 1977; HENGEVELD, 2008). Hengeveld (2008) estabelece uma tipologia de SNs nos moldes apresentados no Quadro 4.

Quadro 4: Tipologia de SNs

| TIPOS SNs                               | EXEMPLOS   |
|---|--|
| Prototípicos                            | A <u>casinha</u> branca.   |
| De ordem superior                       | A <u>chegada</u> dos imigrantes sírios; a <u>falsidade</u> dos argumentos; <u>esperança</u> de glória. |
| Não nominais                            | Vou ler <u>o que você me indicar</u> .   |
| Nomes próprios e pronomes <sup>24</sup> | Vi <u>João</u> ; Vi <u>você</u> .  |
| Vocativos                               | Ei, <u>João!</u> ; Ei, <u>você!</u>  |

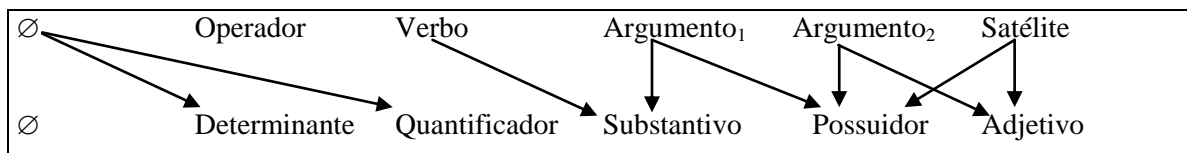
Fonte: adaptado de HENGEVELD, 2008, p. 59.

Este trabalho discute os dois primeiros tipos de SNs: os que se referem a entidades de primeira ordem, ou prototípicos, e os de ordem superior, que se referem a entidades de segunda ordem, quando se consideram, respectivamente, os nomes *casinha* e *chegada*.

<sup>24</sup> Nesses tipos de SNs a denotação é realizada não por meios lexicais.

Com relação aos SNs não prototípicos cujo núcleo é um nome de segunda ordem, Dik (1997a) fornece uma explicação plausível para os reflexos entre forma e conteúdo na formação de predicados derivados ao postular dois princípios: o *Princípio de Ajuste Formal* (doravante PAF) e *Princípio de Ajuste Semântico* (doravante PAS). Segundo o autor, é o PAF que explica como predicacões basicamente verbais adquirem propriedades nominais, isto é, descategorização e recategorização: uma predicacão encaixada atua como um termo de uma predicacão mais alta, e, por seu lado, termos se definem como expressões nominais. A Figura 9 representa os ajustes formais.

Figura 9: Ajustes formais entre verbos e substantivos



Fonte: DIK, 1997a, p. 158.

Segundo Dik (1997a), o PAF e o PAS governam as expressões formais e as propriedades semânticas das construções derivadas. Por um lado, o PAF prediz que construções derivadas devem ajustar sua expressão formal ao Modelo de Expressão Prototípico (doravante MEP), fornecido por construções não derivadas. O PAS, por outro lado, tende a se ajustar também às propriedades semânticas do MEP à medida que uma construção derivada se submete à pressão do PAF, como em (1.67).

(1.67) dePOIS... do filho aconteceu um acidente com a filha... a filha veio a falecê(r) também... ela tinha trinta e nove tinha duas menininha... uma com sete outra com on/com onze ano... foi o(u)tra panCAda só que aí:: já foi mais leve... que a gente tinha... **os preparo espiritual** né? (AC-121;NE: L.28-31)

Para Camacho (2011), os ajustes semânticos e formais aproximam o verbo do nome no processo de derivação, mas a estrutura resultante não garante a existência de constituintes da mesma categoria semântica em SNs não prototípicos. Logo se entrevê que os ajustes formais podem produzir um adjetivo como argumento do nome derivado de um verbo, como se observa no modificador adjetival *espiritual*, derivado do sintagma verbal apresentado em (1.68).

(1.68) preparar o espírito

O modificador *espiritual* preenche, na verdade, a casa valencial aberta pelo sintagma verbal que subjaz o SN *os preparo espiritual*. Isso pode significar que, de saída, os adjetivos predicados se aplicam a nomes de primeira ordem, enquanto os argumentais, a nomes de segunda ordem.

Outros SNs que fogem do protótipo, como SNs não nominais, explicam os casos de relativas não nucleares, como *Vou ler o que você me indicar*, em que *o que você me indicar* representa uma entidade de primeira ordem (x), mas de estatuto não nominal.

Já nomes próprios e vocativos, referindo-se a um participante da interação (P), não têm qualquer denotação no Nível Representacional. Por isso, quando há adjetivos modificadores, eles atuam no Nível Interpessoal, não no Representacional.

Nomes incorporados, quando houver, somente são considerados se puderem receber modificação; já os atributivos consistem em SNs usados não referencialmente, como em *Esse homem é professor*.

Essa classificação dos adjetivos dá motivação à restrição estabelecida pelos objetivos do texto, ou seja, analisar o fenômeno focalizando nos SNs prototípicos, ou seja, os que se referem a entidades de primeira ordem, e nos SNs não prototípicos, restritos, no entanto aos de segunda ordem, que se referem apenas a Estados de Coisas. Deixam-se de lado os SNs não nominais, por não constituir estruturas que prevejam adjetivos; os nomes próprios, os pronomes e os vocativos, por falta de denotação; os incorporados em  $x^{25}$  por não existirem no português; e, finalmente, os atributivos, por não referenciarem.

<sup>25</sup> Ao se analisar os adjetivos incorporados em x, chega-se à seguinte representação:

$$(x^i: (f^i: \text{Lex}^N(f^i)) (x^i))$$

Hengeveld (2008 apud SMIT, 2005)

Esses adjetivos permitem uma modificação externa, sendo impossível recorrer à unidade incorporada. Adjetivos incorporados em x não podem ser interpretados como casos prototípicos, pois o SN não é usado referencialmente. Para exemplificar esses tipos de SN, Hengeveld (2008) apresenta o seguinte exemplo da língua Caddo:

Caddo (Caddoan; Mithun 1984: 866)  
 wayah hák-k'úht-í-sa'.  
 a.lot PROGR-grass-grow-PROGR  
 'There is a lot of grass'  
 (HENGEVELD, 2008, p. 57)

O exemplo acima destaca, para Hengeveld (2008), o substantivo incorporado *k'úht*, ou seja, *grass*, tem um modificador adjetival externo *wayah*, o que demonstra que há uma incorporação de sintagma. Assim, esse sintagma não incorporado pode ser representado na seguinte sequência:

$$(T_i) \quad \emptyset$$

$$(e_i: [ (f_i: -í-)f_i]) \quad (x_i: k'úht (x_i): wayah (x_i))] \quad (e_i)$$

(HENGEVELD, 2008, p. 57)

A representação acima, para Hengeveld (2008), indica que no nível representacional há uma descrição completa do sintagma de uma entidade de primeira ordem, mas que esta unidade semântica não possui uma contraparte no Nível Interpessoal.

As distinções postuladas por Hengeveld (2008) fornecem aspectos relevantes para a análise aqui proposta. Ao apresentar as categorias semânticas básicas, apresenta também aspectos centrais para a análise dos modificadores. Para Hengeveld e Mackenzie (2008), por exemplo, a propriedade *verde* aplica-se a entidades de primeira ordem, enquanto a propriedade *recente* aplica-se a entidades de segunda ordem, já a propriedade *inegável* aplica-se a entidades de terceira ordem. Haveria, portanto, determinações do núcleo nominal que motivariam a estruturação sintagmática na constituição da sequência *modificador/núcleo nominal* ou *núcleo nominal/modificador* e também a seleção de modificadores específicos relacionados às entidades referenciadas.

Além disso, Hengeveld e Mackenzie (2008) consideram que, em inglês, a ordem dos modificadores reflete, em sintagmas com mais de um modificador, um empilhamento de itens e que a posição mais afastada do modificador em relação ao núcleo nominal é, nesses SNs, condicionada por regras morfossintáticas. Em francês, por exemplo, nos casos em que ocorre mais de um adjetivo na estrutura sintagmática; o afastamento em relação ao núcleo tende a indicar diferentes graus de empilhamento, como demonstrado no exemplo (1.69):

- (1.69) une personne âgée riche. [uma pessoa idosa rica]  
(Adaptado de HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 242)

Em termos de referência a entidades de primeira ordem, o reconhecimento das posições ocupadas pelos modificadores no interior dos SNs, que se dá com base nos níveis e camadas de organização postulados pela GDF, pode conduzir, por conseguinte, às categorias do Quadro 5.

Quadro 5: Tipos de modificadores de SNs

| MODIFICADORES                      | EXEMPLOS   |
|------------------------------------|--|
| $\Sigma^R$ atitude subjetiva       | Oh my god, the <b>poor</b> ( $\Sigma^R$ ) doctor was going to just tell me the results!<br>[Oh, meu Deus, o pobre médico vai justamente me dar o diagnóstico!]   |
| $\sigma^x$ predicado de referente  | Had I run into the rarest of species, one most people would have thought was extinct in the western world: a <b>poor</b> ( $\sigma^x$ ) doctor?<br>[Teria eu encontrado a mais rara das espécies, aquela que a maioria das pessoas pensava que já estava extinta no mundo ocidental: um médico pobre?] |
| $\sigma^f$ predicado de referência | A <b>poor</b> ( $\sigma^f$ ) doctor, dentist or nurse can cause huge harm to a patient in 16 minutes let alone 16 weeks.<br>[Um pobre médico, dentista ou enfermeira, deixado sozinho com um paciente, pode causar-lhe um enorme dano em 16 minutos, o que dirá em 16 semanas!]                        |

Fonte: Adaptado de HENGEVELD, 2008, p. 221-261.

Modificadores de R ( $\Sigma^R$ ) se aplicam ao Nível Interpessoal; são, portanto, vinculados ao Falante, por expressarem a atitude dele em relação ao referente. Para Hengeveld e Mackenzie (2008), a modificação dentro de um Subato Referencial se limita à expressão da atitude subjetiva do falante em relação à entidade referenciada.

Já os modificadores ( $\sigma^x$ ) da camada mais alta do Nível Representacional (x) especificam propriedades da entidade denotada como um todo, enquanto os modificadores ( $\sigma^f$ ) das camadas mais baixas do Nível Representacional (f) especificam subpropriedades da Propriedade expressa pelo núcleo nominal e não da entidade denotada como um todo. Hengeveld (2008) assinala que os dois últimos tipos de modificação têm sido chamados de ‘predicação do referente’ e ‘modificação da referência’, respectivamente, por Bolinger (1967).

Esse modo de ver o modificador, desenvolvido por Hengeveld (2008), assinalando em que camada dos Níveis Interpessoal e Representacional o modificador atua, tem relevância para este trabalho; apesar disso, recorreremos a uma classificação semântica mais refinada que aponta para subclasses lexicais de modificadores. A próxima seção finaliza este capítulo com uma revisão do que a literatura nos diz sobre essa subclassificação.

### 1.3. Propriedades semânticas do adjetivo

Em sua própria definição, Basilio (2013) postula que os adjetivos denotam qualidades e propriedades em geral, atribuídas aos substantivos a que se referem. Com base nessa

perspectiva, depreendem-se duas funções centrais: as funções denotativa e predicativa, que Basilio (2013) desenvolve da seguinte maneira:

uma função denotativa pela qual o adjetivo acrescenta uma propriedade semântica às propriedades do substantivo referido, de tal modo que o conjunto substantivo-adjetivo passa a ser um novo designador; e uma função predicativa, em que o adjetivo atribui uma qualidade ao objeto referido pelo substantivo. (BASILIO, 2013, p. 53)

A análise da autora traz aspectos pertinentes por categorizar os adjetivos em duas classes semânticas básicas: designadores e predicativos, que correspondem às categorias x e y de Negrão et al. (2014). Essa duas funções serão consideradas na análise quantitativa das ocorrências, para análise da correlação entre a informação semântica dos modificadores com a informação de natureza posicional. A subdivisão estabelecida é ilustrada pela seguinte citação:

Por exemplo, em *indústria cultural* o adjetivo *cultural* acrescenta uma especificação semântica a *indústria*, de tal modo que a expressão *indústria cultural* designa algo distinto do que é designado por *indústria*. Já em *indústria ultrapassada* o adjetivo *ultrapassada* atribui um juízo de valor a alguma indústria em particular ou à atividade industrial em geral, sem haver diferença de designação. (BASILIO, 2013, p. 53)

Nos exemplos apresentados pela autora, a propriedade designadora atesta-se no SN *indústria cultural*, em que o conjunto formado por substantivo + adjetivo, presente na formulação do SN, constitui um único bloco referencial. Portanto, em casos em que se atesta a presença de adjetivos designadores, a relação intrínseca estabelecida entre atributo e núcleo referencial dota o SN da possibilidade de ele constituir um todo referencial.

Neves (2011) propõe um traço semântico geral para a interpretação dos adjetivos, que podem ser classificados como qualificadores ou qualificativos. Para a autora, essa classe de adjetivos indica uma propriedade que não necessariamente compõe o feixe das propriedades que definem o substantivo. A função desses modificadores é qualificar o substantivo, atribuindo-lhe características mais, ou menos, subjetivas e revestidas de certo grau de vaguidade. Para a autora, essa atribuição de propriedades constitui o processo de predicção; portanto, os adjetivos com esta natureza semântica recebem o nome de predicativos<sup>26</sup>.

No outro polo, Neves (2011) categoriza os adjetivos com o traço [graduável], classificados como não predicativos ou classificadores. Para a autora “esses **adjetivos**

---

<sup>26</sup> Para a GDF trata-se aqui de predicados, não predicativos.



colocam o **substantivo** que acompanham em uma subclasse, trazendo [...] uma indicação objetiva sobre essa subclasse [...] constituem [...] uma verdadeira denominação para a subclasse, e, portanto, são **denominativos**, [...] possuindo um caráter não vago.” (NEVES, 2011, p. 186).

Por seu lado, Camacho et al. (2014), ao descreverem a constituição de um SN na gramática do português falado, argumento que, em termos de posição canônica, modificadores do núcleo nominal ocorrem na posição à direita, como já observado por Cohen (1989) em uma perspectiva diacrônica, como mostra (1.70).

(1.70) então Rio Preto tá crescen(d)o? tá crescen(d)o... é perigoso? é perigoso... mas pra nós por enquanto tá tudo sossegadinho ainda né?... num tem tanto perigo... num tem na::da né?... um plano de saúde tam(b)ém temos um posto aqui... de::... saúde... que é o do:: Estoril [Doc.: ah tá] né?... também:: **uns médicos bom**... a gente é muito bem atendi::da... ganha remé::dio além da consulta... você ganha remédio... eu mesmo ganho remédio de pressão... ganho remédio... pra:: menopau::sa... ganho:: na saúde mental... eu pego anti-depressi::vo... então eu acho que nossa cidade É uma cidade boa... né? (AC-132; RO: L.405-411)

Para Camacho et al. (2014), quando ocorrerem ordenações marcadas, ou não habituais, os operadores e modificadores conferem sempre um valor semântico diferente ao núcleo nominal, conforme o exemplo contido em (1.71).

(1.71) Inf.: eu acho que a:: violência é culpa do povo mesmo não não das da:: dos violentos 1[que os violentos] [Doc.: sei]... são violentos porque eles num tiveram oportunidade de de... de de tê(r) um meio de vida mais decente... [Doc.: certo] eu eu... trabalho como::... como voluntário lá na:: na escola artesanal São Judas... e eu vejo uns menino lá quando quando:: os menino são trata::do com cari::nho com amor... eles aprendem... e:: e dão **bons profissionais**::... gente boa pra... pra levá(r) uma vida descente no meio da sociedade... mas eu também trabalho com a sociedade São Vicente de Paula... (AC-123; RO: L.319-325)

Castilho (2010), por sua vez, apresenta um conjunto de funções semânticas, iniciando com o traço [+/- gradação]<sup>27</sup>. Modificadores com o traço [+ gradação] são tratados como adjetivos que têm as seguintes características para Castilho (2010): (i) predicam o substantivo ou toda uma sentença; (ii) exibem flexão de grau; (iii) concordam em gênero e número com o substantivo a que se aplicam. Um caso ilustrativo está contido em (1.72).

<sup>27</sup> Neves (2011) destaca que o uso desses adjetivos implica atribuir uma característica mais ou menos subjetiva ao substantivo, mas sempre revestida de certa vaguidade.

(1.72) ah:: e toda a a a área da da casa... é cercada... e atrás da casa fica o pomar... né?... **um pomar pequeno...** (AC-082; DE: L.307-308)

O modificador *pequeno* atende às duas propriedades elencadas por Castilho (2010): em (1.72), ele predica uma propriedade do núcleo nominal *pomar*, exibindo, ao mesmo tempo, flexão e concordância de gênero e número *pequeníssimo*, *pequena* e *pequenos/as*. Castilho e Moraes de Castilho (1993) ponderam, por outro lado, que os adjetivos “decorrem da combinação de suas propriedades intensionais com as do N sobre que se aplica. Em decorrência disso, o mesmo item adjetival pode integrar mais de uma subclasse, na dependência da combinatória praticada.” (CASTILHO; MORAES DE CASTILHO, 1993).

Castilho (2010) defende que a posição pré-nominal favorece a interpretação conotativa do adjetivo, ao passo que a posição pós-nominal favorece uma interpretação denotativa, uma diferença é destruída pela a gradação. Como exemplo desses casos Castilho (2010) apresenta o seguinte SN em (1.73):

(1.73) Ele perdeu seu riquíssimo amigo.  
(CASTILHO, 2010, p. 514)

No SN *seu riquíssimo amigo*, a posição pré-nuclear, ocupada pelo modificador *riquíssimo*, não o provê de interpretação conotativa, ou seja, uma interpretação mais dependente do julgamento subjetivo do falante. Alinhada à análise de Castilho (2010), nesse exemplo, parece haver uma motivação morfológica que veta a alteração da semântica do item modificador. A presença do morfe *-íssimo*, indicativo de gradação do atributo aplicado à entidade denotada, não o destitui de interpretação por predicado de referente. Isso significa que o atributo predica uma propriedade inerente à entidade *amigo* que tem sua riqueza quantificada em índices positivos comparados a virtuais índices negativos que comporiam o mesmo paradigma.

Além disso, para Casteleiro (1981 apud CASTILHO, 2010) o tipo de substantivo parece mudar de adjetivos não predicativos para predicativos; para isso compara o SN *ciências naturais*, que veta a anteposição dos itens que compõe o SN em *\*naturais ciências*, com o SN *aptidões naturais*, que permitiria anteposição sem agramaticalidade *naturais aptidões*. A conclusão que Castilho chega com base nessas oposições aponta para o fato de existirem traços comuns na definição das combinatórias possíveis de nomes + adjetivos os quais levariam os adjetivos a selecionarem substantivos que contivessem o mesmo traço.

Castilho (2010) enquadra também na classificação dos adjetivos não predicativos os adjetivos pátrios, gentílicos e de cor, que, segundo o autor, acarretam uma posição absoluta em relação a outros adjetivos, fornecendo uma classificação para o referente denotado pelo substantivo, como o caso apresentado no exemplo (1.74).

(1.74) e tinha um primo meu que trabalhava junto com a gente... e ele tinha **um revólver branco...** e o bandido... o assaltante tinha um revólver igualzinho... (AC-093; NE: L.39-40)

No exemplo (1.74), a propriedade *branco*, aplicada ao núcleo nominal *revólver*, especifica uma descrição de características inerentes a ele, o que significa não ser alvo da avaliação subjetiva do falante. O atributo *branco*, não seria suscetível à gradação, mas não é incomum distinguirem-se diferentes graus de brancura: *branquíssima toalha*.

Adjetivos como *branco*, que têm o traço [+/- graduável], recebem uma subdivisão com base em três critérios distintivos, segundo Castilho (2010): (i) emissão de juízo sobre o valor de verdade da classe-escopo; (ii) modificação da extensão dos indivíduos designados pela classe-escopo; (iii) modificação das propriedades intensionais da classe-escopo.

Com base nessas três características vinculadas ao traço [+/- gradação], Castilho (2010) propõe a ocorrência das seguintes subclasses: (i) adjetivos modalizadores que verbalizam um juízo emitido sobre o conteúdo do substantivo; (ii) adjetivos qualificadores, que afetam as propriedades intensionais do substantivo; (iii) adjetivos quantificadores, que afetam a extensão do substantivo.

Castilho (2010) distingue ainda, na classe dos modalizadores, os epistêmicos e os deônticos, fornecendo a seguinte especificação:

Os adjetivos modalizadores predicam o sentido de um substantivo numa forma subjetiva, visto que verbalizam uma avaliação pessoal do falante sobre o conteúdo desse substantivo. O significado que resulta dessa operação realça a interpretação do locutor, razão por que parece adequado caracterizá-los como adjetivos orientados para o falante. (CASTILHO, 2010, p. 524)

Para o autor, os adjetivos são classificados como epistêmicos quando os itens lexicais na estrutura sintagmática “veiculam uma avaliação sobre o referente do substantivo, o que resulta em pelo menos duas possibilidades: a avaliação gera uma certeza (adjetivos epistêmicos asseverativos) ou incerteza (adjetivos epistêmicos quase asseverativos)” (CASTILHO, 2010, p. 525).

Neves (2011) afirma, por outro lado, serem os adjetivos desta categoria os que têm a propriedade de exprimir o conhecimento ou opinião do falante, subdividindo-os em asseverativos (*óbvio*) e eventualidade (*possível*). Em (1.75), o falante assume como verdadeiras as propriedades, avaliadas em termos de certeza, do Estado de Coisas *relacionamento*:

- (1.75) [Doc.: uhum] então bem dizê(r) **o::/ o verdade(i)ro relacionamento** que eu posso dize(r) que eu tive foi esse uhm:: entendeu? relacionamento de verdade mas... namorada a gente acho que:: a gente tem namorico bo::bo relacionamento bobo mas namorada mesmo... que eu tive um relacionamento sério mesmo acho que foi esse mesmo (AC-029; NE: L.62-66)

Castilho (2010) postula que os adjetivos são classificados como deônticos “quando o falante considera o referente do substantivo como algo necessário” (CASTILHO, 2010, p. 525). No exemplo (1.76), o modificador denota uma propriedade necessária para a realização do Estado de Coisas *dispositivo*.

- (1.76) Inf.: era o campeonato dos deficientes físicos naquela época ainda num num num era organizado como hoje que tem:: assim tudo::... os/ as equipe tudo [Doc.: sei] tem as inscrição [assim] [Doc.: ahm] então a gente formava um:: grupinho... e:: procurava um lugar que tinha:: **o::... os dispositivos necessário** pro jogo e::... [Doc.: sei] formava um grupo lá na hora e::... e jogava... [e brincava] (AC-123; NE: L.23-27)

Castilho (2010) prevê também a existência de adjetivos cujo traço semântico implica modificar a extensão dos substantivos, a dos adjetivos quantificadores. Esses itens têm a função de adicionar ou subtrair indivíduos e/ou traços semânticos de um conjunto e se subdividem em quatro conjuntos:

(i) aspectualizadores iterativos, que operam por adição:

- (1.77) por exemplo... diz na qualquer seita religiosa... diz que você tem **um culto semanal obrigatório**... qualquer seita... tem o culto semanal obrigatório... (AC-114; RO: L.820-821)

(ii) delimitadores, que afetam a classe-escopo e restringem a perspectiva da entidade para a qual atribuem uma propriedade:

(1.78) Inf.: sim éh::... por exemplo eu re/ é o recondicionamento de alto-falante... éh:: você vai precisá(r) de um alto-falante né? uma carcaça num seria assim um alto-falante... éh:: e **algumas uma/ alguns materiais básicos** que seria:: cola aquela cola de contato que/ cola de sapate(i)ro... éh::... uma cola... made(i)ra éh::... uma bobina... o cone... o guarda-pó... guarnição... e:: fios de cobre... então o prime(i)ro passo você pegaria... (AC-085; RP: L.250-254)

(iii) quantificadores dimensionadores:

(1.79) e agora eu vô(u) contá(r) de como é o::... a minha escola... a minha escola tam(b)ém é um lugar muito gostoso... ela é gra::nde... (me aca::lma) ((risos))... éh::... tem corredores comprido assim tem **dois corredores compri::dos**... (AC-016; DE: L.212-215)

(iv) quantificadores graduadores:

(1.80) Inf.: salmão... é... e tem **uma sala ENORme**... e::... sempre que a gente vai pra lá tem três quartos mas nunca dava... [os quartos] [Doc.: ((risos))] pras pessoas... então sempre que a gente vai pra lá todo mundo enfile(i)ra os colchões na sala... e fica parecen(d)o um:: acampamento (AC-082; DE: L.286-289)

O modificador *semanal* em (1.77), um quantificador aspectualizador iterativo, segundo Castilho (2010), tem como função pluralizar um Estado de Coisas descrito pelos substantivos, dispondo de uma face quantitativa e uma face qualitativa.<sup>28</sup>

Em (1.78), o modificador *básico*, quantificador delimitador, opera “no sentido de fornecer ao ouvinte instruções sobre como entender o referente codificado no substantivo” (CASTILHO, 2010, p. 530), tomando o substantivo que nucleia o SN em seu sentido literal, denotativo, limitando a entidade referenciada por uma perspectiva individual. Além disso, modificadores dessa categoria têm mais uma característica: a de não serem adjetivos prototípicos, pois não admitem a anteposição ao núcleo, o que ativa a restrição imposta ao item modificador em (1.78) *\*básicos materiais*.

Em (1.79), o modificador *compridos* atribui um traço de dimensão espacial ao núcleo do sintagma nominal *corredores*. Em (1.80), não há mensuração espacial, mas uma graduação das propriedades expressas pelo núcleo nominal *sala*.

Além dos subtipos de traços semânticos expressos pelos adjetivos, Castilho (2010) considera também os assim chamados adjetivos *modalizadores discursivos*:

<sup>28</sup>No SN *um culto semanal obrigatório*, exibe uma relação de escopo na ordenação dos constituintes: o modificador predicativo quantificador aspectualizador *semanal* ocupa a P<sup>F+1</sup> e o modificador predicativo modalizador deontico *obrigatório* ocupa a P<sup>F</sup>.

Certos adjetivos, também descritos como psicológicos, têm a propriedade de predicar o substantivo expresso no enunciado, e também um dos participantes do discurso não expresso no enunciado, em geral o próprio falante. Esses adjetivos atuam bidirecionalmente, ou seja, são biargumentais. Tanto numa direção quanto na outra, o que se observa é que o usuário está emitindo através desses adjetivos juízos sobre o sentido do substantivo e sobre o participante, tendo como pano de fundo o referente dado pelo substantivo; (CASTILHO, 2010, p. 525)

Casos dessa natureza são exemplificados com em (1.81).

(1.81) permití(r) ao pai de família... que tenha oportunidade de trabalho que a mãe... dessa família tenha **um salário digno**... (AC-082; RO: L.484-485)

No exemplo acima, ao usar *digno*, o falante emite um juízo sobre uma propriedade denotada pelo núcleo nominal, ou seja, a modificação projeta critérios com os quais o falante analisa o Estado de Coisas: o salário é digno com base em seus próprios julgamentos.

Um resumo geral para finalizarmos, ao percorrer o que de essencial está contido na tradição gramatical e na literatura linguística sobre o adjetivo, passando por posições formalistas, estabelecemos a base teórica sobre a qual se assenta este trabalho, que é, em essência, a visão de SN da GDF. Essa teoria funcionalista, ao encarecer a complexidade do SN, projeta essa categoria em diferentes níveis e camadas de organização gramatical, especialmente no tratamento específico que lhe devota Hengeveld (20008), complementado pela classificação semântica dos adjetivos, desenvolvida por Castilho (2010), Castilho e Moraes de Castilho (1993).

Incorporando, portanto, esse arcabouço teórico, o próximo capítulo fornece um detalhamento do fenômeno enfocado que constitui o objeto de estudos desta dissertação. Fornece também uma descrição do universo de investigação que é a base para a explicação dos mecanismos de extração da amostra, assim como dos procedimentos de análise empregados, a que se segue a apresentação das hipóteses mais específicas de trabalho, tratadas como perguntas de pesquisa.

## 2. DELIMITAÇÃO DO OBJETO DE ESTUDOS E DO UNIVERSO DE INVESTIGAÇÃO, PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS E HIPÓTESES

### 2.0. Introdução

Este capítulo está organizado de modo tal que se identifica e se delimita detalhadamente o objeto de estudos, para, tratar, em seguida, dos procedimentos e técnicas de investigação que permitem, com base no suporte teórico já discutido, estabelecer as principais hipóteses de pesquisa.

### 2.1. O objeto de estudos: delimitação e identificação

Com base em critérios específicos de cada um dos três níveis de análise linguística, consensualmente utilizados pela tradição dos estudos gramaticais, os adjetivos se caracterizam pelos seguintes traços: (i) morfologicamente, são passíveis de compartilhar propriedades de concordância de gênero e número com os substantivos; (ii) sintaticamente, atuam na função de sintagmas adjetivais, modificando as propriedades do substantivo com o qual compõem o sintagma; (iii) semanticamente, atuam como modificadores, atribuindo uma propriedade ao núcleo do SN, formalmente identificado com o substantivo.<sup>29</sup> Para uma discussão mais detalhada desses três critérios, considere-se o exemplo (2.1).

- (2.1) Inf.: ah eu gosto MUIto de um lugar que eu quase nunca vô(u)... é estranho né? mas eu gosto muito do clube... sabe? o Monte Líbano porque ele me traz PAZ... aqueles ver::des porque lá é tudo muito colorido... é tudo... boni::to... principalmente a parte da piscina... porque tem/ tem/ tem **as cade(i)ras brancas** que a gente toma sol::.... (AC-056; DE: L.128-131)

Em (2.1), seleciona-se o SN *as cadeiras brancas* para mostrar que, nele, estão contemplados os três aspectos comumente associados quando a questão é discutir as características dessa classe de palavras. O adjetivo *branco* concorda em gênero e número com o núcleo do sintagma nominal *cadeira*, recebendo as respectivas flexões de gênero e número. Sintaticamente, junto ao determinante que preenche a primeira posição fixa à esquerda do

<sup>29</sup> Ainda nesta seção discutiremos o lugar da categoria *adjetivo* na GDF em termos das camadas e dos níveis de organização da gramática: o uso do termo *adjetivo* se restringe ao Nível Morfossintático; o de *modificador*, ao Nível Representacional; e o de *Subato Atributivo*, ao Nível Interpessoal.

sintagma nominal, *as*, o adjetivo *brancas* é classificado como um constituinte do Sintagma Adjetal que acompanha o núcleo do SN.

Finalmente, esse item lexical designa uma propriedade da entidade referenciada *cadeira*, ou seja, uma propriedade de seu cromatismo; portanto, ela é avaliada pelo emissor como *branca*, em termos de verificação com outras possibilidades cromáticas possíveis.

Outra questão necessária a ser levantada nesta discussão diz respeito à entidade referenciada. Considerando-se, por exemplo, em (2.1), o núcleo do SN *as cadeiras brancas* referencia uma entidade de primeira ordem, *cadeiras*, e isso significa que o SN representa, no Nível Interpessoal, um Subato Referencial.

Em (2.1), *cadeiras*, substantivo exercendo a função de núcleo do SN *as cadeiras brancas*, é, na nomenclatura gramatical tradicional, classificado como um substantivo comum e concreto. Ele evoca duas categorias, portanto, de base semântica para classificação dos substantivos: a primeira delas faz referência à designação feita a qualquer entidade cognitiva ou culturalmente evocada pelo falante na situação discursiva, avaliada em termos da presença de traços gerais das propriedades aplicáveis à classe na qual ela compõe um paradigma possível. Portanto, a entidade referenciada não é *um banco*, *um tamborete*; nem tampouco *um jirau*. A segunda propriedade avalia essa entidade em termos da possibilidade de suas características físicas serem observadas publicamente; ela não é abstrata, portanto.

Observe-se, por exemplo, a ocorrência (2.2).

- (2.2) ela quis dizê(r) que ela poderia tê(r) ro(u)bado né? mas ninguém iria creditá(r) nele... porque ele tem:: ele num tem **condições finance(i)ras muito boa** né? (AC-048; NR: L.224-226)

Nesse exemplo, o substantivo que nucleia o SN não seria classificado pela GT com base em sua materialidade, por conseguinte, não pode ser classificado como substantivo concreto, pois, no universo discursivo em que o enunciado é produzido, avalia-se a entidade considerando-se abstração do conjunto de situações que ela referencia. Com base na análise de SNs com esta configuração, pode-se problematizar a questão da ocorrência dos adjetivos em SNs com núcleos que expressem características distintas. O SN *condições financeiras muito boa(s)* tem como núcleo o substantivo *condições*, classificado pela tradição gramatical como um substantivo abstrato, por designar o conjunto de elementos necessários para que o referente seja avaliado em termos de sua potencial existência no mundo, uma vez que é a partir do amálgama de fatores que se pode atestar essas condições. Logo, essa entidade não



possui propriedades físicas que poderiam ser atestadas no mundo; ela só poderia ser atestada em termos de sua ocorrência.

Destaca-se que esse SN possui dois itens lexicais com propriedades de modificação: *financeiras* e *boa(s)* – como exceção do item *muito*, cuja natureza lexical aponta para sua propriedade adverbial de intensificação. Para efeito de comparação, observe-se que, em (2.1), a propriedade *branca* não se aplica ao substantivo *condições*, como se aplica ao substantivo *cadeiras* da ocorrência (2.1), embora, virtualmente, não haja restrições sintáticas para seu uso:

- (2.3) \*condições brancas financeiras muito boa
- (2.4) \*condições financeira brancas muito boa
- (2.5) \*brancas condições financeiras muito boa

Os exemplos de (2.3) a (2.5) mostram que a ocorrência dos adjetivos se restringe aos tipos de entidade referenciada, acarretando, portanto, um uso não aleatório deles na estrutura de um SN. Essas construções seriam possíveis somente em casos de uso metafórico do item modificador em que, em um mundo possível, o SN *condições brancas* disporia de propriedades distintas em relação a *condições* de outra natureza. Haveria, portanto, restrições de uso dos adjetivos, motivadas também, com base na observação do sintagma em (2.2), pela natureza do substantivo que atua como núcleo.

É em função desse traço que este trabalho centra o foco nas entidades concretas e abstratas com o objetivo de verificar a distribuição de tipos específicos de adjetivos em relação a seus respectivos núcleos. Todavia, a metalinguagem aqui utilizada para referência a essas entidades não se alinha à classificação tradicionalmente empregada nas gramáticas para análise desses itens lexicais, ou seja, substantivo concreto e substantivo abstrato, dando-se preferência, respectivamente, aos termos entidades de primeira ordem e entidades de segunda ordem como destacado anteriormente.

Nesse caso, por exemplo, o termo ‘adjetivo’ é preferido para tratar do item na morfossintaxe, e pelo termo ‘modificador’, para fazer referência às propriedades semânticas dele na perspectiva da GDF e mesmo referência ao Subato Atributivo, quando a esses itens lexicais se atribui valor pragmático, conforme atuam os Níveis Morfossintático, Representacional e Interpessoal.

Além disso, a GDF dispõe também de um princípio de adequação tipológica, o que implica fornecer princípios universais escalares que permitam viabilizar a análise de línguas naturais como também os mecanismos de modificação em diferentes línguas e não somente a modificação via adjetivos, analisados no Nível Morfossintático.

Hengeveld (1992), por exemplo, propõe a existência de classes tipológicas de línguas, como a de línguas diferenciadas, ou seja, línguas que dispõem de quatro classes de palavras distintas para expressão de quatro funções lexicais específicas: verbos, nomes, adjetivos e advérbios. Dentro dessa hierarquia, os adjetivos são os responsáveis pela modificação dos nomes. Por conseguinte, o termo ‘modificador’ é tomado, neste trabalho, como uma função tipicamente semântica ou pragmática, sendo ela aplicada a outras classes de palavras como a do advérbio. Destaca-se que, em português, quando se analisa a modificação no Nível Morfossintático, a categoria que a representa é a dos adjetivos. Por conseguinte, o objeto de estudos desta dissertação, os modificadores adjetivais, pode ser considerado uma categoria complexa conforme atue no Nível Interpessoal (Subato Atributivo ou mesmo Modificador), no Nível Representacional (Modificador ou Propriedade Lexical) e, no Nível Morfossintático, o adjetivo atuando como um constituinte do Sintagma Adjetival (*Adjectival Phrase*) que é, por sua vez, constituinte de uma categoria mais alta, a do Sintagma Nominal (*Nominal Phrase*).

Busca-se adotar uma metalinguagem descritiva que possa contrapor-se à aparente simplicidade categorial, nas gramáticas normativas. Para problematizar a questão, pode-se citar como exemplo a distribuição potencial de termos proposta por Perini (1995), que analisa como a posição potencial dos modificadores somente as palavras distribuídas à direita do núcleo do SN. Portanto, Perini (1995) entende o termo ‘modificador’ como possuidor de uma forte relação posicional com a conhecida classe gramatical dos adjetivos.

A análise da classificação de palavras nos compêndios gramaticais permite verificar que a tradição normativa subdivide a classe dos nomes em substantivos e adjetivos com base na observação de suas características morfológicas e semânticas, entendidas, respectivamente, como propriedade de flexão, quando as duas classes figuram juntas no interior de um SN. Além disso, há também a propriedade de referência, singularizada no fato de certos adjetivos se referirem a uma entidade, nomeando-a, como se costuma atribuir ao substantivo, além de dar-lhe um caráter de modificador, como se pode observar em (2.6).

- (2.6) e como ela me/ foi eu... eu tive **um um adversário político** um adver/ um::... que foi companhe(i)ro que foi o do(u)tor Chim mas nunca que sempre que... sempre que o P.S.D.B. quis mandá(r) alguma coisa pra Mirassol a gente concordô(u) e a gente teve junto... mesmo num tan(d)o no mesmo lado do do... da política (AC-145; RO: L.254-257)

Em *um adversário político*, se se considera a posposição como a prototípica de um modificador adjetival em relação ao núcleo em português, o núcleo nominal *adversário* tem caráter referencial; entretanto, se for aplicada uma operação de inversão nuclear, atribuindo a centralidade do sintagma ao item *político*, seria possível a formulação contida em (2.7).

(2.7) um político adversário

No sintagma *um político adversário* o item *adversário* passa a ser dotado da função primária atributiva, que identifica o modificador adjetival. É, por isso, mais coerente investigar os modificadores adjetivais também com base em parâmetros pragmáticos e semânticos, o que requer não apenas uma descrição distribucional em termos das posições que ocupam na estrutura do SN, mas também uma descrição dos aspectos funcionais que motivam essa distribuição formal.

Essa posição teórica significa, portanto, tomar os SNs nucleados por entidades de primeira ordem, considerados prototípicos<sup>30</sup>, e entidades de segunda ordem, consideradas não prototípicas (LYONS, 1977; HENGEVELD, 2008), dentro da análise da estrutura morfológica do SN, tendo por base as distinções impostas pelo núcleo nominal, que são projetadas pelo Nível Interpessoal e pelo Nível Representacional (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008). Assim, sem desconsiderar a noção mais tradicional de classes gramaticais, a análise aqui proposta se justifica no fato de ampliar o escopo de análise, buscando motivações pragmáticas e semânticas, além de procurar examinar em que grau seja possível compatibilizar a análise formal com a funcional quando o objeto de estudo são os modificadores adjetivais.

Sobre o substantivo, a opção adotada alinha-se à proposta de Lyons (1977) e Hengeveld e Mackenzie (2008), retomadas por Camacho et al. (2014). Ampliando a classificação de Lyons (1977), Hengeveld e Mackenzie (2008) propõem a seguinte tipologia de entidades referenciadas pelos substantivos: entidades de zero ordem, de primeira, de segunda, de terceira e de quarta ordem. Por questões metodológicas, este trabalho discute essencialmente entidades de primeira e de segunda ordem.

---

<sup>30</sup> Hopper e Thompson (1984) analisam um substantivo prototípico com base na consideração do fato de ele denotar um objeto visível ou tangível. Esta concepção se aplica a análise da prototipicidade de entidades de primeira ordem, referidas neste trabalho. Estas entidades são, portanto, consideradas prototípicas uma vez que sua existência pode ser atestada em termos de sua visibilidade ou tangibilidade no mundo no qual sua presença pode ser denotada.

O substantivo *cadeiras* (cf. a ocorrência 2.1, *as cadeiras brancas*) identifica uma de entidade de primeira ordem, que, na visão de Camacho et al. (2014), é uma entidade prototípica da classe dos substantivos. Seu traço central é poder ser avaliada em termos de sua existência em um mundo possível. Entre as entidades de primeira ordem podem-se citar pessoas, animais, coisas, objetos ou mesmo seres cuja concretude pode ser avaliada no mundo em que eles têm sua existência atestada.

Por outro lado, o substantivo *condições* (cf. a ocorrência 2.2, *condições financeiras muito boa*), não se classifica como uma entidade de primeira ordem, mas como uma entidade de segunda ordem, pois sua referência não pode ser avaliada em termos de sua existência em um mundo possível, não pode ser observada publicamente, mas possui certa duração temporal e pode ser avaliada em termos de sua ocorrência. Observe-se a ocorrência contido em (2.8).

(2.8) fiquei orando e eu às vezes eu dormia assim quase caía no chão sabe? mas eu num ficava em pé oran(d)o até... orei pa todo mundo que eu conhecia aí de manhã eu acor/ quando amanheceu... começô(u) a rodeá(r) uns passarinhos em volta de mim assim era uma coisa muito legal e eles ficavam não EM VOLta assim lá em cima PERTinho de mim assim se eu desse **uns uns pulos altos** assim dava até pa... pô(r) a mão assim... dois passarinhos... e:: aí eu fui dormí(r) né? aí tá... éh:: pas/ a gente apresentô(u) no centro tal aí depois no o(u)tro dia eu falei – “bom eu quero conhecê(r) a igreja dela né?” (AC-045; NE: L.49-55)

Esse caso de SN exemplifica novamente os três critérios classificadores dos adjetivos no interior do SN, aqui adotados, mas, como se verá, a natureza do referente nuclear diferencia esse exemplo do exemplo (2.1) e se alinha à análise proposta para a ocorrência (2.2), como uma entidade de segunda ordem.

No SN *uns pulos altos*, o adjetivo *altos* concorda em gênero e número com o núcleo do sintagma nominal *pulos*. Morfossintaticamente, junto aos determinantes que encabeçam o sintagma *uns*, o adjetivo *altos* é classificado como constituinte do SN. Finalmente, o item lexical nuclear designa uma ação que é avaliada pelo emissor em termos de gradação no momento de sua ocorrência. O falante opta por intensificá-la em grau maior ou menor em relação a pulos potenciais que ocorreriam em momentos anteriores ao o evento enunciado.

Na terminologia gramatical tradicional, o substantivo *pulos* seria classificado como substantivo abstrato, pois não seria responsável pela referência direta a entidades concretas do mundo, designando, ao invés disso, uma ação. A metalinguagem adotada neste trabalho faz

referência a entidades com essas características como de segunda ordem<sup>31</sup>, com base na já referida proposta original de Lyons (1977), adotada por Hengeveld (2008) e também Camacho et al. (2014). A ação de pular, nominalizada em (2.8), tem uma certa duração temporal e, embora não tenha existência, ela é passível de ocorrer.

Por razões de comparação, observa-se a ocorrência (2.8) em oposição à ocorrência (2.9) em que o adjetivo *alto* entra novamente na cena discursiva.

(2.9) ele/ ele tava trabalhan(d)o né? tava tiran(d)o::... leitura... aí... ele::/ ele... tinha **um/ um muro alto pra caramba...** (AC-033; NR: L.45-47)

Veja-se que, diferentemente do adjetivo *brancas* da ocorrência (2.1), em que a propriedade de ser *branca* sofre restrições de uso com base na natureza do substantivo que o adjetivo acompanha no interior do SN – se de primeira ou de segunda ordem –, nas ocorrências (2.8) e (2.9) o atributo *alto* se aplica tanto a entidades de primeira quanto a entidades de segunda ordem. Em (2.8), o adjetivo *alto* mensura a intensidade do Estado de Coisas *pular* enquanto, em (2.9), mensura a dimensão vertical, física, da entidade de primeira ordem referenciada, *muro*.

O que difere o SN *as cadeiras brancas* do SN *uns pulos altos* é a natureza semântica do referente nuclear que restringe a ocorrência de alguns adjetivos em detrimento de outros com base na relação estabelecida com a natureza semântica do núcleo do SN e mesmo na posição do adjetivo em relação ao núcleo, representado por Indivíduos e Estado de Coisas.

Para ampliar a discussão da semântica do elemento nuclear e dos adjetivos, volta-se aqui a levantar a questão da propriedade atributiva dos adjetivos e a propriedade referencial dos substantivos. Tome-se como exemplo a ocorrências contida em (2.10) e o exemplo em (2.11) em que os constituintes do SN *candidato professor* põem em cheque o estatuto do adjetivo e do substantivo no interior do SN.

(2.10) era era diferente do professorado HOje... que o professorado tem **candidato professor**... e não vota... tem professor (aí) aquele professor que é presidente da associação dos professores... num foi eleito deputado porque a classe num prestigiô(u) [então] (AC-151; NR: L.295-298)

(2.11) professor **candidato**

---

<sup>31</sup> Os critérios que condicionam a classificação das entidades com base na perspectiva funcional, aqui adotados, foram apresentados na Seção 1.2.2. Conferir também Quadro 7.

Em *candidato professor*, está em questão uma discussão presente em estudos diacrônicos das línguas românicas e, conseqüentemente, do português. As duas classes envolvidas podem ser amalgamadas em uma única classe ainda mais extensa, a dos nomes. No interior do SN, diferenciam-se substantivos de adjetivos com base na observação de características morfossintáticas e semânticas, entendidas, respectivamente, como propriedade de flexão, quando as duas classes figuram juntas no interior de um SN, e com propriedades de referência e atribuição, já analisadas anteriormente<sup>32</sup>.

Os casos contidos em (2.10) e (2.11) singularizam o fato de certos adjetivos se referirem a uma entidade, nomeando-a, como se costuma atribuir ao substantivo:

(2.12) **candidato** professor

além de dar-lhe um caráter de modificador, atribuindo-lhe uma propriedade:

(2.13) candidato **professor**

Essas considerações permitem retomar, nesse ponto, a discussão da possível amálgama de substantivos e adjetivos em uma única classe de palavras. A questão levantada nesses exemplos volta-se para o fato de que a diferença entre um Subato de Referência e um Subato de Atribuição depende de critérios posicionais derivados da Codificação Morfossintática; desse modo, embora os dois itens possam ser igualmente categorizados como substantivos, é o posicionado à direita do núcleo do SN que responde pela modificação.

## 2.2. Técnicas e procedimentos metodológicos

Como já mencionado, a análise a ser desenvolvida pretende centrar o foco nos modificadores adjetivais no interior de SNs nucleados por entidades de primeira e de segunda

---

<sup>32</sup>Castilho (2010) discute o estatuto de substantivos e adjetivos, apresentando um panorama que se alicerça no significado das palavras categorizadas dentro dessas duas classes de palavras. Segundo o autor, nas gramáticas latinas, as duas classes eram reunidas sob a mesma designação de *nomen* e eram amalgamadas em função dos aspectos morfossintáticos já citados no início deste texto: marcação de gênero e número. Para Castilho (2010), o termo substantivo, nas gramáticas do latim, significa literalmente “o que está debaixo, na base”. Com o uso dessa designação “[...] os gramáticos gregos aparentemente desejavam dizer que os substantivos são o fundamento do texto, pois não se pode construir um texto sem utilizar essa classe.” (CASTILHO, 2010, p. 455). O processo de distinção entre classes de palavras distintas, segundo Castilho (2010), começa a delinear-se formalmente nos estudos gramaticais com base no século XVIII quando adjetivos e substantivos passaram a ser singularizados com base em propriedades específicas de cada item.

ordem. Como o enfoque da análise é funcional, adota-se o paradigma teórico da chamada corrente holandesa, ou seja, a Gramática Funcional (DIK, 1997a; 1997b) e a Gramática Discursivo-Funcional (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008), como lugares privilegiados de discussão de propriedades pragmáticas, semânticas e morfossintáticas envolvidas com a posição dos modificadores no SN.

Procura-se aplicar, como critérios, os parâmetros classificadores postulados por Hengeveld (2008), que distingue três tipos de modificação: de atitude subjetiva, de predicação do referente e de modificação da referência. Os procedimentos de análise são indutivos, o que significa coletar dados reais de conversação, circunscritos ao levantamento de cada ocorrência de SNs na amostra considerada. Em seguida, aplicam-se os critérios elencados na literatura linguística estudada em busca de generalizações que correlacionem motivações pragmáticas e semânticas do modificador adjetival à posição que ele ocupa em relação ao núcleo do SN na codificação morfossintática.

A investigação volta-se para o processo de atribuição de uma propriedade aos SNs referenciais nucleados por entidades de primeira ordem ou Indivíduos (*criança*), identificados como prototípicos; apenas por razões de comparação, incluem-se também os SNs nucleados por entidade de segunda ordem ou Estado de Coisas (*eleição presidencial*), o que acarreta a eliminação de nomes de ordem superior (cf. Quadro 4), os que denominam entidades de terceira ordem (*ideia e lembrança*) e entidades de zero ordem (*tranquilidade, calma e frieza*).

A análise se debruça sobre a resolução da hipótese geral de que haveria tipos semânticos de modificadores, na estrutura sintática de SN, nucleados por Indivíduos e por Estados de Coisas para examinar se a subdivisão proposta por Hengeveld (2008) dos modificadores adjetivais entre modificadores de atitude subjetiva, predicado do referente e predicado da referência podem impor uma nova interpretação para o comportamento desses itens lexicais em português, que, como língua diferencial (HENGEVELD, 2004), dispõe de uma classe de palavras específica para expressão morfossintática da modificação no SN.

Além disso, com base em descrições envolvendo propriedades pragmáticas, semânticas e morfossintáticas dos adjetivos, pretende-se examinar se a motivação pragmática dos modificadores adjetivais implica uma posição especial deles em relação ao núcleo nominal, se antepostos ou se pospostos; em outros termos, se a codificação morfossintática dos adjetivos no SN é motivada por propriedades emanadas dos Níveis Interpessoal e Representacional.

Em (2.14) e (2.15), as propriedades lexicais *verde* e *batida*, de conformidade com a proposta de Hengeveld e Mackenzie (2008), aplicam-se a uma entidade de primeira ordem, enquanto a propriedade *semanal* se aplica a uma entidade de segunda ordem em (2.16).

(2.14) ela é:: é morena... tem **os olhos verdes**... morena não loira assim mas o cabelo dela é castanho claro... tem os olhos verdes é branca... (AC-064; DE: L.78-79)

(2.15) eu não conseguia fazê(30 r) **as/ as sopinha batida** porque ham:: o prime(i)ro mês a gente só toma aquela aguinha... (AC-152; NE: L.30-31)

(2.16) por exemplo... diz na qualquer seita religiosa... diz que você tem **um culto semanal obrigatório**... qualquer seita... tem o culto semanal obrigatório... (AC-114; RO: L.820-821)

Quando aplicados a uma entidade de primeira ordem, os modificadores de (2.16), tornam agramatical o resultado, como se observa em (2.17) e (2.18):

(2.17) \*os olhos semanais

(2.18) \*os olhos obrigatórios

Do mesmo modo, os modificadores *verde* e *batido* aplicados ao núcleo *culto* tornam agramatical o SN:

(2.19) \*um culto verde

(2.20) \*um culto batido

São essas evidências provindas de dados reais que apontam para a relevância metodológica de correlacionar a natureza semântica dos adjetivos com a natureza semântica do referente nuclear como motivações postas no complexo processo de seleção de usos dos adjetivos no interior de SNs nucleados por entidade de primeira e segunda ordem. Para tanto, uma perspectiva baseada num paradigma teórico funcional, a priori, fornece uma possibilidade de leitura dos sintagmas muito além das informações morfossintáticas presentes em seu processo de organização estrutural.

Por questões metodológicas, a análise dá preferência pela seleção e pela análise de modificadores simples, o que significa limitar-se à classe morfossintática tradicionalmente denominada adjetivo, deixando de lado, sintagmas preposicionais locativos (*o gato no tapete*) e não locativos (*um homem de honra x honrado*) independentemente da posição ocupada por



eles em relação ao núcleo do SN e da presença de outros modificadores compondo a estrutura do sintagma ou de empilhamento de adjetivos. Uma ocorrência extraída da amostra de adjetivo simples está contida em (2.21).

- (2.21) e:: eu... precisei conversá(r) com elas a respeito porque o vestido era obrigatório... então eu pedi pra elas se elas conseguiam arrumá(r) **o vestidinho caipi::ra...** pedin(d)o pra vizi::nha pra paren::te pra alguma ami::ga né?... (AC-088; NE: L.29-32)

Essa restrição não se aplica, todavia, aos casos em que os modificadores aparecem “empilhados”, (cf. Seção 1.2.2), como os apresentados em (2.22).

- (2.22) Inf.: [vivo] chorava... é o único que parecia comigo tinha **um olho verde grandão** né?... (AC-090; NE: L.48)

Em (2.22), o levantamento privilegia cada adjetivo tomado isoladamente, isto é, alterando-se, obviamente, sua relação com as propriedades do núcleo.

Por outro lado, nos casos em que o modificador estiver acompanhado, na estrutura do SN, por outro item lexical, como, por exemplo, advérbios intensificadores, o modificador é processado mediante a atribuição de um fator de análise específico (cf. Quadro 6), que processa a existência desse advérbio no interior do SN. Em (2.23), ilustram-se casos com essas propriedades.

- (2.23) Inf.: é:: já foi pensado... então tem a gelade::(i)ra... tem uma pi::a tam(b)ém... **uma pia muito gran::de**... um fogão::... uma mesa que foi mandado fazê(r) as cade(i)ra foi tudo mandado fazê(r)... são coisas maciça né? [Doc.: hum::] o piso é cla::ro... da cozinha::... o (a)cabamento é tudo clarinho... e:: no nos quarto também TUdo cla::RO nas duas salas já é um po(u)co mais escuro (AC-139; DE: L.255-259)

Em (2.23), a entidade referenciada *pia* tem como modificador a propriedade *grande*, interpretada pela GT como um adjetivo simples, ou seja, esse SN preenche um dos critérios de análise desse projeto. Além disso, o modificador *grande* tem suas propriedades alteradas pelo item intensificador que o acompanha, *muito*, graduando-o e, em certa medida, expressando o julgamento que o falante faz sobre a dimensão da entidade, considerada potencialmente maior que outras em um paradigma hipotético. É necessária a existência de um fator que especifique a presença de um advérbio no interior do SN, pois se percebe que ele pode vetar a anteposição do atributo em relação ao núcleo, tornando agramatical, por exemplo, um SN com a seguinte

constituição: *uma muito grande pia*. Já a ausência do advérbio intensificador licencia a anteposição do modificador adjetival, obtendo-se, por exemplo: *uma grande pia*.

Também compõem a amostra investigada ocorrências de adjetivos com as mesmas características citadas acima, mas que modificam Estado de Coisas como em (2.24-26).

- (2.24) depois quando cresce um po(u)co mais aí passa-se uma meia-lua... que chama meia-lua que passa no meio da carre(i)ra... pra cortá(r) os matos pra que éh::... haja **menos trabalho manual** com enxada né? (AC-093; RP: L.265-267)
- (2.25) e::... ele vai me ensiná(r) **um jogui::nho no::vo... africa::no...** (AC-007; RO: L.204-205)
- (2.26) Inf.: olha o casamento hoje é::... é uma coisa::... que me/ até en/... o meu não o meu me de(i)xa muito feliz porque faz trinta e três anos que eu sô(u) casado... com uma mulher maravilhosa... eu tenho dois filhos... no qual a gente tem uma família tam(b)ém **uma estrutura muito boa...** meus filhos muito bem educado... (AC-091; RO: L.158-161)

Nessas três ocorrências, os SNs selecionados são nucleados por Estados de Coisas *trabalho*, *joguinho* e *estrutura* que apresentam adjetivos simples como atributo; (2.24) identifica a presença do adjetivo simples *manual*, ocupando a posição à direita do núcleo; (2.25) ilustra um caso de empilhamento adjetival com *novo* e *africano*; já (2.26) atesta-se a existência de um adjetivo intensificado.

Entretanto, esses modificadores, acompanhados por outros itens no interior do SN, quando à direita do núcleo sem possibilidade de anteposição, são processados com base em um critério específico ‘somente posposto com presença de advérbios modificadores’ (cf. mais adiante o Quadro 6). No processamento quantitativo final, essas ocorrências aparecem distinguidas das demais analisadas.

Além dessas ocorrências com adjetivos simples, como já mencionado, também compõem os dados analisados Estados de Coisas com adjetivos argumentais, casos em que se verifica a estrutura valencial e, por conseguinte, aplicam-se os testes de Negrão et al. (2014), como demonstrado em (2.27).

- (2.27) dePOIS... do filho aconteceu um acidente com a filha... a filha veio a falecê(r) também... ela tinha trinta e nove tinha duas menininha... uma com sete outra com on/com onze ano... foi o(u)tra panCAda só que aí:: já foi mais leve... que a gente tinha... **os preparo espiritual** né? (AC-121;NE: L.28-31)

Avaliados os casos enquadrados, vejamos os critérios metodológicos de exclusão, cuja exposição se inicia com o exemplo (2.28).

- (2.28) Inf.: e como a vida lá era muito difícil... [Doc.: hum::] eles enfrentavam uma viagem até perigosa pra::... pra vim embora da da da Europa pro Brasi/ Brasil... [Doc.: sei] então era:: aqueles... navio a vapor:: **aquela viagem... de sacrifício de grandes perigo** mas eles enfrentaram a viagem e:: e e junto com outros... italianos da... da época que tinham (AC-123; NR: L.109-112)

Em (2.28), o núcleo do SN é a entidade de segunda ordem *viagem*, que é, nesse caso, modificada por Sintagmas Preposicionais (Sp). A presença do modificador *grandes* no Sp *de grande perigo* modifica o núcleo da estrutura na qual se insere, ou seja, a entidade de terceira ordem *perigo*. Portanto, esse item modificador, *grande*, participa de uma estrutura sintagmática paralela àquela que nucleia a entidade referenciada, *viagem*. No entanto, esses casos não foram contemplados em ocorrências com essa configuração, pois elas não são providas de adjetivo simples.

Outro caso não contemplado é o de (2.29), que ilustra um SN representando um Subato Atributivo, não um Subato Referencial.

- (2.29) bom... eu vô(u) falá(r) da minha casa... minha casa **é um sobradi::nho... pequeno** que tem uma garagem (ampla) que cabe três carros... (AC-008; DE: L.95-96)

Por outro lado, foram incluídos os SNs, que, embora modificados por sintagmas preposicionados, contam também com a inserção de um modificador adjetival simples, como aparece em (2.30).

- (2.30) aí vai aí a M. veio e falô(u) assim –“H. vamo(s) lá que a I. qué(r) falá(r) com você”– ... e entrei na sala dela... cê entrava entre/ na sala dela assim tem **um pôster do comandante Rolim enorme**... e uma tristeza que eu sinto é de num tê(r) conhecido... o comandante Rolim... (AC-051; NE: L.85-88)

Nessa ocorrência, a existência do Sp *do comandante Rolim*, modificando a entidade referida por *pôster*, não impede a inserção de um modificador simples, o item lexical *enorme*, devidamente contemplado pelos critérios de análise.

Esse caso é equivalente aos SNs nucleados por Estados de Coisas, como o contido em (2.31).

- (2.31) via a situação:... ali... se tinha infecção você coletava raspava tudo aquilo limpava bem... tirava as pontas... né? fazia o:: .../a toaLETE da cavidade... eu so/ eu SEMPRE suturei... porque tem **uma passagem... uma passagem interessante da sutura...** que::... prime(i)ro:: prime(i)ro prime(i)ro jogos abertos de Rio Preto que usô::(u) o::... o:: ginásio do Palestra... (AC-147; RP: L.222-226)

O SN complexo *uma passagem interessante da sutura* tem como núcleo uma entidade de segunda ordem modificada por um adjetivo *interessante* e um Sp *da sutura*. Nesse caso, só o modificador adjetival está contemplado na análise.

Vejamos, agora, o exemplo contido em (2.32).

- (2.32) então prime(i)ra coisa é o planejamento... depois do planejamento tem:: éh:: abertu::ra... de(i)xa eu vê(r) aqui **abertura visual**... é isso mesmo abertura visual cê fez um planejamento depois faz abertura visual dos equipamentos que são as chaves faça você vai isolá(r) aonde você vai trabalhá(r)... você faz abertura(AC-139; RP: L.336-340)

O SN envolvido, *abertura visual*, é modificado pelo adjetivo *visual*, que tem função argumental, cuja evidência mais explícita é transformação desse adjetivo simples em um sintagma preposicional:

- (2.33) abertura da visão

Além desses casos de não consideração de sintagma preposicionais, também não entram em análise SNs nucleados por referentes genéricos, como os apresentados em (2.34-37).

- (2.34) eu falei –“porque... nossa aconteceu uma coisa tão forte dessa né? eu quero í(r) lá”– né?... só que eu fui achan(d)o que ia tê(r) **uma coisa assim espetacular**:: éh ia acontecê(r) uma... óh:: uma coisa uma revela::ção tudo mas... cheguei lá::... o pastor começô(u) falá(r) de/ criticá(r) o namo/ menina que namora o namorado não-evangélico... (AC-045; NE: L.56-60)

- (2.35) isso aí é o erro do do povo... da da... do mundo inte(i)ro... [Doc.: aham] por isso que nós temos a violência no mundo... que a violência um pouco é natural porque mesmo às vezes tem **gente violenta** que foi criado com todo o conforto né? (AC-123; RO: L.350-352)

- (2.36) e:: isso qué(r) dizê(r)... mundo fácil.... tem **pessoas fáceis**... (AC-079; RO: L.132)

- (2.37) mas se você colocá(r) **um cara ladrão** lá dentro... (AC-041; RO: L.271-272)

Nas ocorrências, os núcleos *coisa, gente, pessoas e cara*, embora potencialmente referenciais, têm uma leitura genérica nas ocorrências supracitadas. Como os critérios dão preferência para a natureza claramente referencial em termos de sua localização no espaço e sua avaliação em termos de sua existência, foi necessário excluir esses casos de referência genérica como critério de construção da amostra.

Como se verá, parte dos critérios que condicionam a classificação dos adjetivos em predicadores e argumentais têm motivação sintática, estando reservada aos argumentais sempre a posição pós-nuclear e aos predicados, entretanto, uma possibilidade mais variável de ordenação.

Esses procedimentos de inclusão e de exclusão conduziram, no final, a um total de 1082 ocorrências, todas coletadas no banco de dados que compõe o Córpus Iboruna. Concebido no interior do Grupo de Pesquisa em Gramática Funcional (GPGF), do IBILCE/UNESP, a coleta que constitui o Corpus Iboruna foi desenvolvida no âmbito do *Projeto ALIP*, cujo objetivo foi descrever a língua falada como um requisito pragmático da interação verbal, além de conter amostras de fala sistematicamente controladas por variáveis sociais (GONÇALVES; TENANI, 2008).

O banco de dados Iboruna dispõe de dois tipos de amostra de fala a Amostra Censo e a Amostra Interação. A primeira é composta por 152 inquéritos sociolinguisticamente controlados com base nas seguintes critérios: faixa etária, escolaridade, renda familiar, cidade e sexo/gênero. A segunda dispõe também de 11 inquéritos coletados sigilosamente em situações reais de interação.

Em razão do alto grau de recursividade de SNs, as ocorrências que constituem o córpus deste trabalho foram coletadas de apenas 50% dos inquéritos do banco de dados da Amostra Censo, perfazendo um conjunto de 76 inquéritos. Como este trabalho não é um estudo variacionista, os grupos de fatores sociais em que se assenta a seleção dos inquéritos não são relevantes para a análise dos modificadores adjetivais.

O processamento dos dados se deu mediante a leitura individual de cada inquérito usado como base para a coleta de SNs referenciais com presença de adjetivos simples predicados ou argumentais nucleados por Indivíduos ou Estados de Coisas.

O processamento estatístico da amostra, por sua vez, foi realizado com base em programas específicos do pacote estatístico *GoldVarb* (SANKOFF; TAGLIAMONTE, S; SMITH, 2005), cuja função é produzir uma distribuição quantitativa capaz de confirmar ou rejeitar as principais hipóteses relacionadas aos modificadores adjetivais.

### 2.3. Fatores de análise e perguntas de pesquisa

As reflexões sobre a semântica dos adjetivos, apresentadas na seção anterior, permitem formular o Quadro 6, que estabelece os grupos de fatores aplicados à análise das ocorrências de nomes de primeira e segunda ordem coletadas. Propomos uma síntese das informações pragmáticas, semânticas e morfossintáticas que servem como parâmetros de análise, fornecendo, portanto, a base sobre a qual se assentará a discussão da modificação adjetival em SNs na variedade rio-pretense.

Quadro 6: Fatores de análise

| <b>GRUPOS DE FATORES</b>   |
|--|
| <b>1. NATUREZA DO REFERENTE NUCLEAR</b>                              |
| Indivíduo/nome de primeira ordem                                     |
| Estado de Coisas/nome de segunda ordem                               |
| <b>2. RELAÇÃO DO MODIFICADOR COM O NÚCLEO NOMINAL</b>                |
| Argumental   |
| Predicado de referente (para os não-argumentais)                     |
| Predicado de referência (para os não-argumentais)                    |
| <b>3. POSIÇÃO DO MODIFICADOR EM RELAÇÃO AO NÚCLEO</b>                |
| Anteposto  |
| Posposto   |
| Propriedade não se aplica (argumentais)                              |
| <b>4. NATUREZA GRADUAL DO MODIFICADOR</b>                            |
| Graduável ( <i>mais/menos calma, calmíssima</i> )                    |
| Não-graduável ( <i>campestre</i> )                                   |
| Propriedade não se aplica (argumentais)                              |
| <b>5. POSSIBILIDADE DE COMUTABILIDADE COM SINTAGMA PREPOSICIONAL</b> |
| Comutável: <i>ciências naturais (da natureza)</i>                    |
| Não comutável: <i>alma sombria (alma de sombra)</i>                  |
| Propriedade não se aplica (argumentais)                              |
| <b>6. POSSIBILIDADE DE ATUAR COMO APOSTO DO NOME</b>                 |
| Aposto ( <i>alegres, as crianças partiram</i> )                      |
| Não aposto ( <i>ferroviárias, as estações estão fechadas</i> )       |
| Propriedade não se aplica (argumentais)                              |
| <b>7. POSSIBILIDADE DE ACEITAR PREFIXOS NUMÉRICOS</b>                |
| Não aceitam: <i>*trifeliz</i>  |
| Aceitam: <i>multinacional, monocromático</i>                         |
| Propriedade não se aplica (argumentais)                              |
| <b>8. POSSIBILIDADE DE ACEITAR PREFIXOS DE NEGAÇÃO</b>               |
| Aceitam : <i>infeliz</i>   |
| Não aceitam: <i>*desurbano</i>                                       |
| Propriedade não se aplica (argumentais)                              |

---

## 9. NATUREZA SEMÂNTICA DO ADJETIVO

---

Propriedade não se aplica (argumentais)

---

De verificação: *pátrios, gentílicos, de cor*

---

Predicativo qualificador psicológico: *cidade asfixiante (a cidade me asfixia); simpático*

---

Predicativo qualificador não psicológico: *bom, mau, difícil*

---

Predicativo quantificador dimensionador: *janelas largas*

---

Predicativo quantificador intensificador ou graduador: *buraco enorme*

---

Predicativo quantificador aspectualizador: *normal, semanal, habitual, prova lenta*

---

Predicativo quantificador delimitador: *ideia básica, autênticas porcarias*

---

Predicativo modalizador epistêmico: *causa real, motivo possível*

---

Predicativo modalizador delimitador: *médico particular, específico*

---

Predicativo modalizador deôntico: *decisão obrigatória*

---

Predicativo dêitico: *futuro próximo; dia seguinte (anafórico/textual)*

---

Adjetivo de estado: *quebrado*

---

Adjetivo classificador

---

## 10. POSIÇÃO POTENCIAL DO MODIFICADOR

---

Somente anteposto

---

Somente posposto

---

Anteposto e posposto com mudança de significado

---

Anteposto e posposto sem mudança de significado

---

Somente posposto com presença de advérbios modificadores e argumentais

---

Fonte: elaborado pelo autor.

Como o objeto de estudos deste trabalho são os modificadores adjetivais em relação à informação semântica do núcleo e à posição que eles ocupam no SN, a análise dos SNs submetidos a esses grupos de fatores pretende responder às seguintes perguntas gerais:

- (i) Há motivações funcionais que condicionam o preenchimento de posições específicas dos modificadores no interior do SN, em consonância com a interpretação de Perini (1977), que sugere uma natureza interna e uma natureza externa desses constituintes, embora de base formal, distributiva?
- (ii) Que implicações potenciais se derivam de SNs prototípicos, entendidos como representando Subatos Referenciais, notadamente em relação a fatores pragmáticos, advindos do Nível Interpessoal, e a fatores semânticos, advindos do Nível Representacional, que motivem o processo de codificação no Nível Morfosintático?
- (iii) Que interpretação a GDF pode fornecer, em termos de níveis e camadas de organização, para a anteposição e a posposição de adjetivos em relação ao núcleo de SNs prototípicos e à natureza argumental e predicadora dos adjetivos em SNs não prototípicos?
- (iv) Que relações são possíveis estabelecer entre a distribuição formal e a natureza argumental e predicadora do adjetivo em relação ao substantivo nuclear?

Em trabalho sobre ordenação de constituintes com base nos pressupostos da GDF, Pezatti (2014) defende que o critério de estilo, evocado pela tradição gramatical, na verdade, representa as escolhas que o Falante faz ao moldar a codificação morfossintática às suas intenções comunicativas<sup>33</sup>. O arcabouço proposto pela GDF fornece os mecanismos para análise dessa questão de “estilo” e mesmo para análise dos intitulados adjetivos predicadores de núcleo que restringiriam e ou completariam o significado do referente nuclear.

Mais especificamente, comparando-se a subdivisão proposta de Negrão et al. (2014) entre adjetivos argumentais e adjetivos predicadores, pode-se perguntar também se, os mesmos modificadores adjetivais estariam potencialmente disponíveis a SNs nucleados por Estados de Coisas e Indivíduos. A resposta a essa pergunta permitiria compatibilizar a perspectiva formal com o arcabouço teórico-metodológico que sustenta a análise aqui proposta.

Como citado anteriormente, Greenbaum et al. (1985) classificam a classe dos adjetivos com base na posição que ocupam em relação ao núcleo SN, podendo figurar, assim, em duas posições possíveis: à direita (pós-modificação) ou à esquerda (pré-modificação). Essa posição teórica permite fazer inferências sobre os sentidos projetados pelo adjetivo em posição à direita ou à esquerda do núcleo nominal, ou seja, permite estabelecer relações entre a codificação morfossintática e as propriedades pragmáticas e semânticas.

Vimos que a descrição do português contém trabalhos que se debruçam sobre a estrutura do SN e, portanto, dos itens que figuram potencialmente no interior dele. Em um trabalho de natureza descritiva, Perini (1995) propõe uma análise dos constituintes do SN com base num conjunto de critérios formais, distributivos. Perini (1995) fornece dados interpretativos relevantes, mediante a descrição de todas as funções que os constituintes podem exercer no interior do SN e mediante a indicação de posições em que figuram potencialmente no que chama de SN máximo. Levando isso em conta, em que condições da ordenação dos constituintes no interior do SN resulta uma mudança de valor do modificador? Todos os modificadores seriam suscetíveis à anteposição? Se não, quais seriam os tipos semânticos de adjetivos mais suscetíveis a ocupar a margem esquerda do núcleo nominal em português?

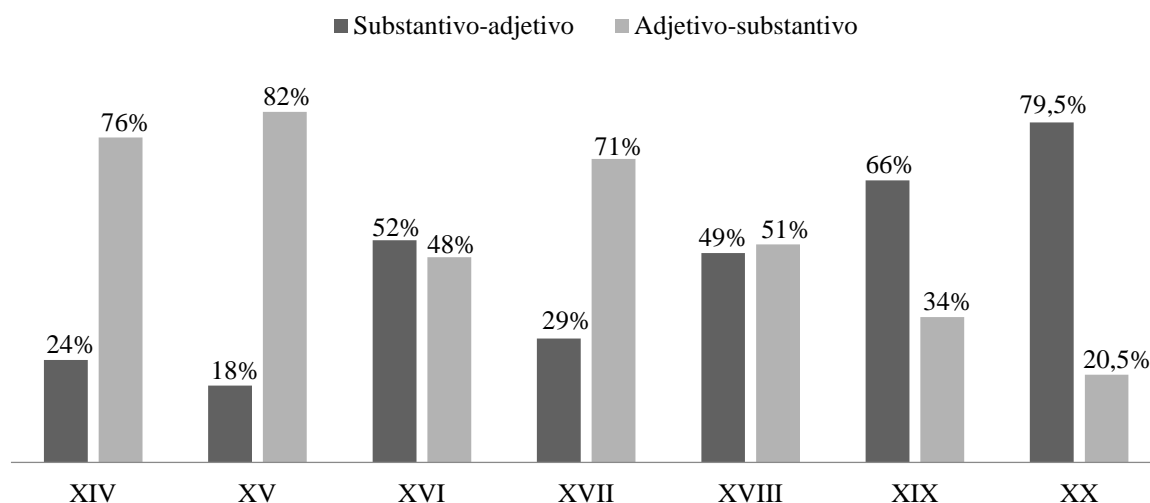
Conforme assinala Perini (1995), a posição à direita do núcleo é o lugar privilegiado para se alocarem os modificadores em português, posição também sustentada por Cohen (1989), sob uma perspectiva diacrônica, cujos índices têm a distribuição contida na Figura 10.

---

<sup>33</sup> Esse princípio implica, de qualquer modo, que as gramáticas tradicionais levam em conta aspectos pragmáticos na concepção que têm do SN, mesmo que de forma lacunar ou implícita.



Figura 10: Posição dos adjetivos



Fonte: adaptado de COHEN, 1989.

A leitura dos dados mostra que, a partir do século XVIII, a posposição passa a ser a posição preferida no português brasileiro. A ordem substantivo-adjetivo sofre um acréscimo de frequência, que se vê, por exemplo, da ordem de 24% no século XIV para 79,5% no século XX. Nesse caso, a posição à direita do núcleo do SN indicaria uma característica mais canônica do modificador, não marcada, restando à posição à esquerda, algum traço mais específico, identificado por funções pragmáticas e, portanto, marcada?

Caso os resultados apontem para uma compatibilidade teórica entre as concepções sintático-semânticas de Perini (1995), de Cinque (2010) e de Negrão et al. (2014) com a concepção de SN postulada pela GDF, uma hipótese teórica relevante é a de que a leitura intersectiva, ou direta, esteja vinculada ao conceito de predicado do referente enquanto a subsectiva, ou indireta, ao conceito de predicado da referência.

São justamente os adjetivos predicadores, na metalinguagem de Negrão et al. (2014), que admitem tanto posposição quanto anteposição em relação ao núcleo nominal. Diferentemente da proposta de Perini (1995), essa concepção teórica projeta a possibilidade de os modificadores aparecerem à esquerda do núcleo atribuindo-lhes propriedades diferenciadas de forma que não seja obrigatória uma leitura restritiva que complete seu significado independentemente do contexto discursivo. A anteposição é o lugar potencialmente relevante para dotar o modificador da entidade referenciada pelo núcleo de conteúdos semânticos ou pragmáticos diferenciados. Isso significa, em termos de GDF, que os modificadores nessa função atuariam em níveis e camadas externos, figurando,

morfossintaticamente, em posição menos adjacentes ao núcleo, além de ocupar as posições marcadas do SN.

Enquanto os modificadores argumentais só podem ocorrer pospostos ao núcleo, são exatamente os predicadores que podem variar de posição, ocorrendo tanto antepostos quanto pospostos ao substantivo nuclear do SN. Mesmo assim, nos modificadores em função de predicadores, a ocorrência em anteposição e em posposição não é exatamente livre, já que alguns itens só ocorrem pospostos, enquanto outros ocorrem tanto pospostos quanto antepostos, caso em que a posição pode corresponder a uma diferença de significado: *um belo jogador*, isto é, *belo apenas como jogador*, e *um jogador belo*.

Outro aspecto que se deseja verificar é se a análise semântica refinada dos adjetivos proposta por Castilho e Moraes de Castilho (1993) e Castilho (2010), teria alguma correlação com a anteposição obrigatória de modificadores, com a posposição obrigatória e com a possibilidade de anteposição e de posposição, sem alterar o valor semântico do modificador. Observe-se a ocorrência de (2.38).

(2.38) Inf.: bom a minha opinião é que... **o atual governo** vem reproduzindo... o que era feito há:: desde o governo Fernando Henrique governo Collor do Sarney... (AC-085; RO: L.281-282)

Virtualmente, a classificação semântica que receberia o adjetivo simples *atual* no SN *o atual governo* seria a de um adjetivo de tempo, ou seja, o SN *o atual governo* pressupõe uma atividade de governo deitadamente marcada em relação ao que está em exercício no momento da produção do enunciado. Somente para entender o peso das categorias semânticas projetadas por Castilho e Moraes de Castilho (1993) e Castilho (2010), é relevante observar que o SN contido em (2.39), que já não permite a mesma possibilidade de colocação (2.40) e a diferença esteja talvez no fato de *semanal* (cf. exemplo 1.77) ser aspectualizador e não temporal.

(2.39) o (atual) governo (atual)

(2.40) um (\*semanal) culto (semanal) obrigatório

Um olhar voltado para esses casos requer que o processamento dos dados responda não só pelos fatores semânticos que motivam o preenchimento de posições específicas dos modificadores no interior do SN, mas também pelos tipos de relações que a mera distribuição formal estabelece com a natureza predicadora do adjetivo em relação ao substantivo nuclear.

Em resumo, neste capítulo, tratamos do objeto de estudos, da amostra e dos procedimentos metodológicos associados às perguntas de pesquisa, tudo assentado sobre a base teórica discutida no capítulo anterior. Na sequência, procedemos a uma análise qualitativa e a uma análise quantitativa dos casos reais de SNs obtidos por coleta no Corpus Iboruna. A análise qualitativa tem por objetivo testar, na variedade falada selecionada, os principais fundamentos teóricos discutidos. A análise quantitativa, que também está fortemente apoiada nos fundamentos teóricos, tem por objetivo fornecer evidências empíricas mais robustas para comprovar as correlações entre o SN e as motivações advindas dos níveis mais altos da GDF.

### 3. ANÁLISE DA MODIFICAÇÃO ADJETIVAL NA VARIEDADE RIO-PRETENSE

#### 3.0 Introdução

Os pressupostos teórico-metodológicos apresentados nos capítulos anteriores, sobre os modificadores adjetivais, sobre a ordem dos constituintes e sobre a natureza semântica dos nomes de primeira e segunda ordem, permitem afirmar que os adjetivos dispõem de propriedades que sobrepujam em complexidade as características de natureza prototípica descritas pela tradição normativa. Uma análise ao mesmo tempo quantitativa e qualitativa dos modificadores adjetivais pode demonstrar essa complexidade categorial que perpassa os Níveis de Formulação, o Interpessoal e o Representacional, e os de codificação, o Morfossintático e o Fonológico, que é exatamente o que este Capítulo se propõe a fazer.

A análise, ao mesmo tempo quantitativa e qualitativa se aplica, em primeiro lugar, nas seções de 3.1 a 3.4, aos resultados gerais tomados como um todo e, com base na Seção 3.5, à análise individual das subclasses semânticas de modificadores. Fica para o Capítulo 4, a tarefa de propor algumas generalizações e implicações teóricas providas da análise mais refinada das categorias envolvidas.

#### 3.1. Relação entre tipos de entidades e de predicação

O primeiro passo desse percurso de apresentação de resultados da análise é correlacionar as funções semânticas e pragmáticas à ordenação dos constituintes no conjunto de SNs nucleados por entidades de primeira e de segunda ordem. A Tabela 1 mostra os resultados de uma análise geral, restrita apenas aos dois fatores centrais, ou seja, a relação do tipo de predicação envolvido e a natureza semântica do núcleo do SN.

Tabela 1: Correlação entre natureza do referente nuclear e relação do modificador com o núcleo nominal

| Relação do modificador com tipo de entidade do núcleo nominal | Primeira ordem |      | Segunda ordem |      | Total |      |
|---|----------------|------|---------------|------|-------|------|
|   | N              | %    | N             | %    | N     | %    |
| Predicado de referente  | 585            | 76,3 | 182           | 23,7 | 767   | 70,9 |
| Predicado da referência                                       | 108            | 35,3 | 198           | 64,7 | 306   | 28,3 |
| Argumentais   | 0              | 0    | 9             | 100  | 9     | 0,8  |

Fonte: elaborado pelo autor

A leitura da Tabela 1 permite verificar que é preponderante nos dados o mecanismo funcional de modificação por predicado de referente, proposto por Hengeveld (2008), aplicado a entidades de primeira ordem com 70,9% (767/1082) do total. Conseqüentemente, com um índice mais reduzido, encontra-se a atribuição de propriedades via modificação por predicado de referência 28,3% (306/1082). Atesta-se também baixo o índice geral de modificadores argumentais 0,8% (9/1082).

A preponderância de predicados de referente é marcante também na comparação entre núcleos representando entidades de primeira, 76,3% (585/693), e de segunda ordem, 23,7% (182/389), mas na rubrica ‘predicado de referência’, inverte-se completamente a relação quantitativa, com um índice extremamente mais significativo para entidades de segunda ordem, 50,89% (198/389), do que para entidades de primeira ordem, 15,5% (108/693). É possível justificar essa distribuição no fato de que a principal motivação da linguagem enquanto instrumento de comunicação é referenciar e evocar uma predicação. Como os Subatos Referenciais prototípicos são entidades de primeira ordem, às quais se aplicam predicados de referente, é natural que sejam eles estatisticamente majoritários em comparação aos predicados de referência.

Além disso, esses índices apontam para o esperado em termos da modificação aplicada a entidades de primeira ordem, já que 84,41% (585/693) das ocorrências fazem referência a entidades de primeira ordem cujo vínculo semântico fica relegado, preponderantemente, à modificação via predicação de referente. Em termos de frequência, esse dado representa 54% (585/1082) das ocorrências de SNs nucleados por Indivíduos cujas propriedades expressas pelos modificadores adjetivais apontam para características inerentes do núcleo nominal, como pode ser observado em (3.1).

- (3.1) então vai tá lá... o dente quebrado... e o dentista pôs um pininho lá então vai tá um pininho lá... que que acontece? a gente vai pegá(r) **uma cera dura**... derretê(r) ela num num numa espátula quente e vai começá(r) pingá(r) naquele lugar... (AC-045; RP: L.276-279)

Essa ocorrência mostra que a entidade referenciada *cera* tem como modificador a propriedade de dureza, que predica o referente do SN como um todo. Em contraposição, 23,7% (182/389) dos SNs nucleados por nomes de segunda ordem incidem sobre a modificação via predicação de referência, se comparados a nomes de primeira ordem. Esse último dado fornece uma informação relevante para refletir sobre o uso de modificadores

adjetivais em SNs nucleados por entidades de segunda ordem e que podem ser colocados em contraste com dados aplicados a entidades de primeira ordem.

Nos resultados gerais, os SNs nucleados por Estado de Coisas atingem o índice de 36% (389/1082). Os SNs a que se atribui modificação por predicado do referente dispõem de uma frequência de 16,82% (182/1082). Casos desta natureza seguem a configuração do SN de (3.2).

- (3.2) Inf.: [não ela já] tinha feito... [Doc.: ah ela fez::] e por ter feito essa cirurgia por ter... eles autorizado **um serviço indevido** (AC-114; NR: L.261-262)

Os resultados revelam, entretanto, que 64,7% (198/306) das ocorrências nucleadas por Estados de Coisas estão envolvidas com modificação via predicado da referência em oposição aos 35,3% (108/306) dos dados para nomes de primeira ordem. Esses casos seguem uma configuração como a de (3.3), em que núcleo do SN tem o modificador *bom* atribuindo uma propriedade à entidade denotada *ensino*.

- (3.3) o presidente não sabe nada e as pessoas que querem sabê(r) uma coisa pra sê(r) os futuros presidentes... do nosso país querem prestá(r) uma faculdade pública porque não tem condição... porque o país num dá verbas num tem **um ensino/ um ensino bom...** (AC-048; RO: L.374-376)

O índice percentual em si indica uma tendência para maior frequência da modificação via predicado de referência em Estados de Coisas em detrimento da modificação em Indivíduos. Ou seja, nomes de segunda ordem recebem, com maior regularidade, modificadores das camadas mais baixas do Nível Representacional, especificando outras propriedades para a propriedade expressa pelo núcleo nominal e não para a entidade denotada como um todo.

Outro índice a ser considerado é o de SNs nucleados por Estados de Coisas, que demandam o preenchimento de casas valenciais, ou seja, SNs cujo modificador é argumental, como no exemplo (3.4), em que o modificador *industrial* estabelece uma relação argumental com o Estado de Coisas *explosão*.

- (3.4) [mas] aqui em Mirassol nós trabalhávamos **DEMAIS...** porque foi na época que... houve **a GRANde explosão industrial** aqui em Mirassol... (AC-114; NE: L.138-139)

Cabe destacar, entretanto, o índice consideravelmente baixo desses itens no conjunto das ocorrências. Em apenas 0,8% (9/1082), esses modificadores foram identificados como SNs referenciais. Abre-se aqui um aspecto relevante da análise, considerando que a baixa frequência de adjetivos na função argumental leva a refletir sobre as outras estratégias envolvidas com a expressão de um modificador em Estados de Coisas, cuja natureza semântica nuclear demande um modificador argumental. A baixa recorrência, no entanto, de modo algum, deve ser interpretada como ausência de preenchimento de posições na estrutura argumental, mas como dados que permitam verificar que outros mecanismos sobrepujam o uso de modificadores argumentais. Um deles pode ser relação anafórica com alguma entidade já referenciada no discurso.

A relação entre os parâmetros predicado do referente e predicado da referência, propostos por Hengeveld (2008), e sua correlação com as propriedades semânticas dos adjetivos, da proposta por Castilho (2010), permite chegar à distribuição quantitativa contida no Gráfico 1, apresentado abaixo.

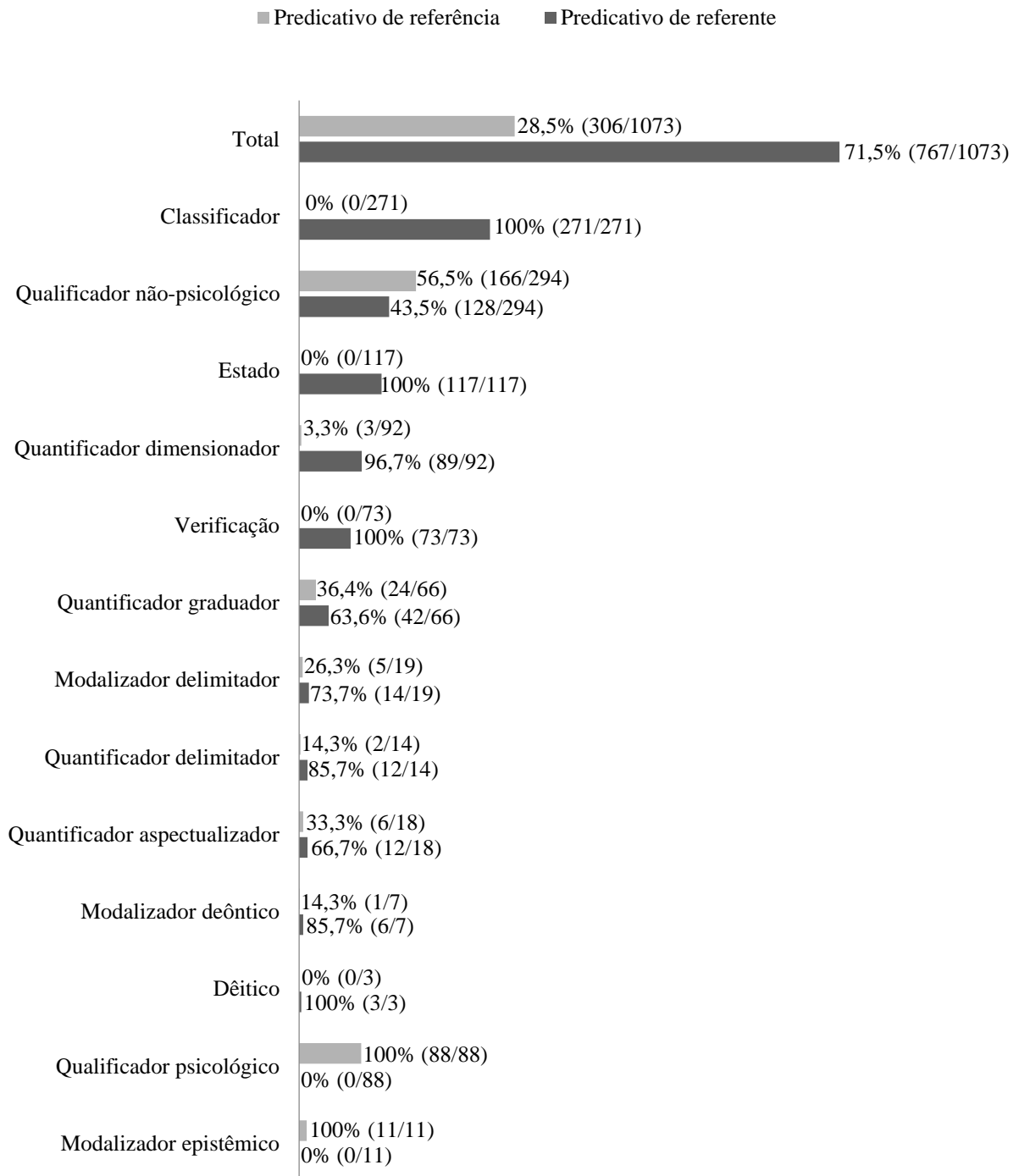
No Gráfico 1, a modificação via predicado de referente é produtiva nos dados, como aponta o índice de 71,5% (767/1082) em comparação a 28,5% (306/1082) das ocorrências de modificação com base em predicado da referência.<sup>34</sup>

Assim, os índices do Gráfico 1 revelam dados gerais sobre o cruzamento entre a natureza semântica dos adjetivos e a proposta de Hengeveld e Mackenzie (2008), que permitem sustentar que os adjetivos classificadores, de estado, de verificação e dêiticos se correlacionam única e exclusivamente com a modificação via predicados de referente, o que é um dado novo a ser considerado na distribuição morfossintática de adjetivos; identifica-se, portanto, quanto maior for a associação a atributos verificáveis no universo discursivo maior a probabilidade de o modificador estar associado a modificação de predicativo de referente. Além disso, destaque-se que modalizadores epistêmicos e qualificadores psicológicos estão vinculados, nas ocorrências apresentadas, somente à função de predicar a referência; o que diferencia potencialmente o comportamento de adjetivos com essas funções semânticas dos demais.

---

<sup>34</sup> Nota-se, entretanto, nos dados do Gráfico 1, a ausência das 9 ocorrências que são, no caso, relacionadas às ocorrências de modificadores argumentais, que não se aplicam à modificação de predicado de referente nem tampouco a modificação de predicado referência.

Gráfico 1: Relação entre natureza semântica do modificador e relação do modificador com o núcleo



Fonte: elaborado pelo autor.

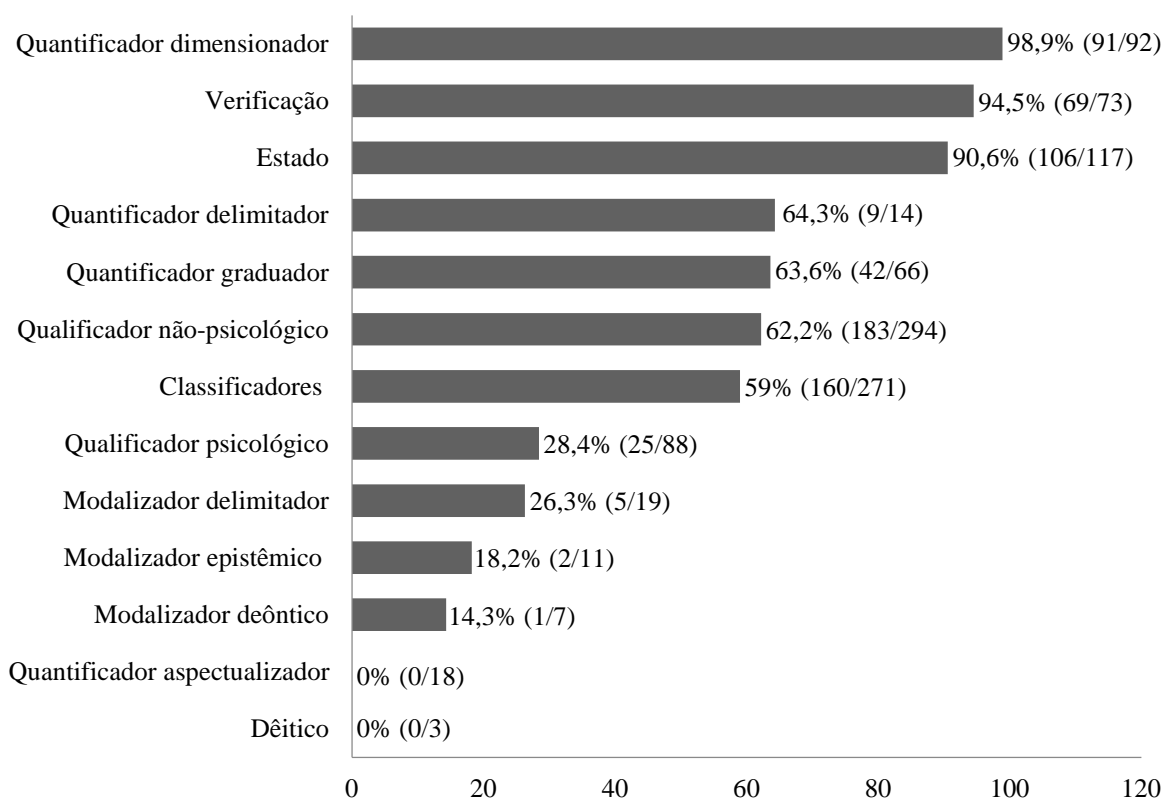
### 3.2. Relação entre a natureza semântica do modificador e entidades de primeira ordem

O panorama geral dos dados referentes a entidades referenciais, em relação à natureza semântica dos modificadores adjetivais, mostra o modo como a semântica dos adjetivos



simples está estritamente vinculada à semântica da entidade referenciada, ou seja, a existência de padrões reguladores de preferência que projetam uma maior probabilidade para determinados tipos semânticos de adjetivos se aplicarem à modificação de entidades de primeira ordem e outros se aplicarem à modificação de entidades de segunda ordem. A primeira distribuição, compilada com base na análise de entidades de primeira ordem, em comparação percentual com a de entidades de segunda ordem, está apresentada no Gráfico 2.

Gráfico 2: Natureza semântica de nomes de primeira ordem



Fonte: elaborado pelo autor.

O Gráfico 2 apresenta o índice percentual de modificadores adjetivais e seu respectivo traço semântico, aplicado a entidades de primeira ordem. Os índices foram calculados em oposição ao número de ocorrências de núcleos representando Estado de Coisas, que apresentaram o mesmo traço semântico. Isso significa, por exemplo, que, nos três índices mais elevados do Gráfico 2, aplica-se a seguinte correlação: se o índice percentual de adjetivos de estado, responsáveis pela projeção de propriedades físicas da entidade referenciada, é de 90,6% (106/117) de nomes de primeira ordem, o índice para nomes de segunda ordem, com a mesma classificação semântica, é de 9,4% (11/117). Esse procedimento deve ser aplicado a todos os dados apresentado no Gráfico 2.

A leitura permite verificar que modificadores adjetivais com características semânticas vinculadas a aspectos perceptuais, ou seja, a características inerentes à entidade referenciada, aplicam-se com maior frequência a Indivíduos do que a Estado de Coisas.

Os adjetivos quantificadores dimensionadores, exemplificados em (3.5), são os mais frequentes, ocupando o topo do Gráfico 2, com um índice de 98,9% (91/92) das ocorrências.

- (3.5) éh num tem energia num tem gelade(i)ra a gente quando vai assim pra lá tem que... tem que levá(r) éh gelo... ou senão éh:: quando éh:: a gente vai pra lá assim com a família... lá e/ lá na fazenda tem **um motor grande** que tem um gerador... (AC-093; DE: L.174-177)

Localizam-se, em seguida, os adjetivos de verificação, exemplificados em (3.6).

- (3.6) Inf.: ipê bran/ tem **dois ipê branco**... um do lado dos taxista e um na frente da casa do padre (certo?) (AC-023; DE: L.322-323)

Adjetivos de verificação atribuem características ao núcleo nominal independentemente da intenção do falante ao avaliar a entidade referenciada e apresentam características mais ou menos previsíveis das entidades de primeira ordem, já que estas têm sua existência avaliada em termos de sua manifestação concreta no universo discursivo; é o caso de *ipê branco* em (3.6).

Quando se chega aos índices de maior incidência entre os três tipos que ocupam o topo para nomes de primeira ordem, verifica-se ainda haver uma preservação de traços semânticos que atribuem propriedades vinculadas às características observáveis pelos falantes na entidade referenciada, da seguinte ordem:

1. Dos adjetivos quantificadores delimitadores, com 64,3% (9/14) das ocorrências, em oposição aos 35,7% (5/14) das ocorrências aplicadas a nomes de segunda ordem, exemplificados em (3.7).

- (3.7) Inf.: sim éh::... por exemplo eu re/ é o recondicionamento de alto-falante... éh:: você vai precisá(r) de um alto-falante né? uma carcaça num seria assim um alto-falante... éh:: e **algumas uma/ alguns materiais básicos** que seria:: cola aquela cola de contato que/ cola de sapate(i)ro... éh::... uma cola... made(i)ra éh::... uma bobina... o cone... o guarda-pó... guarnição... e:: fios de cobre... então o prime(i)ro passo você pegaria... (AC-085; RP: L.250-254)

2. Dos adjetivos quantificadores intensificadores ou graduadores, com 63,6% (42/66) das ocorrências com esse traço semântico, exemplificados em (3.8).

(3.8) muita gente tem que usá(r) a a a mesa que é eNORme... da da:: da CAsa e tem que usá(r) a outra parte que é enorme MUIto grande e tem **duas mesa enorme** assim ((informante mostra o tamanho da mesa)) 215 de made(i)ra... com banco... éh::... de alumínio num sei... (AC-001; DE: L.212-215)

3. Dos adjetivos qualificadores não psicológicos, com 62,2% (183/294) do total de ocorrências, exemplificados em (3.9).

(3.9) depois a gente esco::lhe direiti::nho tira tudo os grã::o que tá su::jo tira o **arroz su::jo**... (AC-016; RP: L.292-293)

Esses dois últimos tipos são modificadores cuja característica é a atribuição total ou parcial de propriedades à entidade referenciada as quais podem depender de certo grau de subjetividade por parte do falante, como, por exemplo, o adjetivo *bom* em (3.10).

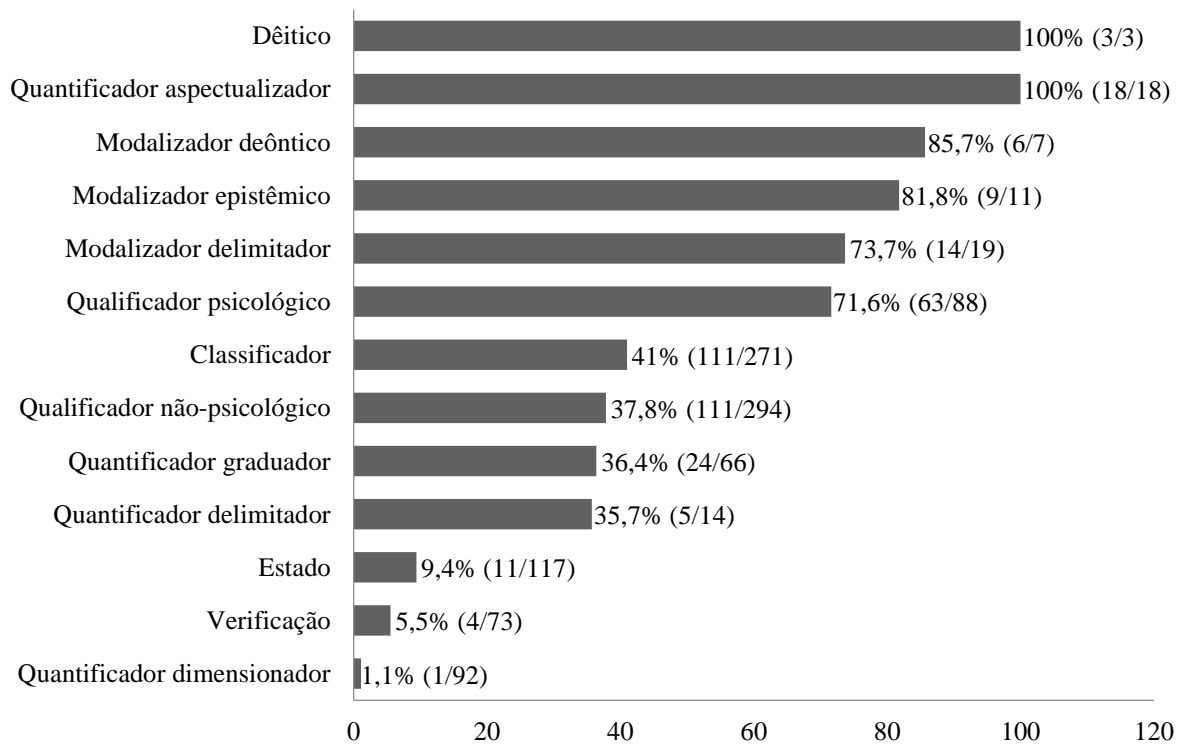
(3.10) então era um curso... ELEVADO... e nós tivemos um BOM ginásio... **uma BOA costura**... tanto é que tinha po(u)cos alunos... porque... os o(u)tros facilitavam pra o aluno passá(r)... e ali não ali era... passá(r) sabendo... então era um ginásio... (difícil) nós tínhamos... costura e aprendemos as coisas direitinho (AC-151; DE: L.339-343)

Adjetivos com essas características são classificados por Castilho e Moraes de Castilho (1993) como qualificadores não psicológicos; o valor que denotam está sujeito à percepção dos interlocutores, além de ser socialmente constituídas as propriedades que projetam. Esse traço implica que, em (3.10), a entidade de primeira ordem *costura* é considerada boa por preencher algum padrão de referência para que seja assim classificada em comparação a outros eventos similares que poderiam ser considerados negativos.

### 3.3. Natureza semântica do modificador em relação a entidades de segunda ordem

Feitas essas considerações gerais aplicadas a entidades de primeira ordem, passemos, agora, aos resultados quantitativos referentes à análise semântica dos modificadores vinculados a entidades de segunda ordem, expostos no Gráfico 3.

Gráfico 3: Natureza semântica de nomes de segunda ordem



Fonte: elaborado pelo autor.

O cenário muda completamente em relação ao comportamento de adjetivos modificando Estados de Coisas. O protagonismo exercido por adjetivos de verificação, por adjetivos quantificadores dimensionadores e por adjetivos de estado perde espaço e desloca-se do centro para a periferia para ser exercido por modificadores cuja interpretação muitas vezes depende da avaliação feita pelo falante em termos de suas intenções comunicativas.

Os adjetivos dêíticos, representados em (3.11) pelo modificador adjetival *semanal*, e os quantificadores aspectualizadores, representados pelo modificador adjetival *seguido*, em (3.12), ocorrem somente na estrutura de SNs nucleados por entidades de segunda ordem, embora seja baixa a incidência deles com apenas 0,3% (3/3) e 1,7% (18/18), respectivamente, do total.

(3.11) por exemplo... diz na qualquer seita religiosa... diz que você tem **um culto semanal obrigatório**... qualquer seita... tem o culto semanal obrigatório... (AC-114; RO: L.820-821)

(3.12) Inf.: 12[que judiação]... mas ela num faz **um tratamento seguido**... e::... alimentação é::... é mui::to (AC-152; NE: L.162-163)

Na sequência, apresentam-se os modalizadores deônticos, representando 85,7% (6/7)<sup>35</sup> das ocorrências nucleadas por Estado de Coisas em (3.13):

- (3.13) cê ia anotan(d)o anotan(d)o depois chegava jogava ali no:: no computador que ele já tava programado ele tinha o pograma dele ele já te dava o relatório se era caso de urgência ou não... isso aí evitô(u) MUIto evitô(u) e evita MUIta desligações... muitos éh:: preventi/ corretiva... existe muito éh:: evita **muita desligação desnecessária** (AC-139; RP: L.456-460)

Em seguida, as ocorrências de modalizadores epistêmicos, com 81,8% (9/11) em (3.14):

- (3.14) ele então vai te passá(r) como a empresa dele funciona... e você... vai colhen(d)o **todas as informações possíveis** que ele te passa ali... (AC-099; RP: L.363-365)

Além de casos de modalizadores delimitadores, com 73,7% (14/19) em (3.15):

- (3.15) né? Não FOI um uma gravidez deseJADA MAS aconteceu a gente... encarô(u) a gravidez... né?... ham:: é:: de/ é:: fiquei:: tive **a gestação perfei::ta** né? (AC-040; NE: L.7-9)

Destacam-se também, por sua frequência no Gráfico 2, os qualificadores psicológicos com um índice de 71,6% (63/88), observáveis no uso de *triste* em (3.16):

- (3.16) Inf.: TEVE teve **um acontecimento triste**... éh:: esse foi que me chocô(u) mais em toda minha vida de enfermagem que eu trabalhei... eu trabalho há trinta anos em enfermagem... (AC-115; NE: L.52-54)

Construções com a mesma configuração semântica de (3.16) descortinam um cenário em que a propriedade resultante da avaliação do falante está mais propensa a modificar entidades de segunda ordem.

### 3.4. A posição do modificador em relação ao núcleo

Passemos agora à análise do terceiro grupo de fatores que se baseia na posição do modificador em relação ao núcleo, cujos dados percentuais, como veremos, permitem sustentar a análise semântica.

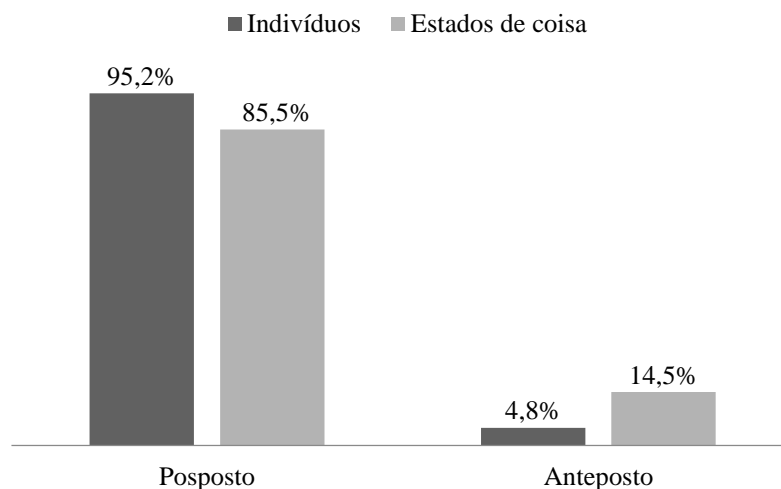
<sup>35</sup> O exemplo (1.76) é a única ocorrência em que se atesta um modificador predicativo modalizador deôntico vinculado a Indivíduos.

A análise da posição do modificador em relação ao núcleo busca confirmar se haveria correlações entre a análise semântica dos modificadores adjetivais e a posição à direita e à esquerda do núcleo do SN, entendidas por Perini (1995) como posições de pré-núcleo externo e interno, e, além disso, se essa correlação teria também algum relevante com a classificação em adjetivos argumentais e adjetivos predicadores (NEGRÃO et al., 2014).

Vimos que Cohen (1989) (cf. figura 10) fornece evidências de uma tendência de mudança do português, da Idade Média ao Século XX, que passou de anteposição para posposição, embora não haja qualquer alusão da autora a uma possível correlação entre as propriedades semânticas do modificador e a posição que ocupa em relação ao núcleo do SN.

Essa tendência se confirma plenamente nos nossos resultados, já que o índice de modificadores pospostos na variedade rio-pretense atinge 91,8% (985/1073). Os índices isolados para a frequência de entidades de primeira e de segunda ordem como núcleo do SN na sincronia da variedade têm a distribuição constante do Gráfico 4.

Gráfico 4: Posição dos adjetivos em relação ao núcleo



Fonte: elaborado pelo autor.

O Gráfico 4 mostra que o índice de posposição atinge 95,2% (660/693) das ocorrências de nomes de primeira ordem e de 85,5% (325/380) das ocorrências de nomes de segunda ordem, ilustrados, respectivamente, por (3.17) e (3.18). Portanto, seus resultados reforçam a tendência já identificada por Cohen (1989).

(3.17) e a gente eu cheguei de carro no clube... e o J. saiu do do carro já **um moleque serelepe** foi no/ foi no pomá(r) e pisô(u) num caco de vidro... (AC-145; NE: L.35-36)

- (3.18) [Doc.: uhum] então bem dizê(r) o:./ o verdade(i)ro relacionamento que eu posso dizê(r) que eu tive foi esse uhm:: entendeu? relacionamento de verdade mas... namorada a gente acho que:: a gente tem **namorico bo::bo** relacionamento bobo mas namorada mesmo... que eu tive um relacionamento sério mesmo acho que foi esse mesmo (AC-029; NE: L.62-66)

A leitura do Gráfico 4 permite constatar ainda que a anteposição também se vincula à natureza do referente nuclear, o que é visível no fato de entidades de segunda ordem serem mais suscetíveis ao processo do que entidades de primeira ordem. Uma explicação possível para essa distribuição é a motivação pragmática da modificação subjetiva, já que os participantes do processo de interação são também categorias do Nível Interpessoal, camadas não hierárquicas do Ato Discursivo. Sendo assim, é possível afirmar, em termos discursivo-funcionais, que a codificação morfossintática é determinada, na formulação, por fatores pragmáticos.

Vejamos, agora, os dados da Tabela 2, dispostos segundo a dimensão semântica e pragmática dos modificadores.

Tabela 2: Correlação entre a posição no SN e a natureza semântica do adjetivo

| Natureza semântica do adjetivo | Posição do modificador em relação ao núcleo |             |           |            |             |      |
|--------------------------------|---|-------------|-----------|------------|-------------|------|
|                                | Posposto                                    |             | Anteposto |            | Total       |      |
|                                | N   | %           | N         | %          | N           | %    |
| Qualificador psicológico       | 69  | 78,4        | 19        | 21,6       | 88          | 8,2  |
| Qualificador não-psicológico   | 248   | 84,4        | 46        | 15,6       | 294         | 27,4 |
| Quantificador aspectualizador  | 17  | 94,4        | 1         | 5,6        | 18          | 1,7  |
| Quantificador delimitador      | 14  | 100         | 0         | 0          | 14          | 1,3  |
| Quantificador graduador        | 57  | 86,4        | 9         | 13,6       | 66          | 6,2  |
| Quantificador dimensionador    | 88  | 95,7        | 4         | 4,3        | 92          | 8,6  |
| Modalizador delimitador        | 17  | 89,5        | 2         | 10,5       | 19          | 1,8  |
| Modalizador epistêmico         | 5   | 45,5        | 6         | 54,5       | 11          | 1    |
| Modalizador deôntico           | 6   | 85,7        | 1         | 14,3       | 7           | 0,7  |
| Verificação                    | 73  | 100         | 0         | 0          | 73          | 6,8  |
| Dêitico                        | 3   | 100         | 0         | 0          | 3           | 0,3  |
| Estado                         | 117   | 100         | 0         | 0          | 117         | 10,9 |
| Classificador                  | 271   | 100         | 0         | 0          | 271         | 25,3 |
| <b>Total</b>                   | <b>985</b>                                  | <b>91,8</b> | <b>88</b> | <b>8,2</b> | <b>1073</b> |      |

Fonte: elaborado pelo autor.

A leitura da Tabela 2 permite verificar que a anteposição do modificador adjetival em relação ao núcleo não se aplica a adjetivos classificadores, de estado, de verificação, a dêiticos e a quantificadores delimitadores; portanto, num total de 43,98% (472/1073) das ocorrências

analisadas, a atribuição de propriedades ao núcleo nominal está vinculada a traços pragmáticos e semânticos específicos.

Além disso, as casas potenciais ocupadas pelos adjetivos em SNs nucleados por entidades de primeira e de segunda ordem atestam a existência de motivações funcionais para o preenchimento de posições específicas dos modificadores no interior do SN, em consonância com a interpretação de Perini (1977), que sugere uma posição interna e uma posição externa para esses constituintes. As evidências demonstram que a posição à direita do núcleo nominal é, em termos quantitativos, a que indica maior ocorrência de adjetivos, ou seja, 91,8% (985/1073).

Entretanto, essa posição não é em si o lugar preferido para a codificação morfossintática de todos os tipos semânticos de adjetivos em português. Portanto, a proposta de Perini (1977), para a codificação da modificação à direita do núcleo nominal, de duas funções possíveis, a interna e a externa, não se aplica muito diretamente aos dados aqui analisados, que dispõem de uma modalidade mais complexa de codificação. A configuração dos SNs analisados apresenta representações diferentes de acordo com a natureza da entidade envolvida no Nível Representacional. Assim, o envolvimento de entidades de primeira ordem permite formular, a partir da análise dos dados coletados, a representação contida em (3.19):

(3.19) Mod **NR** PV Mod PV Mod PV Mod

Mod: modificador adjetival

NR: núcleo referencial

PV: advérbios modificadores ou operadores de ênfase

Casos dessa natureza podem ser observados em (3.20) em que o adjetivo *grande* é acompanhado pelo intensificador *bem*.

(3.20) agora eu vô(u) começá(r) a descrevê(r) a cozinha... a cozinha tem **uma janela BEM GRANDE** que fi/ que:: entra bastante luz então deixa a/ a cozinha bem clara e ventilada... (AC-055; DE: L.117-119)

Há outras estruturas, como em (3.21), que parecem obedecer a uma sequência coordenativa.

(3.21) e a cozinha... éh::... éh::... tem uma::... uma pia de uma pia cinza... de::... acho que é de mármore... tem **uma mesa bem grande... éh:: bem gelada bem fria** cê entendeu?... tem uma gelade(i)ra branca não tão grande... e:: é a área de serviço é encostada... aí tem a área de serviço tem um tanquinho... tem a pia... tem uma janela bem gran::de assim... e::... só... tem o armário tam(b)ém (AC-043; DE: L.104-108)



Por outro lado, o envolvimento de entidades de segunda ordem no núcleo do SN permite formular as seguintes representações, com presença de modificadores argumentais:

- (3.22) Mod **NR** Arg PV Mod  
Arg: argumento

Casos exemplificados em (3.23) e (3.24):

- (3.23) [mas] aqui em Mirassol nós trabalhávamos **DEMAIS...** porque foi na época que... houve **a GRANDe explosão industrial** aqui em Mirassol... (AC-114; NE: L.138-139)
- (3.24) eu trabalho com crianças de oito a:: doze anos mais ou menos... são crianças caren::tes são crianças que num têm **uma estrutura familiar muito legal::...** (AC-088; NE: L.7-8)

Atestam-se também casos em que se verificam somente predicados:

- (3.25) Mod **NR** PV Mod PV Mod

Exemplificados pelos SNs em (3.26) e (3.27):

- (3.26) Inf.: é igual nos Estados Unidos é assim né? eles lá eles correm atrás dos VOto... num é:: igual aqui obrigatório... [Doc.: hum] ah:: a respeito de política já que cê tem que votá(r) então vamo(s) votá(r) né? então::... eu analiso aqui pelo::... de Rio Preto aqui né?... pelo prefeito atual aqui o:: Edinho Araújo acho que ele fez **uma BOa gestão** né? (AC-139; RO: L.534-537)
- (3.27) Inf.: MUItas empresas... e na ah::... me desfiz de muitas delas... e aí montei essa empresa com ele... e num deu certo... num deu cer::to nós... analisamo(s) errado eu não tinha **experiência administrativa ainda suficiente pra... conseguí(r) administrá(r) uma empresa...** (AC-099; NE: L.62-65)

Essa distribuição em nomes de primeira e segunda ordem mostra que a posposição é a posição real, única possível, somente para os adjetivos classificadores, de estado, de verificação, quantificadores delimitadores e dêiticos. Desses, apenas os quantificadores delimitadores não estão vinculados à concepção projetada por Hengeveld (2008) de modificação por predicados de referente. Além disso, tipos semânticos específicos de adjetivos mostram-se sensíveis a entidades de segunda ordem, como se vê pela atuação dos

seguintes tipos semânticos de adjetivos: aspectualizadores, dêiticos e, obviamente, os argumentais.

### 3.5. Tipos semânticos de modificadores: análise individual

#### 3.5.0. Introdução

Na seção anterior, fizemos uma apresentação geral dos resultados. Nesta seção, trataremos especificamente do comportamento individual de cada tipo semântico de modificador, começando pelos classificadores.

#### 3.5.1. Adjetivos classificadores

Neves (2011) propõe o termo ‘adjetivo classificador’ para identificar os modificadores adjetivais que enquadram o substantivo nuclear em uma subclasse de referência, categoria denominada por Basílio (2013) como exercendo função denotativa e não predicativa. Ilustram esses casos de modificadores adjetivais, (3.28), com o classificador aplicado a uma entidade primeira ordem, e (3.29), a uma entidade de segunda ordem:

(3.28) eu falei – “lógico tem que tê(r) o vestidinho caipira depois eu vô(u) tirá(r) fo::to vai filmá(r) a:: a gente vai anexá(r) no painel da escola né?... e num vai ficá(r) bonito se tivê(r) uma menina sem o vestidinho tem que tê(r) **o vestido caipira**” (AC-088; NE: L.42-45)

(3.29) pra que nós pudéssemos participá(r) de entida::des e de coisas assim... como eu num num entendi muito... aí ele explicô(u)... que a pessoa que consegue fazê(r) **trabalhos voluntários**... é é tem ela consegue tê(r) boa convivência no meio... no meio que trabalha... (AC-114; RO: L.671-674)

A entidade de primeira ordem *vestido* de (3.28) tem como atributo o modificador adjetival *caipira*, o que, nos termos de Neves (2011) e Basílio (2013), denomina o referente sem lhe atribuir uma propriedade. Em razão disso, a natureza semântica desse modificador é clara e explícita e não vaga. Ao SN de (3.29), se aplica o mesmo processo, mas, em relação à entidade de segunda ordem *trabalho*, a qual se atribui o modificador *voluntários*.

Neves (2011) afirma que a classe dos classificadores corresponde em geral a SNs preposicionados ou locuções adjetivas; nesse caso, adjetivos que manifestem essas características têm, portanto, a mesma distribuição discursiva das locuções adjetivas.

A posposição dos adjetivos *caipira* e *voluntários* não é aleatória, mas tão sistemática e regular que a anteposição não é licenciada para adjetivos classificadores. Os índices da Tabela 2 mostraram, como vimos, que o total absoluto de adjetivos classificadores incide sobre a posição à direita do núcleo; desse total, 59% (160/271) das ocorrências são nucleadas por nomes de primeira ordem e 41% (111/271), por nomes de segunda ordem.

Caracteriza os adjetivos classificadores, como destaca Neves (2011), o fato de eles formarem uma unidade lexical com valor referencial único. Podem-se interpretar essas ocorrências com a formação de lexias complexas, observável em (3.30):

(3.30) ele é o fundador do do muniCÍpio porque ele era... ele que criô(u) a lei ele que... né?... assinô(u) a lei criando o município... e provisoriamente exerceu o capitão Antonio Fideli... a prefeitura... mas aí na prime(i)ra reeleição do partido político... ele (e o/ e o coronel Vitor eleito) o prime(i)ro prefeito eleito de Mirassol em vinte e cinco... e ficô(u) até trinta... quando a revolução derrubô(u)... **o partido republicano** (AC-151; NE: L.22-27)

O núcleo do SN *partido*, embora referencial, forma, com o adjetivo classificador, um conjunto semântico que referencia uma única entidade, ou seja, exercem o que Basílio (2013) denomina função denotativa, em oposição à função predicativa. A GDF interpreta esses casos como um Subato Referencial com dois Subatos Atributivos no Nível Interpessoal, conforme se vê em (3.31).

(3.31) (R<sub>I</sub> T<sub>I</sub> T<sub>j</sub> (R<sub>I</sub>))  
(1x<sub>i</sub>: (f<sub>i</sub>: partido<sub>N</sub> (f<sub>i</sub>)): (x<sub>i</sub>: (f<sub>j</sub>)republicano<sub>o<sub>o</sub>0</sub> (f<sub>i</sub>)) (1x<sub>i</sub>))

Um aspecto relevante da atuação dos adjetivos classificadores é o de que, quando o SN contiver uma combinação [adjetivo + Sp], é esse sintagma que se abriga sempre na periferia à direita do SN, em função do que Dik (1997a) chama de Princípio de Complexidade Crescente. Ilustração esse tipo de SN o exemplo (3.32):

(3.32) aí estava governador os::... os depuTAdos estaduais federais do P.S.D.B. a cúpula toda do P.S.D.B.... uma festa muito bonita todo mundo tirando foto se abraçan(d)o a gente conheceu... vários prefeitos das regiões os político das regiões... **os::... os deputados estaduais do P.S.D.B.** os federais... (AC-145; NE: L.64-67)

No exemplo acima, o SN em destaque tem como núcleo uma entidade de primeira ordem, *deputados*, ao qual se atribuem as propriedades *estaduais*, um adjetivo simples, e *do P.S.D.B.*, um Sp.

Os dados mostram que a modificação de referente é produtiva quando aplicada a nomes de primeira e segunda ordem, totalizando 25,3% (271/1073). Quando se associam essas informações com a posição desses modificadores em relação ao núcleo nominal, confirma-se a proposta de Perini (1995) e de Cohen (1989) de que a posição pós-nuclear é o lugar privilegiado de modificadores em geral; assim, todas as ocorrências com adjetivos classificadores são alocadas nessa posição canônica e não marcada.

Um aspecto identificável nas ocorrências de adjetivos classificadores é admitirem graduação e, portanto, suscetibilidade à intensificação, como mostra (3.33):

(3.33) depois de fazê(r) o desenho você passa uma mão de goma laca pra:... que é pra tela não absorvê(r) a tinta... e dá(r) um brilho... depois você pega a tinta à óleo ou tinta acrílica tinta acrílica é mais pra usá::(r) éh:: em tela moderna... abstra::to é melhor tinta à óleo se você for usá(r) **uma pintura mais acadêmica** que é no começo da pintura cê sempre vai aprendê(r) o acadêmico porque moderno (abstrato) qualqué(r) um faz né?... (AC-045; RP: L.307-312)

Em (3.33), a entidade de segunda ordem *pintura* tem como modificador o adjetivo classificador *acadêmico*; no entanto, nesse caso, a propriedade se altera pelo uso de *mais*, que atua como intensificador da qualidade atribuída à entidade referenciada. A graduação potencial se atesta em apenas 1,7% (7/271) do total de adjetivos classificadores.

Como apresentado no Gráfico 1, os adjetivos classificadores predicam única e exclusivamente o referente, na perspectiva de Hengeveld (2008), não se detectando, na amostra, um único caso de predicação de referência. A atribuição de predicado de referente mediante o uso de adjetivos classificadores está diretamente vinculada a uma leitura intersectiva (CINQUE, 2010). Esses modificadores ( $\sigma^x$ ) da camada mais alta do Nível Representacional (x) especificam propriedades da entidade denotada como um todo, posicionando-se exclusivamente à direita do núcleo; além disso, têm baixo grau de dependência contextual; além disso, sendo as propriedades inerentes ao núcleo nominal, essa modalidade pode favorecer o processo de lexicalização.

Outro teste aplicado aos classificadores examinou a posição potencial do modificador em relação ao núcleo do SN, não estando em foco a posição real do modificador, mas a possibilidade virtual de escorar o núcleo tanto à direita quanto à esquerda dele.

A análise mostra haver 98,5% (267/271) dos adjetivos classificadores somente à direita do núcleo nominal. Somente a 1,4% (2/271) dos adjetivos classificadores analisados se faculta a possibilidade de ocuparem tanto a direita quanto a esquerda do núcleo. Essas ocorrências seguem a configuração dos SNs, apresentados em (3.34).

- (3.34) vê...vê se é se é/ se **esses negros jogador de futebol** aí... se num tivesse futebol se casava com branca... uns negro FEIO PRA BURRO... viu?... (AC-147; RO: L.370-372)

O SN *esses negros jogador de futebol* apresenta o classificador *jogador de futebol* como um caso atípico por permitir permuta, em uma mesma ocorrência, entre os elementos modificadores, na posição prototípica dos adjetivos em português à direita da entidade tomada como núcleo, como em *esses jogador negros de futebol*. Ressalve-se, todavia, que esses casos identificam adjetivos que podem ser também substantivos.

### 3.5.2. Adjetivos verificadores

Além dos classificadores prototípicos apresentados na Seção 1.2, Castilho (2010) propõe a inserção dos adjetivos de verificação que contemplam os pátrios ou gentílicos (3.35) e os de cor (3.36).

- (3.35) Inf.: a polenta dura eu acho que é dos italianos mesmo [né?] [Doc.: é]... eu como tenho **sanguinho português** então (AC-128; RP: L.279-280)
- (3.36) Inf.: esquisito lá né?... aí tem o ponto de táxi lá né? tem ipê acho que **ipê:: roxo** não... ipê branco (AC-023; DE: L.319-320)

Esse casos para Negrão et al. (2014) contemplam a classe dos adjetivos predicadores de núcleo, ou seja, os que predicam apenas uma posição estrutural do SN em que se abrigam. Adjetivos com essas características têm estrutura argumental própria, e o substantivo-núcleo do sintagma participa do preenchimento das posições argumentais.

Os adjetivos com o traço [- graduável] são classificados como não predicativos ou de verificação, e implicam, segundo Castilho (2010), uma posição absoluta em relação a outros adjetivos, como mostra o exemplo (3.37).

- (3.37) ela é:: é morena... tem **os olhos verdes**... morena não loira assim mas o cabelo dela é castanho claro... tem os olhos verdes é branca... (AC-064; DE: L.78-79)

Nessa ocorrência, a entidade de primeira ordem *olho* tem o modificador de cor, *verde*, em posição pós-nuclear. Esse adjetivo de verificação, que, predica a entidade como um todo, classifica-se, como mencionado acima, como predicado de referente.

Quando, por outro lado, houver empilhamento de adjetivos, a propriedade de cor ocupa a posição imediatamente adjacente ao núcleo nominal e outros adjetivos, como os de avaliação, ocupam posição na periferia do SN, como mostra (3.38).

- (3.38) Inf.: [vivo] chorava... é o único que parecia comigo tinha **um olho verde grandão** né?... (AC-090; NE: L.48)

É característico dos adjetivos de verificação ter o mesmo comportamento posicional dos classificadores prototípicos, ou seja, todos os casos analisados ocorrem unicamente em posição pós-nuclear. Para ilustrar a classe dos verificadores pátrios, considere-se (3.39).

- (3.39) só de marca de carro né?... éh:: **matéria prima brasile(i)::ra** mão-de-obra brasile(i)ra... num tem nenhuma com patente brasile(i)ra... isso aí é:: TRISte cê num acha? (AC-121; RO: L.258-260)

No sintagma *matéria prima brasileira*, a lexia complexa *matéria prima* tem como modificador o adjetivo pátrio *brasileiro*. Em (3.40), o mesmo modificador se aplica a uma entidade de segunda ordem *mão-de-obra*.

- (3.40) só de marca de carro né?... éh:: matéria prima brasile(i)::ra **mão-de-obra brasile(i)ra**... num tem nenhuma com patente brasile(i)ra... isso aí é:: TRISte cê num acha? (AC-121; RO: L.258-260)

Com exceção da frequência de adjetivos pátrios aplicados a Estados de Coisas, da ordem de 5,5% (4/73) do total, os casos restantes se identificam todos com a denotação de Indivíduos.

Os adjetivos verificadores pátrios e os de cor mostram comportamento diferente do manifestado pelos classificadores. Como exemplo, observe-se um caso de classificador em (3.41).

- (3.41) Inf.: é:: o álcool e **esses óleos biocombustível** né? [Doc.: hum:~] que tá sen(d)o desenvolvido aqui... então lá fora já tá de olho no Brasil (AC-139; RO: L.593-594)

O SN em destaque, que satisfaz as condições necessárias para a identificação do referente denominado pelo núcleo, não admite anteposição (3.42), mas licencia a possibilidade de comutação com um Sp (3.43):

- (3.42) \*esses biocombustível óleos  
 (3.43) esses óleos de biocombustível

A aplicação dos mesmos testes a adjetivos pátrios mostra que a anteposição é bloqueada em (3.44) e, resguardado o processo de sufixação em *-eira* para formação de adjetivos em português, identificado no adjetivo *brasileiro*, também é possível a comutação com um sintagma preposicional (3.45).

- (3.44) \*brasileira matéria prima  
 (3.45) matéria prima do Brasil

Os adjetivos de verificação e os classificadores, como mostrado no Gráfico 1, identificam-se com uma predicação de referente, em 100% (73/73) das ocorrências, sendo, além disso, também absoluta a ocorrência em posição pós-nuclear. Essas propriedades identificam essa subclasse com a leitura intersectiva (CINQUE, 2010), conforme se observa em (3.46):

- (3.46) x é mão-de-obra brasileira  
 x é mão-de-obra  
 x é brasileira

A leitura intersectiva também é aplicável a adjetivos de cor, conforme se observa na análise em (3.47) da ocorrência (3.36).

- (3.47) x é um ipê roxo  
 x é um ipê  
 x é roxo

Esses testes apontam, portanto, para a dedução de que a leitura intersectiva, na visão formalista de Cinque (2010), é comparável, na concepção funcionalista de Hengeveld (2008), com a classe de predicado de referente.

### 3.5.3. Adjetivos de estado

Cunha e Cintra (2008) afirmam sucintamente que os adjetivos caracterizam seres, objetos ou noções nomeadas pelo substantivo, indicando-lhe o estado. Para exemplificar essa função modificadora, os autores mencionam SNs nucleados por entidades de primeira ordem como *casa arruinada* e *laranjeiras floridas* (CUNHA; CINTRA, 2008, p. 259).

Em termos quantitativos, os dados apontam para uma frequência de 10,9% (117/1073) para adjetivos de estado, sendo 90,6% (106/117) correspondentes a nomes de primeira ordem (3.48) e 9,4% (11/117), a modificadores vinculados a Estados de Coisas (3.49):

- (3.48) AÍ tinha um buraco lá... e lá emba(i)xo tinha **um vaso quebrado**... não um vaso de flor... vaso sanitário...(AC-007; NR: L.51-53)
- (3.49) ela chegô(u) na secretaria falô(u) que ela era nova professora e que já tinha **uma reunião marcada** e que ela::... tinha chegado pra reunião... (AC-088; NR: L.184-185)

Adjetivos de estado estão associados única e exclusivamente a predicados de referente (HENGEVELD, 2008), manifestando-se morfossintaticamente em posição pós-nuclear e, como tal, admitem a leitura intersectiva de Cinque (2010) como se nota em (3.50), para uma entidade de primeira ordem, e em (3.51) para uma entidade de segunda ordem.

- (3.50) x é um vaso quebrado  
x é vaso  
x é/está quebrado
- (3.51) x é um reunião marcada  
x é uma reunião  
x é/está marcada

Essa relação de conformidade entre leitura intersectiva e predicado de referente, em todas as ocorrências de adjetivos de estado, é compatível também com a posposição, como a única identificável para esses adjetivos.

### 3.5.4. Adjetivos como predicados



Uma classe de adjetivos é tratada por Negrão et al. (2014), como predicados com estrutura argumental ou grade temática própria. Para as autoras, os predicados de dois ou mais lugares remetem sempre a alguma classe de comparação que pode estar explícita ou não. Por outro lado, segundo Castilho e Moraes de Castilho (1993), o tipo predicador de adjetivo está sujeito tanto à possibilidade de ocupar as duas casas de preenchimento do SN, à esquerda e à direita do núcleo, quanto sofrer mudança categorial em posição não prototípica, ou seja, à direita do núcleo, como se vê em (3.52).

(3.52) **qualqué(r) pequeno microempresário** ele precisa ao lado dele um profissional...  
(AC-148; RO: L.193-194)

O que ocorre, na realidade, é que, quando anteposto ao núcleo, *pequeno* indica não exatamente a altura física da entidade referida, mas uma dimensão qualitativa própria, somente enquanto microempresário; tanto é que, em termos de altura física, o referente designado pode nem ser pequeno. Na análise de (3.52), evidencia-se a modificação da referência, tratada por Cinque (2010) como ‘modificação indireta’. Ela inclui os casos em que um item é considerado modificador somente enquanto designado por uma propriedade nominal. A ocorrência (3.52) tem a leitura contida em (3.53), em que se entrevê a impossibilidade de predicar que *x é pequeno*, já que esse modificador se aplica a *x* enquanto microempresário:

(3.53) *x é pequeno microempresário*  
*x é microempresário*  
*\*X é pequeno*

Essas propriedades não são absolutamente aplicadas a todo adjetivo predicativo. A leitura do modificador *pequeno* do SN contido em (3.52) não dispõe das mesmas propriedades da leitura do mesmo modificador no SN contido em (3.54).

(3.54) *aí o/ a:: altura da cesta do basquete é::... a oficial é mais ou menos três metros e cinco... e por isso e q/ por essa altura que normalmente o jogador tem sê(r) alto ou possuí(r) uma boa impulsão... mas hoje em dia HÁ jogadores pequenos que jogam por... por mais por sua agilidade entendeu?* (AC-055; RP: L.145-148)

Em posição pós-nuclear, o adjetivo *pequeno* tem outra análise, em contraste com a de (3.52) em razão de indicar altura física. A leitura de *jogadores pequenos* é, nesse caso, intersectiva e não subsectiva, conforme a interpretação em (3.55).

- (3.55) X são jogadores pequenos  
 X são jogadores  
 X são pequenos

Os testes mostram que se trata aqui de um caso de predicação de referente (HENGEVELD, 2008), segundo a qual a entidade referenciada, *jogadores*, é comparada implicitamente aos demais membros da mesma classe em que se atesta a presença de sujeitos menores ou maiores em termos de altura física.

De qualquer modo, o valor desses modificadores implica atribuir uma característica mais ou menos subjetiva ao substantivo, mas sempre revestida de certa vaguidade (NEVES, 2011), como já referido anteriormente, o que é exatamente o caso de (3.47). Na subclasse dos adjetivos predicativos, identificam-se quatro grandes subcategorias, cada qual com um comportamento específico quando relacionadas os referentes nucleares: adjetivos qualificadores, quantificadores, modalizadores e dêiticos, que serão tratados nas seções seguintes.

### 3.5.5. Adjetivos qualificadores

Castilho e Moraes de Castilho (1993) definem o adjetivo qualificador com base no modo objetivo de denotar o núcleo, denotação essa assumida como tal pelo falante. Para os autores, essa subclasse veicula propriedades como se fossem inerentes à entidade referenciada no núcleo nominal. Assim os adjetivos qualificadores, com o traço semântico [+ graduável], tomariam por sujeito tanto a entidade referenciada quanto o próprio falante, pois permitem: (i) a emissão de juízo sobre o valor de verdade da classe-escopo; (ii) a modificação da extensão dos Indivíduos designados pela classe-escopo; (iii) a modificação das propriedades intensionais da classe-escopo.

Dessas três características vinculadas ao traço [+ graduável], Castilho (2010) propõe as subclasses modalizadores qualificadores e quantificadores. Castilho e Moraes de Castilho (1993), por sua vez, subdividem ainda mais detalhadamente a classe dos adjetivos classificadores em duas subclasses: unidirecionais não psicológicos e bidirecionais psicológicos. Vejamos, inicialmente, o comportamento dos qualificadores não psicológicos, que aparecem exemplificados em (3.56) e (3.57), que atribuem a mesma propriedade, representado pelo modificador *bom*, a entidades de primeira e de segunda ordem, respectivamente, *jogador* e *serviço*.

- (3.56) Inf.: 1[é... o] mundial né?... só que saiu... o Amoroso parece que num já num tá mais no São Paulo né? [Doc.: hum:.] e o técnico Muricy agora... aí contratô(u) **uns jogador bom** né? tem tudo (AC-095; RO: L.113-115)
- (3.57) Inf.: tomara né? quem sabe né? porque TUdo ele tinha tudo pa vencê(r)... na vida... o pai dele tinha condição pa dá(r) **um:: serviço bom** pra ele num quis... queria só í(r) PA gandaia né? só brin/ brincá(r) fazê(r) bagunça né?... aonde entrô(u) de gaiato junto com os o(u)tro né? (AC-071; NR: L.139-142)

A propriedade da unidirecionalidade se justifica no fato de que esses modificadores não permitem a leitura que atribui propriedades também ao falante; por conseguinte, não seria possível a aplicação da seguinte leitura às ocorrências de (3.56) e (3.57):

- (3.58) \*o falante ficou bom com o jogador  
 (3.59) \*o falante ficou bom com serviço

Em contraposição, (3.60) e (3.61) ilustram casos de bidirecionalidade.

- (3.60) Inf.: sei fazê(r) assim:: **um bolo ol/ salgado MA-RA-VILHOSO** que sempre tem umas ami::gas sabe? que ficam –“T. quero bolo salga::do”– fica perturba::n(d)o e/ aí eu vô(u) fazê(r) o bolo salgado... éh assim... eu faço de FRANgo (AC-052; RP: L.239-241)
- (3.61) Inf.: TEVE teve **um acontecimento triste**... éh:: esse foi que me chocô(u) mais em toda minha vida de enfermagem que eu trabalhei... eu trabalho há trinta anos em enfermagem... (AC-115; NE: L.52-54)

Esses dois casos permitem a seguinte leitura vinculada ao falante:

- (3.62) o falante ficou maravilhado com o bolo salgado  
 (3.63) o falante ficou triste/entristecido com o acontecimento

A natureza bidirecional da relação em (3.60) e (3.61) permite uma leitura que inclui o Falante como suscetível de receber a modificação aplicada à entidade referenciada, aplicada a adjetivos de primeira ordem (*bolo*), e de segunda ordem (*acontecimento*). Essa dupla possibilidade mostra que, na realidade, é o falante quem acha o bolo maravilhoso e o acontecimento triste.

A atribuição de propriedades semânticas dos qualificadores não psicológicos é a mais produtiva dentre os dados analisados. Em 27,5% (294/1073) das ocorrências, atesta-se o uso

dessa subclasse. Em 62,2% (183/294), as propriedades que eles atribuem são dirigidas a uma entidade de primeira ordem, enquanto 37,8% (111/294), a entidades de segunda ordem.

Vistos da perspectiva de Hengeveld (2008), chega-se aos seguintes índices: em 43,5% (128/294) das ocorrências, aplicou-se predicação do referente, e em 56,5% (166/294) do total, predicação de referência como mostra o exemplo (3.64):

- (3.64) agora a gente tem mais ônibus as escolas são boas aqui as pessoas nem precisam estudá(r) particular por que temos **bons professores** aqui... (AC-142; DE: L.101-103)

Adjetivos com o traço [+ graduável] aparecem em 62,9% (185/294) das ocorrências de adjetivos não psicológicos, como denota o exemplo (3.65), um caso de adjetivo não psicológico não graduável.

- (3.65) aí cê pega naquela coisa que ocê fritô(u) lá aquele bacon aquela lingüiça... e cê joga lá o pimentão... verde e vermelho [Doc.: hum] põe uns dois verde e uns dois vermelho... e aquela ceno(u)ra... dá **uma boa refogada** nela... assim... uma muchada né? (AC-090; RP: L.364-366)

Os adjetivos qualificadores acompanham a tendência para a ordenação em posição pós-nuclear, mas preferência pela posição pré-nuclear, quando a modificação se alinha à avaliação subjetiva do falante, o que a torna um caso marcado. Considerem-se os exemplos contidos em (3.66) e (3.67):

- (3.66) um profissional... um... um servidor da área de laboratório ele tá ten(d)o que se desdobrá(r)... pra servi(r) além do que ele (já servia) em aulas práticas... mais... **os cursos novos**... tá sobrecarregando numa carga horária... que tá indo além do que eles... do que é o::... o diário deles... então... é uma::... questão muito... crítica... porque há pessoas que acham que isso... tá levando o nome da universidade (AC-080; RO: L.262-267)
- (3.67) um curso que eu gostaria de aprendê(r) bastante é Letras... porque:: é um curso que é diferente dos o(u)tros eles dão oportunidade de você... se torná(r) uma pessoa mais além do que você já é né?... porque eles dão **um novo idioma** pra você falá(r)... além de você (entendê(r)) seu verdade(i)ro idioma que é a raiz a origem que é o Português... (AC-035; RO: L.461-465)

Em (3.66) e (3.67), os núcleos dos SNs referenciam entidades de segunda ordem, respectivamente, *cursos* e *idioma* e o modificador *novo* em ambos os casos pode ser

categorizado como qualificador não psicológico, mas a posição pré-nuclear resulta de possibilidades interpretativas diferentes das que são intrínsecas à semântica do adjetivo.

Em (3.66), o qualificador não psicológico predica uma propriedade inerente à entidade referenciada, já que a interpretação da novidade do curso independe da avaliação do enunciador. A leitura que se faz de *novos* é a de uma inserção recente no universo discursivo. Casos dessa natureza têm, portanto, uma leitura intersectiva, na perspectiva de Cinque (2010), conforme se observa no teste contido em (3.68):

- (3.68) x é curso novo  
 x é curso  
 x é novo

Por outro lado, o qualificador não psicológico de (3.67) não predica uma propriedade inerente à entidade referenciada, levando-se em conta que, se é novo o idioma, ele o é somente da perspectiva do falante. Uma leitura, nos moldes de Cinque (2010), ativa uma interpretação subsectiva, conforme indica o teste contido em (3.69):

- (3.69) x é um novo idioma  
 x é um idioma  
 \*x é novo

Não é possível, porém, avaliar x como novo com base em sua existência no universo discursivo do falante. Ele é novo somente em termos do acesso do falante à entidade referida. Os casos de anteposição em relação ao núcleo de qualificadores não psicológicos são, portanto, decorrentes de predicação da referência.

Passemos, agora, à análise dos adjetivos qualificadores psicológicos, que aparecem ilustrados em (3.70).

- (3.70) ELA e os meus filhos tem **traços assim marcantes** entende?... (AC-150; NE: L.88-89)

Qualificadores psicológicos representam 8,2% (88/1073) do total geral de ocorrências analisadas. Em (3.70), a atribuição do modificador *marcante* à entidade de primeira ordem *traços* toma a perspectiva não somente da própria entidade, mas também do próprio falante. Comparem-se as paráfrases contidas em (3.71).

- (3.71) Os traços de meus filhos me marcam  
Os traços de meus filhos marcam quem os vê

Esses adjetivos também se manifestam com entidades de segunda ordem, como em (3.72).

- (3.72) ela às vezes até se::... se afasta um po(u)co das pessoas já com um medo de alguma coisa ruim tá acontecen(d)o com Ela... ou **alguma::... circunstância constrangedora** tá acontecen(d)o com ela... (AC-088; NR: L.253-255)

A interpretação é de qualificador psicológico em razão de haver uma dupla possibilidade licenciada pelo modificador adjetival em que *constrangedor* se aplica à entidade tanto à entidade de segunda ordem *circunstância*, quanto ao próprio Falante, a quem também as circunstâncias constroem.

Entretanto o SN *alguma circunstância constrangedora* apresenta um cenário distinto da manifestada pelo SN *um acontecimento triste* com base na posição potencial do modificador em relação ao núcleo. O caso de (3.61) licencia a anteposição do modificador adjetival *triste*, mas o mesmo contexto não se aplica a (3.72), mesmo que haja certo grau de aplicabilidade do processo, como em *alguma constrangedora circunstância*.

A análise dos dados aponta para a posposição como posição potencial para 27,6% (24/87) das ocorrências de adjetivos psicológicos analisados, ocupando 24,1% (21/87) deles somente a posição pós-nuclear em presença de advérbio intensificador como em (3.73).

- (3.73) Inf.: depen/ do/ é isso 3[depende do forno] 3[Doc.: (inint.)]... tem **forno muito lo(u)co** [né?] [Doc.: é]... eu num gosto de assá(r) o bolo em forno muito quente... porque ele do(u)ra muito 5[por cima] (AC-132; RP: L.337-339)

O caso contido em (3.73) não admite possibilidade de anteposição de advérbio intensificador *muito* junto ao modificador adjetival *louco*, produzindo o SN *\*muito louco forno*. Essa restrição se justifica no fato de que o modificador e o intensificador em *muito louco* compõem uma lexia complexa, na verdade, uma gíria originada ‘nos anos loucos’ da década de 1970, que se generalizou para outros contextos de uso.

Além dos casos de posposição, há evidências, como a de (3.74) de anteposição potencial de adjetivos psicológicos.

- (3.74) Inf.: não... a:: minha operação... graças... ao:: ao::... foi DA GARGanta... que eu tive câncer na garganta... [Doc.: ah::] em sessenta e oito... e quem operô(u)... aqui foi o do(u)tor D.... fez **uma operação PRIMORosa**... (AC-151; NE: L.148-150)

Em (3.74), o modificador adjetival do SN *uma operação primorosa* poderia sujeitar-se à anteposição permitindo, por exemplo, a formulação de *uma primorosa operação*. Entendemos, entretanto, que essa possibilidade de anteposição alteraria o valor semântico do modificador, dotando a entidade referenciada de maior grau ainda de valor pragmático. É possível propor para o SN de (3.74) a representação contida em (3.75).

- (3.75) P<sup>I</sup>                  P<sup>I+1</sup>                  P<sup>F</sup>  
 uma                  operação                  primorosa<sup>EVAL</sup>

Nessa representação a avaliação do falante se manifesta em posposição por atribuição da função Ênfase ao modificador adjetival. Nesse caso, a informação pragmática formulada no Nível Interpessoal se codifica no Nível Fonológico mediante a elevação de timbre na produção das duas primeiras sílabas da palavra fonológica *PRIMORosa*. A anteposição do modificador adjetival, por outro lado, há mais a ênfase ao Estado de Coisas referenciado:

- (3.76) P<sup>I</sup>                  P<sup>I+1</sup>                                  P<sup>I+2</sup>  
 uma                  PRIMORosa<sup>EMPH/EVAL</sup>                  operação

Este fato é comprovável num SN modificado por um adjetivo não psicológico, como o de (3.77).

- (3.77) Inf.: um po(u)co... no primeiro bimestre assim esse primeiro bimestre que passô(u) eu deixei de fazê(r) um MON::te de coisa pra ficá(r) no computador porque também eu tinha acaBAdo de ganhá(r) **um computador NO::vo** (AC-010; RO: L.370-372)

Similarmente ao exemplo acima, observa-se o mesmo mecanismo de avaliação no registrado no Nível Fonológico com a elevação de acento da primeira sílaba do modificador adjetival *novo*, que indica a idade da entidade referenciada. Diferentemente daquele, no entanto, a anteposição do modificador não altera seu valor semântico. Portanto, um SN potencial como *um novo computador* preservaria o traço semântico do modificador em posposição, como se vê na representação contida em (3.78).

- (3.78) P<sup>I</sup>                  P<sup>I+1</sup>                  P<sup>I+2</sup>  
 um                  NO::vo<sup>REC</sup>                  computador

A anteposição dos modificadores *primoroso* e *novo* depende de suas respectivas formulações nos Níveis Interpessoal e Representacional, de modo que a (3.74) seja possível atribuir a representação contida em (3.79).

(3.79) (id R<sub>I</sub>: T<sub>I</sub>.....(R<sub>I</sub>): f<sub>j</sub>: primorosa<sub>emph</sub> (f<sub>j</sub>) (R<sub>I</sub>)  
(1 e<sub>i</sub>: (f<sub>i</sub>: operação<sub>N</sub> (f<sub>i</sub>) (e<sub>i</sub>))

Nessa representação, o modificador *primoroso* atua como modificador de atitude subjetiva do subato referencial R<sub>I</sub> no Nível Interpessoal. Em contrapartida, o modificador *novo* em *um computador novo* receberia a representação contida em (3.80).

(3.80) (id R<sub>I</sub>: ...T<sub>I</sub>.....T<sub>J</sub>..... (R<sub>I</sub>)  
(1 x<sub>i</sub>: (f<sub>i</sub>: computador<sub>N</sub> (f<sub>i</sub>) (x<sub>i</sub>)<sub>1</sub>: (f<sub>j</sub>: NO::vo<sub>t</sub> (f<sub>j</sub>) (x<sub>i</sub>)<sub>1</sub>) (x<sub>i</sub>))

Nessa representação, o modificador adjetival, um caso de predicado de referente, é, no Nível Interpessoal um subato atributivo T<sub>J</sub>, cuja atuação se configura pela propriedade f<sub>j</sub> no Nível Representacional, que expressa a modificação de um tempo (σ<sup>1</sup>) da entidade referenciada, avaliada como nova.

Quando se analisa o total de adjetivos não psicológicos, 45,4% (133/293), conclui-se que a anteposição potencial do modificador em relação ao núcleo alteraria o valor semântico do modificador adjetival, como em (3.81).

(3.81) Inf.: então foi um deles que tava comigo no dia... e::... eles pegaram... a banda tava até boa né? tava forma::da... a gente conseguiu arranjà(r) **um guitarrista bom... um baterista bom...** e tinha um/ o/ e tinha o ba(i)xista né? [Doc.: uhum ((concordando))]. que... que num tava entran(d)o de acordo com a c'a banda... e:: já faz um tempo já... pelo fato dele num::: procuRÁ(r) trabalho... num procurá(r) um recurso... ele auto-sustentá(r) em cima daquilo... (AC-035; NE: L.92-97)

A anteposição do modificador adjetival *bom*, não identificaria esses itens com modificadores psicológicos, mas essa ordenação em anteposição ativaria o relevo enfático da avaliação. O SN envolvido representa um Subato Atributivo no Nível Interpessoal e uma Propriedade no Nível Representacional.

A aplicação de adjetivos psicológicos à concepção semântica de Cinque (2010) aponta para uma leitura de modificação direta, portanto subsectiva, ou seja: se *x* é *traço*, *circunstância*, *forno* e *operação*, *x* é, respectivamente, *marcante*, *constrangedor*, *muito louco*



e *primoroso* somente com base na avaliação feita pelo falante, ou seja, as propriedades de *x* somente se manifestam quando acessadas no contexto discursivo.

A potencialidade da projeção subjetiva do modificador identifica-o com a análise de (3.81), segundo a qual a posição pós-nuclear do modificador *bom* favorece a leitura subiectiva do tipo *x* é guitarrista e *x* é bom. Por outro lado, a virtual posposição do modificador, nos sintagmas apresentados, favoreceria uma leitura intersectiva em razão de maior dependência contextual das entidades referenciadas por *bom*. A leitura de *um bom baterista* é a de que se *x* é bom, depende não da relação do modificador com a entidade referenciada, mas da avaliação do falante.

Pode-se deduzir, por conseguinte, que os 8,2% (88/1073) de adjetivos psicológicos e os 14,3% (133/1073) de adjetivos não psicológicos sujeitos à mudança categorial, quando antepostos em relação ao núcleo do SN, constituem uma manifestação de modificadores de atitude subjetiva, propostos por Hengeveld (2008).

### 3.5.6. Adjetivos quantificadores

Conforme mostrado anteriormente, Castilho (2010) propõe que os adjetivos quantificadores respondam pela modificação da extensão dos substantivos, o que permite ao Falante adicionar ou subtrair “indivíduos e/ou traços semânticos de um conjunto, resultando daí subclasses de adjetivos predicativos quantificadores” (CASTILHO, 2010, p. 529). O autor propõe ainda duas classes para divisão dos adjetivos quantificadores: os aspectualizadores iterativos e os delimitadores. Além desses dois tipos propostos por Castilho (2010), Castilho e Moraes de Castilho (1993) propõem uma subclasse especificadora dos adjetivos quantificadores em dimensionadores e intensificadores.

Consideremos, inicialmente, os quantificadores aspectualizadores iterativos, ilustrados no exemplo contido em (3.82).

(3.82) por exemplo... diz na qualquer seita religiosa... diz que você tem **um culto semanal obrigatório**... qualquer seita... tem o culto semanal obrigatório... (AC-114; RO: L.820-821)

Os quantificadores aspectualizadores iterativos (*normal*, *habitual*, *semanal*), que (3.82) exemplifica, pluralizam Estados de Coisas descritos por substantivos deverbais (CASTILHO. 2010). Essa subclasse de adjetivos mensura a duração e frequência de ocorrência de um Estado de Coisas, mediante repetição específica, como *diário*, *semanal*,

*mensal e anual* e outra não específica, como *normal, habitual e costumeiro* (CASTILHO; MORAES DE CASTILHO,1993).

Vejamos, agora, um exemplo de adjetivo quantificador delimitador, contido em (3.83).

- (3.83) Inf.: bom eu vô(u) descrevê(r) a minha casa... eu acho que é o lugar assim que eu domino... mais... é:: minha casa são cinco cômodos... tá... sala... cozinha... três quartos... e::... dois banhe(i)ros... o lugar que eu mais gosto minha sala... você chega... de frente... a garagem dentro da... a sala é pra dentro da garagem ela num é... virado... você entra aí eu tenho lá... sofá... uma namorade(i)ra... **tapete de sala básico** como toda casa tem né?... (AC-080; DE: L.113-117)

Esse subtipo de adjetivo é responsável pela “extensão da classe-escopo, que passa a restringir-se a uma perspectiva (i) específica; (ii) genérica; ou (iii) dada por determinado domínio do conhecimento” (CASTILHO, 2010, p. 530), como indica a ocorrência (3.83).

A leitura intersectiva é a única possível com quantificadores, mas deve-se levar em conta que ser normal e básica a entidade nuclear dos SNs contidos, respectivamente, em (3.82) e (3.83) passa pelo crivo avaliativo do falante.

Finalizamos aqui a análise dos casos individuais, e, por isso mesmo, mais refinada, dos modificadores da variedade rio-pretense. É, ainda assim com base nesse detalhamento ao mesmo tempo quantitativo e qualitativo que passaremos, na sequência, a propor algumas generalizações.

### 3.5.7. Generalizações e implicações teóricas

Hengeveld e Mackenzie (2008) defendem a possibilidade haver fatores emanados do Nível Interpessoal motivando as regras de ordenação dos constituintes, especialmente aos que se atribui uma leitura contrastiva. Vejamos os exemplos contidos em (3.84) e (3.85).

- (3.84) Por exemplo... quando::... chega um aluno... segundo a psicóloga da escola a gente tinha UM minuto... pra causá(r) **uma boa impressão** nesse aluno... (AC-081; RP: L.170-171)
- (3.85) então ela vem ela qué(r) sabê(r) do meu pai da minha mãe da gente conversa aí um po(u)co... vai embora... então num tem assunto não entra em relação a ele... não entra... e hoje até uma na/ **uma::... uma:: relação boa c’os filho dele...** (AC-090; NR: L.200-203)

Assim *boas pessoas* existiriam em contraste a existência de *pessoas más* bem como *uma boa impressão* contrasta com *uma má impressão* e o mesmo se aplica à *relação*, nos exemplos (3.84) e (3.85). Outro caso que ilustra essa leitura enfática é o contido em (3.86).

- (3.86) então era um curso... ELEVADO... e nós tivemos um BOM ginásio... **uma BOA costura**... tanto é que tinha po(u)cos alunos... porque... os o(u)tros facilitavam pra o aluno passá(r)... e ali não ali era... passá(r) sabendo... então era um ginásio... (difícil) nós tínhamos... costura e aprendemos as coisas direitinho (AC-151; DE: L.339-343)

Ocorrências como essa também se manifestam como casos de empilhamento adjetival, como demonstra (3.87).

- (3.87) Inf.: acho que foi o frei S.... que ele:: doô(u) pra::... pra Legião de Maria né? aquela sala... pra Legião de Maria a sala é bem assim tem a mesa central... agora colocô(u) **os guarda-ro(u)pa... no::vo bonito** (AC-023; DE: L.273-275)

Em (3.87), o adjetivo com valor semanticamente avaliativo, codificado na periferia do SN, responde por motivações interpretáveis com base na associação entre ordenação dos constituintes e a semântica dos adjetivos, como representado em (3.88).

- (3.88) P<sup>I</sup>    P<sup>I+1</sup>                      P<sup>I+2</sup>                      P<sup>F</sup>  
 os    guarda-ro(u)pa...            no::vo<sup>AGE</sup>                      bonito<sup>EVAL\</sup>

Nesse caso, o falante insere o adjetivo com valor mais subjetivo na extremidade do SN, enquanto a propriedade semanticamente vinculada a características fisicamente observáveis da entidade referenciada sofre a atuação de uma força centrípeta, que insere na posição mais adjacente ao núcleo e à direita dele. De certo modo, casos como os de (3.87) ilustram o que Perini denomina modificador externo (*bonito*) e modificador interno (*novo*). A manifestação desse fenômeno pode ser observada também em (3.89).

- (3.89) e::... ele vai me ensiná(r) **um jogui::nho no::vo... africa::no...** (AC-007; RO: L.204-205)

A propriedade mais permanente *africano* é alocada em posição mais distante do núcleo nominal, enquanto o atributo que diz respeito à novidade temporal, *novo*, é inserido pelo falante em posição imediatamente adjacente ao núcleo, obtendo-se, assim, o sequenciamento contido em (3.90).

(3.90) P<sup>I</sup> P<sup>I+1</sup> P<sup>I+2</sup> P<sup>F</sup>  
 um jogui::nho no::vo...<sup>AGE</sup> africa::no<sup>PERM</sup>

Se comparado ao caso de (3.87), era de esperar posições trocadas para *novo* e *africano* em (3.89). Como há uma pausa marcada entre *novo* e *africano*, consideramos que este último se manifesta mais como um Ato Discursivo de Correção, ou pelo menos, como uma informação agregada depois de ter sido enunciado uma parte do SN, do que resultaria a configuração em (3.91), em que o modificador *novo*, inserido no Nível Interpessoal, é alocado na posição mais periférica.

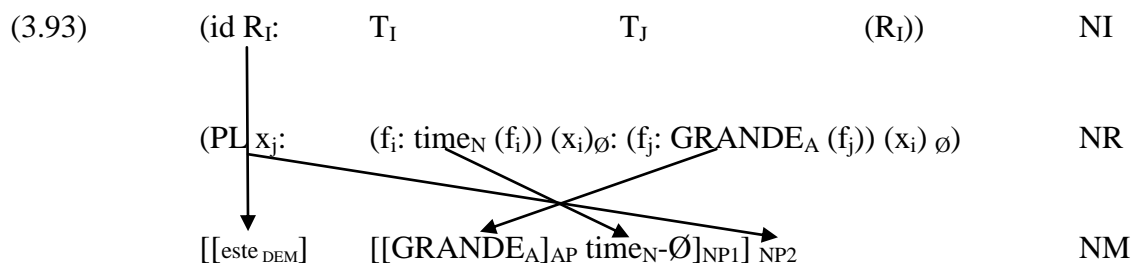
(3.91) P<sup>I</sup> P<sup>I+1</sup> P<sup>I+2</sup> P<sup>F</sup>  
 um jogui::nho africa::no<sup>PERM</sup> no::vo...<sup>AGE</sup>

A proposta de ordenação acima se aplica também, por exemplo, na ocorrência abaixo:

(3.92) um TIMAÇO de basquete... do Vlanir... Piacen::te:... essa turma... e eu... falei – “hoje eu num perco” – né?... sô(u) fanático por futebol mas um bola-ao-cesto bem jogado tam(b)ém num era/ e naquele tempo num tinha televisão po cê ficá(r) olhando toda hora... que/... então eu ouvia no radio... falá(r) em Piacen:te Vlanir:: Valdemar::... e agor/ os outros nomes eu esqueço... e muitos ainda estão... o Vlanir é:: comentarista hoje da::... televisão ai... e quando chegô(u) a hora eu estava instalado lá em cima eu falei... é hoje... ai no alto-falante... – “Senhor do(u)tor H. S.... urgente a sua casa... te aguardam lá” –... cheguei lá::... uma criança que eu tinha extraído um dente... de manhã... estava lá me esperan(d)o que estava com hemorragia... oito hora da noite... aí eu até ... prepará(r)... até esterilizá(r)... até anestesiá::(r)... até costurá(r)... ou seja até fazê(r)::... sutu::ra... (a)cabô(u) o jogo... eu tive a chance de vê(r) **este GRANDE TIME**... que os mais antigos sa::bem disso já ouviram falá(r)... nesse time de basquete esportivo era coisa de lo(u)co... (AC-147; RP: L.230-242)

Esse caso pode ser interpretado como um SN padrão nucleado por uma entidade prototípica, segundo Hengeveld (2008), que, de acordo com Hopper e Thompson (1984), é que denota um objeto visível ou tangível.

O SN *este grande time* satisfaz um conjunto de parâmetros postulados por Hengeveld (2008), para definição de um SN nucleado por uma entidade prototípica. Essa entidade contém, por conseguinte, as seguintes propriedades: (i) tem um nome como núcleo *time*; (ii) o esse nome denota uma entidade de primeira ordem; (iii) a denotação ocorre por meios lexicais, ou seja, pelo uso de *time* e *grande*. Com base na análise proposta por Hengeveld (2008), pode-se projetar, em (3.92), ao SN *este GRANDE TIME*, a seguinte representação:



Para HENGEVELD (2008), o uso referencial de SN, como *grande time*, é representado no Nível Interpessoal (NI), onde R<sub>I</sub> indica que o SN instancia um Subato Referencial, que instancia, por sua vez, dois Subatos Atributivos (T<sub>I</sub> e T<sub>J</sub>).

Tratando-se, agora, da denotação do SN no Nível Representacional (NR), x<sub>i</sub> indica que o SN denota um Indivíduo, ou entidade de primeira ordem, que tem, por sua vez, as propriedades lexicalmente expressas f<sub>i</sub> e f<sub>j</sub>, ou seja, uma denotação por meios lexicais. A natureza nominal do SN é indicada no Nível Representacional também, onde o elemento subscrito do item lexical atuando como núcleo é nome (N).

Com base na informação dada nos Níveis Interpessoal e Representacional, a operação de codificação projeta um SN no Nível Morfossintático (NM). Neste caso específico, a ordenação dos constituintes dá ênfase ao adjetivo *grande* ao codificá-lo antes do núcleo, e o significado mobilizado é o de que se trata de uma entidade x que é grande enquanto *time*, com a leitura de um valor qualitativo subjetivamente considerado. O modificador em posição pós-nuclear mobilizaria uma interpretação objetiva com base na dimensão física do referente. Veja a ocorrência em (3.94).

(3.94) Inf.: posso vô(u) te dá(r) uma receita de maionese de batata... você cozinha **uma batata GRANDE**... e duas gema... com sal né?... (AC-126; RP: L.131-132)

Embora seja evidente que, em (3.94), o Falante enfatiza a grandeza da entidade referenciada ao reforçar a sílaba tônica do modificador adjetival, é possível atribuir ao SN a seguinte leitura: x é uma batata e é grande. Dessa forma, o SN envolve a possibilidade de avaliar a dimensão física da entidade denotada no mundo e de aplicar a leitura do item modificador com base na modificação de predicado de referente. Portanto, a posição pré-nuclear projetada na Codificação Morfossintática para o valor subjetivo de *grande* e a posição pós-nuclear, para o valor objetivo indicando a dimensão física da entidade referenciada, que aqui é um Indivíduo.

Trata-se, portanto, de dois modificadores em função de predicado, mas cada qual com leituras próprias, que conduzem ora a uma interpretação pragmática (*grande time*), ora a uma

interpretação semântica (*batata grande*), que dispõem de diferentes codificações, em termos de ordenação de constituintes, no Nível Morfossintático.

Esse procedimento de restringir e de completar a significação do referente que nucleia o SN e que, nos moldes propostos pela GT, se configurariam como uma questão de estilo, tem, no arcabouço da GDF, uma ordenação orientada para os diferentes níveis de Formulação.

O modificador que exprime a simpatia do Falante, ou seja, o de atitude subjetiva, é processado no Nível Interpessoal e os casos de modificador representando uma propriedade da entidade referida, que têm um escopo mais restrito, são processados no Nível Representacional.

Para equacionar mais adequadamente esse princípio, vejamos, em (3.95), o comportamento de um SN com o núcleo duplamente modificado.

(3.95) Inf.: sei fazê(r) assim:: **um bolo ol/ salgado MA-RA-VILHOSO** que sempre tem umas ami::gas sabe? que ficam –“T. quero bolo salga::do”– fica perturba::n(d)o e/ aí eu vô(u) fazê(r) o bolo salgado... éh assim... eu faço de FRANgo (AC-052; RP: L.239-241)

Via de regra, um modificador com qualificação objetiva tende a aparecer na posição mais adjacente ao núcleo do SN do que um modificador com qualificação subjetiva. Um caso que ilustra bem essa situação está contido em (3.95), em que o modificador *salgado* tem um conteúdo objetivo quando comparado a *maravilhoso*. Enquanto *salgado* indica uma propriedade inerente da entidade referenciada, *maravilhoso* atua como um mecanismo de avaliação do Falante, cujo reflexo morfossintático é a ser codificado na posição mais externa, seja à esquerda, como em (3.95), seja à direita do núcleo, como no exemplo construído em (3.96).

(3.96) um MA-RA-VILHOSO bolo ol/ salgado

A mesma possibilidade de ordenação é bloqueada por restrições morfossintáticas quando o modificador envolvido tem uma leitura objetiva, como mostra (3.97).

(3.97) \*um **salgado** bolo ol/ MA-RA-VILHOSO

O modificador *maravilhoso*, responsável pela expressão da característica mais subjetiva da entidade referenciada, *bolo*, dispõe de uma possibilidade maior de mobilidade no

interior da estrutura sintagmática, mas em suas camadas mais externas, especialmente se comparado com *salgado*.

Acrescente-se ainda que, em (3.95), a silabação do modificador, *MA-RA-VILHOSO*, é resultado da intenção do falante de enfatizar sua percepção pessoal da entidade referenciada. Essa evidência, que se reflete na Codificação Fonológica, mais especificamente na camada da Palavra Fonológica, apenas reforça o caráter interpessoal da motivação de (3.95), de modo tal que apenas as informações semânticas, provindas do Nível Representacional, ou apenas as informações morfossintáticas, oriundas do Nível Morfossintático, não se mostram suficientes para contemplar, em sua totalidade, a codificação final da intenção do falante ao enunciar o SN.

Essa discussão demonstra claramente que não são motivações de natureza estilística, como sustenta a tradição gramatical, nem motivações posicionais de natureza sintático-semântica, como propõem Negrão et al. (2014), que regem as escolhas dos Falantes, ao alocarem os modificadores à esquerda do núcleo. Estão presentes nessa atividade de ordenação questões de natureza não apenas semântica, mas também pragmática que podem ser depreendidas em um modelo, como o da GDF, que projeta os fenômenos linguísticos em diferentes categorias de seus níveis e camadas de organização.

Considerando, agora, a subdivisão proposta de Negrão et al. (2014) entre adjetivos argumentais e adjetivos predicadores, vemos que, em sintagmas referenciais, modificadores adjetivais com o mesmo valor estão potencialmente disponíveis também a SNs nucleados por núcleos representando Estados de Coisas e Indivíduos. Considerem-se os casos de (3.98) e (3.99).

(3.98) eu num gostei e nós (a)cabô(u) brigan(d)o eu e o ex-marido dela... que deu **uma briga feia** que envolveu polícia envolveu muita coisa coisa do marido dela... (é bem conhecido) então:... envolveu polícia e por causa de um ciúme boesta/ besta e doentio né? Que (a)cabô(u) dan(d)o em nada no fim de tudo (AC-029; NE: L.34-38)

(3.99) a:/:... e a:/: e a mulata bonita... a negra boni::ta... ela tem alguma coisa ela vai querê(r) o quê? Vai querê(r) um um... um sue::co... um dinamarquês... por quê?... olha:... tem negras lin::das... mulatas lindas... porque que o::... o negro num casa com a?... como tem branca bonita e **branca feia**:... tem negra... bonita e negra feia... aquelas que a Globo pô/ aparece lá... (AC-147; RO: L.355-359)

Os sintagmas *uma briga feia* e *branca feia* referenciam um Estado de Coisas e um Indivíduo, respectivamente, *briga* e *branca*. Ambos têm, na constituição estrutural do SN, o modificador adjetival *feia*, ocupando a mesma posição em relação ao núcleo, à sua direita,

embora *briga feia* diga respeito mais à gravidade do confronto do que à aparência física da entidade referenciada, como em *branca feia*.

De qualquer modo, SNs nucleados por Estados de Coisas se configuram potencialmente como uma estrutura predicativa junto ao modificador adjetival, ativando uma sentença atributiva correspondente, ou seja, um modificador em função de predicado, como mostram (3.100) e (3.101).

(3.100) deu **uma briga que foi feia**

(3.101) a briga foi feia

Pode-se aplicar a esse modificador a propriedade da gradação:

(3.102) deu **uma briga muito feia**

Além de ocorrências dessa natureza, há outros tipos distintos de SNs, como os contidos em (3.103) e (3.104), que ilustram bem o caso discutido.

(3.103) por exemplo um programa tem que tê(r) um cadastro de cliente um cadastro de fornece1[dores] 1[Doc.: hum::] de vendedores de produto... um controle de estoque **um controle finance::(i)ro** emissão de notas fiscais... (AC-099; RP: L.379-381)

(3.104) você então tem que... colocá(r) isso num papel... e e montá(r) um programa imaginário... pro cara... pra que ele o **possa controLÁ(r) a empresa dele** da mane(i)ra mais seGUra e mais... real possível... (AC-099; RP: L.367-369)

O SN contido em (3.103) tem como núcleo o item lexical *controle* uma entidade de segunda ordem modificada pelo adjetivo simples *financeiro*. Esse caso, todavia, não implica leitura com uma estrutura predicativa, como mostra o teste em (3.106), nem mesmo a possibilidade de receber sufixos de grau (*financeirão*) em (3.105), ou de inserção de qualquer item lexical que exerça essa função, conforme mostra o teste em (3.107).

(3.105) \*o controle é financeirão.

(3.106) \*o controle está financeiro

(3.107) \*um controle mais financeiro

O modificador *financeiro* não tem o mesmo estatuto atributivo do modificador *feio* em *uma briga feia*. Ao discutir as classes de palavras e analisar a nominalização em português, de conformidade com os pressupostos da GDF, Camacho (2011) afirma que construções como as



apresentadas em (3.103) e (3.104) são formalmente diferentes, pois a primeira delas é nucleada em torno de um nome *controle* e a segunda em torno de um predicado verbal. Camacho (2011) destaca que

Essas diferenças não são capazes de obscurecer a interpretação de que as duas construções representam basicamente o mesmo Estado de Coisas; [...] o problema básico que se coloca para a teoria da linguagem é como fornecer uma descrição estrutural que seja capaz de preservá-las formalmente. (CAMACHO, 2011, p. 111)

Camacho (2011) postula a existência de um *continuum* categorial que preserva a estrutura valencial do verbo *controlar* no SN *um controle financeiro*. A base do processamento dessa estrutura se assenta em uma herança argumental entre predicados verbais e predicados nominais derivados. Dito em outros termos: o modificador *financeiro* em *o controle financeiro* preenche uma casa valencial da estrutura verbal da qual se deriva o Estado de Coisas *controle*, como demonstra o sintagma verbal *a empresa controla as finanças*.

Retomando a referência a entidades de primeira ordem, os modificadores de R se aplicam ao Nível Interpessoal, e são, portanto, vinculados ao falante, exprimindo sua atitude em relação ao referente evocado. Já os modificadores da camada mais alta do Nível Representacional, os de x, são responsáveis por especificar propriedades da entidade denotada como um todo e os da camada mais baixa, os de (f), especificam propriedades da propriedade expressa pelo núcleo nominal. Certos adjetivos, como *grande* podem atuar nessas três camadas da organização gramatical, o que permite identificar as três classes de modificadores, apresentadas, respectivamente, nos exemplos (3.108), (3.109) e (3.110).

- (3.108) ( $\Sigma^R$ ) nós tínhamos aula o dia inte(i)ro... e os internos... ficavam a noite então eles davam um programa à noite assim... lige(i)ro só de... de:: de educação de orientação e tudo... e **GRANdes professores**... o o o:: do::is que eram professores do Salesiano de Recife... tinha um pastor protestante... (AC-151; DE: L.333-337).
- (3.109) ( $\sigma^x$ ) só que aí aquela/ no dia seguinte a tarde ele foi... pra minha mãe... pra pra eu podê(r) ví(r) trabalhá(r)... e chegô(u) lá num teve jeito:: assim porque na casa da minha mãe no quarto dela tem **um espelho grande** que ocupa a parede inte(i)ra [Doc.: hum::] num tem jeito dele tirá(r) tirá(r)... e acho que caiu a ficha dele e:: ele foi (AC-118; NR: L.240-244)
- (3.110) ( $\sigma^f$ ) Inf.: eu penso que::... as pessoas que tratam a educação... os grandes pensado::res **os grandes pedago::gos os**... diDATas... os professores de:: de prática de ensino... os LEgisladores... eles precisam acordá(r)... para uma situação... MUIto real... muito emiNENte... porque o mundo está mudan(d)o... (AC-148; RO: L.148-151)

Em (3.108) o falante exprime simpatia pelos antigos professores mediante o uso de *grandes*. Em (3.109), esse mesmo item lexical indica uma propriedade relativa à dimensão da entidade envolvida: essa entidade é *espelho* e espelho grande. Em (3.110), por outro lado, o adjetivo tem um escopo mais restrito: a entidade a que se refere é *grande enquanto pedagogo*, portanto, é a propriedade de ser *pedagogo* que é modificada pelo adjetivo.

Estabelecendo um diálogo entre a perspectiva de Hengeveld (2008) e o conjunto de propriedades propostas por Negrão et al. (2014), é possível verificar que os casos de (3.108), (3.109) e (3.110) satisfazem os critérios de três das quatro propriedades propostas por Negrão et al. (2014).

(i) aceitam paráfrase por sentença relativa:

- (3.111) professores que são grandes;
- (3.112) espelhos que são grandes;
- (3.113) pedagogos que são grandes.

(ii) podem ser utilizadas como predicativo do objeto:

- (3.114) eu considero grandes os professores;
- (3.115) eu considero grandes os espelhos;
- (3.116) eu considero grandes os pedagogos.

É a partir dessa perspectiva que os adjetivos predicados têm uma grade temática própria.

Outro aspecto a discutir é o de que, no Nível Representacional, a modificação de entidades de primeira ordem pode estar sujeita a dois tipos distintivos: modificação simples e modificação complexa. É possível verificar um caso de modificação simples em (3.117).

- (3.117) e aí vai ten(d)o **as lojinhas pequena** né? [Doc.: uhum ((concordando))] que são bazares lojas de um e noventa e no::ve... é:: de(i)xa eu vê(r) que mais que tem... tem mais u::ma::... duas ((contando o número de escolas)) mais duas escolas... e:: uma creche... tem aqui no bairro (AC-078; DE: L.193-196)

Esse caso pode ser representado formalmente pelo seguinte esquema:

- (3.118)  $(1x_1: [(f_i: \text{lojinhas } (f_i)) (x_i) \phi]: [(f_i: \text{pequena}_A (f_i) \phi])$

Um caso de modificação complexa está ilustrado em (3.119).

- (3.119) ele que construiu... era a sede da prefeitura e do lado ele construiu mais casa... depois ele foi perdendo tudo quem se envolve em política... lesado... (inint.)...tem muito político sabido e **político... humanista sentimental** (AC-151; NE: L.34-37)

Esse caso pode ser representado formalmente em (3.120).

- (3.120)  $(1x_1: [(f_i: \text{político}_N (f_i)) (x_i)_\Phi]: [(f_i: \text{humanista}_A (f_i)_\Phi]: [(f_i: \text{sentimental}_A (f_i)) (x_i)_\Phi])$

A ocorrência de mais de um modificador do núcleo do mesmo SN requer, segundo Hengeveld e Mackenzie (2008), uma operação de empilhamento, que pode ter para *político humanista sentimental* a representação contida em (3.121).

- (3.121) um político tal que ele é humanista e tal que esse político humanista é sentimental.

Em português, nos casos de empilhamento, um dos modificadores se abriga na posição imediatamente adjacente ao núcleo do sintagma nominal e o outro em posição não adjacente; essa distância em relação ao núcleo pode implicar um grau diferenciado na informação lexical. No caso de (3.119) a ordenação morfossintática dos adjetivos, mostra maior relevância para o conteúdo do modificador mais adjacente e também mostra, nesse caso, que a posição relativa ocupada pelos modificadores em relação ao núcleo nominal é governada não apenas por princípios pragmáticos, mas também por princípios semânticos.

Uma segunda consideração ao caso discutido de empilhamento se refere ao postulado de Hengeveld e Mackenzie (2008) de que se analisam tanto núcleos nominais quanto modificadores do Nível Representacional aplicados à camada dos Indivíduos como uma predicação de um lugar do tipo  $[(f_1) (x_1)_U]$ .

No exemplo (3.119), os modificadores envolvem a atribuição de duas propriedades,  $(f_1: \text{humanista}_A (f_1))$  e de uma propriedade  $(f_2: \text{sentimental}_A (f_2))$  ao  $(x_1)$  e cada um desses modificadores pode aparecer como predicado em uma oração completa, seja em *O político é humanista*, seja em *O político humanista é sentimental*. Essa possibilidade não está facultada a um modificador como *político*, em *o programa político*, a que não se aplica uma predicação como *o programa é político*, em função de uma restrição semântica da propriedade envolvida.

No nível mais alto, o Interpessoal, segundo Hengeveld e Mackenzie (2008), processam-se os aspectos formais de uma unidade linguística que projetam as regras de interação estabelecidas entre o Falante e o Ouvinte. Desse modo, cada participante de um Ato

de Fala atua na interação verbal com propósitos particulares em mente e, para tanto, lança mão de estratégias que possibilitem manifestar sua intenção comunicativa. Tais estratégias são de natureza retórica e pragmática: o tipo retórico consiste nos meios pelos quais os componentes do discurso habilitam o êxito da estratégia comunicativa e envolvem também as propriedades formais do enunciado que influenciam o Ouvinte a aceitar os propósitos comunicativos do Falante; o tipo pragmático, por seu lado, consiste nos meios pelos quais o Falante molda sua mensagem em vista das expectativas do Ouvinte no momento da enunciação.

Duas funções que os SNs exercem no Nível Interpessoal são tratadas como dois Subatos: o Atributivo e Referencial. No Nível Representacional, consistem em funções semânticas de predicação e de designação, respectivamente. A modificação dentro de um Subato Referencial, em Hengeveld e Mackenzie (2008), é limitada à expressão da atitude do Falante para a entidade designada pelo Subato Referencial, como mostra (3.122).

(3.122) já pensô(u) se toda vez eu gastá(r)... a minha **a minha preciosa adrenalina...** com uma luzinha que acende?... (AC-114; RO: L.773-774)

Entendem Hengeveld e Mackenzie (2008) que não se deve enquadrar, no Nível Representacional, Modificadores como *preciosa* em (3.122), mas no Nível Interpessoal, por sinalizarem a atitude subjetiva do falante em relação ao referente evocado.

Hengeveld (2008) defende que há posições nos Níveis Interpessoal e Representacional para diversos tipos de operadores primários, representados por  $\Pi$  no Nível Interpessoal e por  $\pi$  no Nível Representacional. Da mesma forma, cada camada pode conter uma categoria separada de modificadores, capturada por  $\Sigma$  no NI e por  $\sigma$  no NR. Na estrutura máxima de SNs, usados como Subatos Referenciais, estão disponíveis as posições de Operador e de Modificador representadas no esquema (3.123):

(3.123)  $\Pi^R$   $R_I$ : ..... ( $R_I$ ):  $\Sigma^R$  ( $R_I$ )  
 $(\pi^x$   $x_i$ : ( $\pi^f$   $f_i$ :  $Lex_N$  ( $f_i$ ):  $\sigma^f$  ( $f_i$ )  $x_i$ ):  $\sigma^x$  ( $x_i$ )  
 (HENGEVELD, 2008, p. 47)

Como existem modificadores ( $\Sigma$ ) de subatos referenciais ( $R$ ), que, obviamente, são representados no Nível Interpessoal, existem dois tipos de modificadores, estes típicos do Nível Representacional, que são classificados, conforme a camada que escopam: os modificadores de predicado e os de predicação.

O esquema em (3.123) fornece três diferentes posições para essas três diferentes leituras de *grande*, como ilustrado em (3.124), (3.125) e (3.126): em cada caso, é diferente o nível e a camada sobre a qual a modificação tem escopo, começando pela camada <sup>-R</sup> do nível mais alto, o Interpessoal, em (3.108), passando pelo Nível mais baixo da Formulação, o Representacional, em que o modificador escopa a camada <sup>-x</sup> em (3.109) e a camada <sup>-f</sup> em (3.110):

(3.124) (R<sub>I</sub>: ..... (R<sub>I</sub>): f<sub>j</sub>: grande<sub>a</sub> (f<sub>j</sub>) (R<sub>I</sub>)  
 (x<sub>i</sub>: (f<sub>i</sub>: professor<sub>N</sub> (f<sub>i</sub>) (x<sub>i</sub>))

(3.125) (R<sub>I</sub>: ..... (R<sub>I</sub>)  
 (x<sub>i</sub>: (f<sub>j</sub>: grande<sub>A</sub> (f<sub>j</sub>): (f<sub>i</sub>: espelho<sub>N</sub> (f<sub>i</sub>) (x<sub>i</sub>:) (x<sub>i</sub>))

(3.126) (R<sub>I</sub>: ..... (R<sub>I</sub>)  
 (x<sub>i</sub>: (f<sub>j</sub>: grande<sub>A</sub> (f<sub>j</sub>): (f<sub>i</sub>: pedagog<sub>O</sub>N (f<sub>i</sub>) (f<sub>i</sub>) (x<sub>i</sub>))

Em resumo, existem diversas categorias de adjetivos. Adjetivos como os predicadores qualificadores que só se abrigam à direita do núcleo nominal por atuarem como modificadores no Nível Representacional (*o carro branco*); adjetivos como *novo*, que mudam de valor conforme a posição que ocupam à esquerda ou à direita do núcleo, correlacionada ao Nível de Formulação em que eles atuam, o Interpessoal (*um novo carro*) e o Representacional (*um carro novo*); e, finalmente, adjetivos como *o pobre médico*, que atuam na camada mais baixa do Nível Representacional, o da propriedade lexical e que, por isso, não rivalizam com os modificadores que se inserem no Nível Interpessoal, que sempre tomam por escopo entidades referenciais e, portanto, Indivíduos (x) no Nível Representacional.

Relevante também é observar que os SNs que referenciam entidades de primeira, de segunda e de terceira ordem têm a mesma representação no Nível Interpessoal, mas se distinguem entre si no Nível Representacional, conforme apresentado no Quadro 7, que traz a classificação final dos SNs, proposta por Hengeveld (2008), juntamente com a representação formal de cada tipo.

Quadro 7: Tipologia dos SNs em relação aos níveis de representação

| <b>Tipos de SNs</b>                         | <b>Nível Interpessoal</b> | <b>Nível Representacional</b> |
|---|---------------------------|-------------------------------|
| <b>SN prototípicos</b>                      | <b>(R: Ø (R))</b>         | <b>(x: lex (x))</b>           |
| <b>SNs não nominais</b>                     | <b>(R: Ø (R))</b>         | <b>(x: [...lex...]) (x)</b>   |
| SN referentes a entidades de ordem superior | (R: Ø (R))                | (e: lex (e))... etc           |
| Nomes próprios                              | (R: lex (R))              | (x: Ø (x))                    |
| Vocativos                                   | (P: lex (P))              | Ø                             |
| SNs incorporados a x                        | Ø                         | (x: lex (x))                  |
| SNs atributivos (não referenciais)          | (T: Ø (T))                | (x: lex (x))                  |

Fonte: adaptado de HENGEVELD, 2008, p. 59.

Na leitura do Quadro 7, um SN prototípico define-se, no Nível Interpessoal, por evocar um Subato de Referência (R), e, no Representacional, por designar, mediante a inserção de um lexema, uma entidade de primeira ordem, ou Indivíduo (x). Há uma categoria de SNs não prototípicos, cujo lexema nuclear se refere a entidades de ordem superior, definidos como Estados de Coisas (e) e conteúdos proposicionais (p). Os dois modos de representação destacados em negrito no Quadro 7 se referem aos dois tipos de SNs considerados nesta dissertação, os que se referem a entidades de primeira ordem e os que se referem a entidades de segunda ordem.

Com essas considerações gerais, finalizamos aqui o Capítulo 3. Responsável pelo desenvolvimento da análise, este capítulo responde às perguntas de pesquisa em uma análise quantitativa e qualitativa mais detalhada a que se seguiram algumas generalizações. Nas Considerações Finais, apresentamos um balanço geral que correlaciona a proposta de trabalho com as principais deduções.

#### 4. CONCLUSÕES

Conforme mencionado anteriormente, propusemos fazer uma análise discursivo-funcional do SN, nos termos propostos pela GDF (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008), leva em conta determinações de ordem Interpessoal e Representacional para a codificação Morfossintática. Isso significa, por um lado, não tratarmos apenas de posições estruturais disponíveis para o preenchimento de categorias lexicais, mas de analisarmos, sobretudo, as motivações por que as posições pré- e pós-nuclear são preenchidas por determinadas classes semânticas de modificadores.

Como se sabe, as características morfológicas dos substantivos e dos adjetivos em termos de flexão de gênero e número motivaram a tradição gramatical a tratá-los como uma categoria única, a dos *nomes*. Mesmo assentadas em bases semânticas, propriedades lexicais envolvidas com categorias, como *japonês* e *budista*, deram motivos para essa aproximação categorial com a dissolução da ambiguidade mediante alocação em posições diferenciadas, definidas pela configuração estrutural do SN, como mostram os SNs *o japonês budista* e *o budista japonês*.

A posição funcionalista que adotamos recusou de pronto essa aproximação, o que foi uma decisão acertada em face da combinação possível de modificadores com núcleos representando entidades de primeira e de segunda ordem. Um aspectualizador, por exemplo, é propriedade privada de nomes representando Estados de Coisas. Além disso, alguns adjetivos têm uma configuração semântica que só admitem posição pré-nuclear, enquanto outros, com configuração semântica diversa, só admitem posição pós-nuclear. Outras subclasses de adjetivos podem figurar à esquerda ou à direita do núcleo do SN, mas não indiferentemente, já que são semântica e pragmaticamente diferentes, como mostram SNs como *professor grande* e *grande professor*.

Definido o SN prototípico, como o que, no Nível Interpessoal da GDF, representa um Subato Referencial, vimos que é justamente ele que predomina massivamente na amostra analisada. Os argumentais, que, como indica o próprio nome, representam argumentos de nomes de segunda ordem, e que somente foram considerados para contrapor SNs não prototípicos aos SNs prototípicos, têm, conforme o esperado, uma incidência extremamente minoritária. Os modificadores de referência também dispõem de uma frequência reduzida, já que também não representam, no Nível Interpessoal, Subatos Referenciais prototípicos, porque tomarem o nome apenas pela propriedade lexical que ele designa no sistema

semântico da língua. Do que mais se ocupa o falante é referir e predicar e é exatamente essa preferência que explica a baixa incidência de SNs contendo modificadores da referência.

Também foi relevante nos resultados discutidos a incidência majoritária de modificadores de referente sobre entidades de primeira ordem, relação que se inverte quando se trata de modificadores de referência, cuja frequência majoritária incide sobre as entidades de segunda ordem.

Essas generalizações significam que o tipo de entidade semântica representada pelo substantivo nuclear afeta em grau elevado de importância a Codificação Morfossintática em relação à natureza da combinação sintagmática potencial.

Como um reforço para essa decisão teórico-metodológica, adjetivos classificadores de estado, de verificação e dêiticos ocorrem exclusivamente como modificadores de referente, enquanto modalizadores epistêmicos e qualificadores psicológicos acham-se fortemente vinculados à modificação de referência.

Também digno de nota foi constatar a distribuição de tipos semânticos de adjetivos a entidades de primeira e de segunda ordem: os modificadores que veiculam traços perceptivos e inerentes da entidade referenciada se aplicam com frequência mais elevada a núcleos representando entidades de primeira ordem do que a núcleos representando entidades de segunda ordem. Se, em termos de frequência, há correlações entre propriedades semânticas do núcleo e dos modificadores, vejamos agora as correlações entre a ordem do adjetivo em relação ao núcleo, se anteposto ou se posposto, e as propriedades pragmáticas e semânticas que o identificam.

Os dados mostraram, em primeiro lugar, que, de certo modo, independentemente do tipo de entidade envolvido no núcleo, de primeira e de segunda ordem, a posição pós-nuclear é a preferência grandemente majoritária do falante ao codificar morfossintaticamente o SN, o que vai ao encontro da tendência registrada diacronicamente por Cohen (1989) em relação aos dados da autora relativos ao século XX e reforçada nesta dissertação. Além disso, a distribuição em anteposição e posposição tem uma regularidade motivada por traços semânticos específicos do modificador. Ainda que minoritária, em grande medida, a posição pré-nuclear está vinculada a traços pragmáticos e semânticos específicos. Com efeito, os poucos casos de anteposição estão voltados especialmente para modalizadores epistêmicos e deônticos, qualificadores psicológicos, quantificadores graduadores e qualificadores não psicológicos.

Como todos esses adjetivos são predicados, muitos casos de anteposição dizem respeito a entidades não identificáveis no Nível Interpessoal, cujo núcleo acaba tendo uma



identificação de propriedade (f) e não de entidade (x) no Nível Representacional, configurando-se no que Hengeveld (2008) denomina modificador de referência, como em *qualquer pequeno empresário*, em que a propriedade ‘pequeno’ se aplica à propriedade ‘empresário’ e não a uma entidade referencialmente individuada.

Outras possibilidades de anteposição são geradas por razões pragmáticas, como em *certo argumento* e *argumento certo* em que, a posição pré-nuclear indica referência não identificável e, portanto, vaga, enquanto a posição pós-nuclear indica certeza em termos epistêmicos do argumento referido.

Há outros casos, como *um maravilhoso bolo salgado*, que, em contraste com *um bolo salgado maravilhoso*, identifica a atribuição da função Ênfase, além da atitude subjetiva do falante, presente também no segundo exemplo. Nesse caso, não se altera o conteúdo do modificador, mas a anteposição ou a posposição, configurada no Nível Morfossintático, mostra maior ou menor grau de Ênfase na informação sujeita a uma avaliação subjetiva do falante, que pode receber também uma intensificação ou não no Nível Fonológico. Nesse caso, *salgado* configuraria um exemplo de modificador interno e *maravilhoso*, um exemplo de modificador externo Perini (1995). Esse alinhamento encontra suporte também na proposta de Cinque (2010).

Esses resultados dão uma resposta positiva à pergunta levantada na introdução se haveria motivações funcionais condicionando o preenchimento de posições específicas dos modificadores no interior do SN, em consonância com a interpretação de Perini (1995), que sugere uma natureza interna e uma natureza externa para esses constituintes. A resposta é positiva numa direção mais específica, já que as duas posições postuladas por Perini (1995) têm motivação de base formal, distributiva, enquanto as que detectamos nos dados aqui analisados têm uma distribuição semântica em grande parte, mas também pragmática.

A posição pré-nuclear favorece uma interpretação subsectiva, em termos de Cinque (2010), em casos como *pobre médico* que reduzem a denotação do nome, já que o médico é pobre somente enquanto médico, não enquanto pessoa desprovida de bens materiais. A interpretação de *médico pobre*, por outro lado, é do tipo intersectiva, em que o indivíduo nomeado, médico, está, em termos denotativos, na intersecção de dois conjuntos, o dos médicos e o das pessoas pobres, ou seja, desprovidas de recursos materiais.

Na realidade, o que temos aqui, em termos das categorias propostas por Hengeveld (2008), é um modificador da referência (*pobre médico*) e um modificador do referente (*médico pobre*), que recebem, no Nível Representacional, a designação de propriedades lexicais (f). Pode-se, afirmar, portanto, que essas duas categorias semânticas e pragmáticas

(especialmente *pobre médico*), têm duas codificações morfossintáticas diferentes, que são a posição pré- e pós-nuclear.

Pode-se afirmar, generalizando um pouco mais, que a preferência largamente majoritária pela posição pós-nuclear, própria de línguas de ordem VSO e SVO, correlacionadas a posposição do genitivo em relação ao possuidor e do adjetivo em relação ao nome (PEZATTI; CAMACHO, 1997)<sup>36</sup> reserva um espaço para ordenações menos prototípicas como as de leitura intersectiva, ou modificadores de referência e de atitude subjetiva e dêiticos temporais que dispõem de motivação pragmática.

O fato é que essas motivações mostram que a Morfossintaxe é fortemente motivada por razões de natureza funcional. Essas considerações respondem também positivamente a outra questão dentre as levantadas na introdução: se haveria implicações potenciais que derivam de SNs prototípicos, entendidos como representando Subatos Referenciais, notadamente em relação às motivações semânticas, advindas do Nível Representacional, e às motivações pragmáticas, advindas do Nível Interpessoal que motivem o processo de codificação no Nível Morfossintático.

A distribuição dos modificadores em relação ao tipo das entidades referenciadas pelo substantivo nuclear, de primeira ou de segunda ordem, teve, como vimos, uma motivação funcional bem marcada, mas, como seria mesmo de esperar, todos os adjetivos com função argumental se aplicam necessariamente a Estados de Coisas, ou entidades não prototípicas de segunda ordem. Essa distribuição fechada confirma o fato de haver diferenças entre a distribuição formal e a natureza semântica de argumento e de predicado do adjetivo em relação ao substantivo nuclear.

Outro aspecto se refere aos três tipos de modificadores, postulados por Hengeveld (2008), o de atitude subjetiva ( $\Sigma^R$ ), o de referente ( $\sigma^x$ ) e o de referência ( $\sigma^f$ ). O modificador de atitude subjetiva tem natureza pragmática e foi ilustrado aqui com *um maravilhoso bolo salgado*, cuja representação formal abaixo, mostra que um item lexical é inserido no nível pragmático, por representar a atitude subjetiva do falante em relação à entidade denotada, no Nível Representacional, como *bolo salgado*:

$$(4.1) \quad R_I: \dots \dots \dots (R_I): (f_j: \text{maravilhoso } (f_j)) \quad (R_I) \\ \quad \quad \quad ([x_i: [(f_i: \text{bolo } (f_i)): [(f_j: \text{salgado})] (f_j) (x_i) \varphi])$$

<sup>36</sup> De seis possibilidades lógicas, três são, segundo Greenberg (1966 apud PEZATTI; CAMACHO, 1977), ordens dominantes, VSO, SVO e SOV, que podem ser associadas a outras características sintáticas, como o uso de preposições (Pr) ou de posposições (Po), a posição do adjetivo (A) e do genitivo (G) em relação ao nome (N), e o uso de partículas interrogativas e auxiliares.

Como os Modificadores de referente e de referência têm natureza semântica, suas respectivas representações mostram diferentes configurações no Nível Representacional. Na representação abaixo, para o SN *pobre médico*, uma propriedade ( $f_i$ ) se caracteriza por ter as propriedades *médico* e *pobre*, mostrando que a função do adjetivo *pobre* ( $f_k$ ) é modificar uma propriedade *médico* ( $f_j$ ):

$$(4.2) \quad ([f_i: [(f_j: \text{médico } (f_j)): [(f_k: \text{pobre } (f_k)) (f_i)\varphi]])$$

É a propriedade ‘médico’ que tem sua aplicação restringida pela propriedade ‘pobre’ e os dois juntos constituem em si mesmos uma Propriedade e não um Indivíduo. Já, na representação abaixo, o adjetivo *pobre* em *médico pobre* modifica diretamente um indivíduo ( $x_i$ ):

$$(4.3) \quad ([x_i: [(f_i: \text{médico } (f_i)): [(f_j: \text{pobre } (f_j)) (x_i) \varphi]])$$

Essas configurações mostram que a GDF tem uma interpretação bem definida, em termos de níveis e camadas de organização, para casos de anteposição e posposição de adjetivos em relação ao núcleo, sendo capaz de diferenciar, portanto, SNs prototípicos ( $x$ ) de SNs não prototípicos ( $f$ ). Se o SN não prototípico for ainda um Estado de Coisas, e o adjetivo, seu argumento inativo ( $U$ , de *undergoer*), como em *explosão industrial* (*explosão da indústria*), em vez de  $x$ , a representação formal introduz a configuração para Estado de Coisas ( $e$ ):

$$(4.4) \quad ([e_i: (f_i: [\text{explosão } (f_i): (f_j: \text{industrial } (f_j)_U] (e_i) \varphi)])$$

Existem, para resumir, três grandes categorias de modificador no português: os que somente ocorrem na posição pré-nuclear, como os de referência (*pobre médico*); os que ocorrem nas duas posições, pré- e pós-nuclear, alguns dos quais com alteração de sentido (*professor grande* e *grande professor*) e os que ocorrem na posição pós-nuclear somente, como os argumentais (*explosão industrial*). É discutível se *grande*, com os dois conteúdos envolvidos na posição pré-nuclear e na posição pós-nuclear, é um mesmo lexema com dois valores ou duas entradas no Léxico, cada qual com seu valor pragmático ou semântico e sua posição na ordenação morfossintática.

Propomos o Quadro 8 que resume e generaliza a distribuição dos tipos de modificadores conforme sua atuação nos níveis de análise.

Quadro 8: Tipos de Modificadores em relação ao Nível de atuação

| <b>Modificador</b>   | <b>Nível Interpessoal</b>    | <b>Nível Representacional</b>        | <b>Nível Morfossintático</b>                              |
|--|------------------------------|--------------------------------------|---|
| <b>ENTIDADES DE PRIMEIRA ORDEM</b>   |                              |                                      |   |
| Modificador de atitude subjetiva ( $\Sigma^R$ ) e demais valores pragmáticos | Camada do Subato Referencial |                                      | Posição pré-(preferida) ou pós-nuclear (periferia do SN). |
| Modalizadores epistêmicos e deônticos, qualificadores e quantificadores      |                              | Camada do Indivíduo (x)              | Posição pré-nuclear                                       |
| Modificador de referente   |                              | Camada do Indivíduo ( $\sigma^x$ )   | Posição pós-nuclear                                       |
| Modificador da referência  |                              | Camada da Propriedade ( $\sigma^f$ ) | Posição variável  |
| <b>ENTIDADES DE SEGUNDA ORDEM</b>  |                              |                                      |   |
| Modificador argumental   |                              | Camada do Estado de Coisas           | Posição pós-nuclear                                       |

Fonte: elaborado pelo autor.

Para finalizar, um balanço ligeiro. Desenvolvemos a descrição com um detalhamento rigoroso dos casos da amostra para propor uma análise mais complexa para a modificação adjetival do que postulam as análises formais e a tradição gramatical. Nesse percurso analítico dos constituintes que compõem o SN, depreendemos, dentro dos diferentes níveis e camadas de análise em que se organiza a GDF, projeções morfossintáticas de conteúdos pragmáticos, derivados do Nível Interpessoal, e, sobretudo, semânticos, derivados do Nível Representacional, e confirmamos que a proposta de Hengeveld (2008) se alinha satisfatoriamente com as de Cinque (2010) e Negrão et al. (2014), o que permite estabelecer pontos convergentes com metodologias distintas de análise. Podemos afirmar, portanto, que a análise funcional de Hengeveld (2008) aqui adotada forneceu um enfoque não exclusivamente morfossintático, mas pragmática e semanticamente orientado, o que implica ter sido capaz de demonstrar que a organização morfossintática do SN, própria do processo de Codificação,

está fortemente correlacionada às motivações emanadas do processo de Formulação (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008), numa orientação descendente que identifica o enfoque discursivo-funcional. Podemos afirmar também que este trabalho fornece evidências de que essa organização de gramática tem um elevado poder explanatório para a descrição das línguas naturais.

## REFERÊNCIAS

ALI, M. S. **Grammatica secundaria da língua portuguesa**. São Paulo: Companhia Melhoramentos, [20--].

ALI, M. S. **Gramática secundária e gramática histórica da língua portuguesa**. 3. ed. Brasília: Universidade de Brasília, 1964.

BASILIO, M. **Formação e classes de palavras no português do Brasil**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2013.

BECHARA, E. **Moderna gramática portuguesa**. 38. ed. rev. ampl. atual. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BOLINGER, D. Adjectives in english: attribution and predication. **Lingua**, Amsterdam, v. 18, 1967, p.1-34.

BUTLER, C. S. Interpersonal meaning in the noun phrase. In: RIJKHOFF, J.; VELASCO, D. G. (Ed.). **The noun phrase in functional discourse grammar**. Berlin: Mouton de Gruyter, 2008. p. 221-261.

CAMACHO, R. G.; DALL'AGLIO-HATTNER, M. M.; GONÇALVES, S. C. L. O substantivo. In: CASTILHO, A. T. (Coord.). **Gramática do português culto falado no Brasil**. Campinas: Editora da UNICAMP, 2008. v.2.

CAMACHO, R. G. **Classes de palavras na perspectiva da gramática discursivo-funcional: o papel da nominalização no continuum categorial**. São Paulo: Ed. da UNESP, 2011.

CAMACHO, R. G. et al. O substantivo In: ILARI, R. (Org.). **Gramática do português falado culto: palavras de classe aberta**. São Paulo: Contexto, 2014. v.3, p. 13-63.

CASTILHO, A, T de; MORAES DE CASTILHO, C. M. Adjetivos. In: **Letras**, Santa Maria 5, 1993.

CASTILHO, A. T. de; Sintagma adjetival. In: **Nova gramática do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2010.

CHIERCHIA, G. **Semântica**. Trad. por Luis Arthur Pagani, Ligia Negri e Rodolfo Ilari. Campinas: Ed. da UNICAMP; Londrina: EDUEL, 2003.

CINQUE, G. **The syntax of adjectives: a comparative study**. Cambridge: MIT Press, 2010. (Linguistic inquiry monograph, 57).

COHEN, M. A. de M. **Syntatic change in portuguese: relative clauses and the position of the adjective in the noun phrase**. Campinas: Unicamp, tese de doutorado, 1989.

CROFT, W. Parts of speech as language universal and as language-particular categories. In: VOGEL P., COMRIE, B. (Ed.). **Approaches to the typology of word classes**. Berlin: Mouton de Gruyter, 2000.

CUNHA, F. L. C.; CINTRA, L. **Nova gramática do português contemporâneo**. 5. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2008.

DIXON, R. M. W. Adjective classes in typological perspective. In: AIKHENVALD, A. Y.; DIXON, R. M. W. (Ed.). **Adjective classes: a cross-linguistic typology**. Oxford: Oxford University Press, 2006. p. 2-49.

DIK, S. C. **Functional grammar**. Amsterdam: North-Holland, 1978.

\_\_\_\_\_. **The theory of functional grammar: part I: the structure of the clause**. Dordrecht: Foris Publications, 1989.

\_\_\_\_\_. **The theory of functional grammar: part I: the structure of the clause**. Berlin: Mouton de Gruyter, 1997a.

\_\_\_\_\_. **The theory of functional grammar: part II: complex and derived constructions**. Berlin: Mouton de Gruyter, 1997b.

\_\_\_\_\_. Formal and semantic adjustment of derived constructions. In: BOLKSTEIN, M. et al. (Ed.). **Predicates and terms in functional grammar**. Dordrecht: Foris, 1985. p. 1-28.

DRYER, M. S. Determining dominant word order. In HASPELMATH M. et al. **The world atlas of language structures**. Oxford: Oxford University Press, 2005.

DUBOIS, J. W. Beyond definiteness: the trace of identity in discourse. In: CHAFE, W. (Ed.). **The pear stories: cognitive, cultural and linguistic aspects of narrative production**. Norwood: Ablex, 1989. p. 203-274.

FOLEY, W. **The papuan languages of New Guinea**. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.

GONÇALVES, S. C. L. G. **Banco de dados Iboruna**: amostras eletrônicas do português falado no interior paulista. São José do Rio Preto, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, [s. d.]. Disponível em: <<http://www.alip.ibilce.unesp.br/iboruna>>. Acesso em: 29 ago. 2015.

GONÇALVES, S. C. L.; TENANI, L. E. Problemas teórico-metodológicos na elaboração de um sistema de transcrição de dados interacionais: o caso do projeto ALIP: Amostra Linguística do Interior Paulista. **Gragoatá**, Niterói, v. 25, p. 165–184, 2008.

GREENBAUM, S. et al. **A comprehensive grammar of the english language**. London: Longman, 1985.

HENGEVELD, P. C. **Semantic relations in non-verbal predication**: paper for the Third International Conference on Functional Grammar. Amsterdam, 1998.

HENGEVELD, K. **Non-verbal predication**: theory, typology, diachrony. Berlin: Mouton de Gruyter, 1992.

\_\_\_\_\_. Linguistic typology. In: MAIRAL, R.; GIL, J. (Org.). **Linguistic universals**. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

\_\_\_\_\_. Prototypical and non-prototypical noun phrases in functional discourse grammar. In: RIJKHOFF, J.; VELASCO, D. G. (Ed.). **The noun phrase in functional discourse grammar**. Berlin: Mouton de Gruyter, 2008. p. 221-261.

HENGEVELD, K.; MACKENZIE, J. L. **Functional discourse grammar**. Oxford: Oxford University Press, 2008.

\_\_\_\_\_; MACKENZIE, J. L. Gramática discursivo-funcional. In: SOUZA, E. R. (Org.). **Funcionalismo linguístico**: novas tendências teóricas. Trad. Marize Mattos Dall'Aglio-Hattner. São Paulo: Contexto, 2012. p. 43-85.



HOPPER, P. J.; THOMPSON, S. A. The discourse basis for lexical categories in universal grammar. **Language**, Washington, 60 (4), 1984, p. 703-752.

KEIZER, E. **The english noun phrase: the nature of linguistic categorization**. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.

KURY, A. G. **Novas lições de análise sintática**. São Paulo: Ática, 1985.

LYONS, J. **Semantics**. Cambridge: Cambridge University Press, 1977. 2.v.

MITHUN, M. The evolution of noun incorporation. **Language**, Washington, 60: 1984, p. 847-894.

NEGRÃO, E. V. et al. O adjetivo. In: ILARI, R. (Org.). **Gramática do português culto falado no Brasil: palavras de classe aberta**. São Paulo: Contexto, 2014. v. 3, p. 243-265.

NEVES, M. H. de M. **Gramática de usos do português**. 2. ed. São Paulo: Ed. da Unesp, 2011. p. 173-219.

PERINI, M. A. **Gramática descritiva do português**. São Paulo: Ática, 1995. p. 92-113.

PEZATTI, E. G. O funcionalismo em lingüística. In: BENTE, A. C.; MUSSALIM, F. (Org.). **Introdução à lingüística: fundamentos epistemológicos**. São Paulo: Cortez, 2004. p. 165-218. v. 3.

PEZATTI, E. G. A gramática discursivo-funcional e o contexto. In: SOUZA, E. R. de. (Org.). **Funcionalismo lingüístico: novas tendências teóricas**. São Paulo: Contexto, 2012.

PEZATTI, E. G. **A ordem das palavras no português**. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

PEZATTI, E. G.; CAMACHO, R.G. Ordenação de constituintes na sentença: uma interpretação funcional. **Alfa**, São Paulo, v. 41, p. 99-126, 1997. Número especial.

RIJKHOFF, J. **The noun phrase**. Oxford: Oxford University Press, 2002.

RIJKHOFF, J.; VELASCO, D. G. Introduction. In: \_\_\_\_\_. (Ed.). **The noun phrase in functional discourse grammar**. Berlin: Mouton de Gruyter, 2008. p. 1-42.

SANDMANN, A. J. **Morfologia geral**. São Paulo: Contexto, 1991.

SANKOFF, D.; TAGLIAMONTE, S.; SMITH, R. **Goldvarb X**: a variable rule application for Macintosh and Windows. Toronto: Department of Linguistics, University of Toronto, 2005.

SAUSSURE, F. de. **Curso de linguística geral**. São Paulo: Cultrix, 2012.

SMIT, N. Noun incorporation in functional discourse grammar. In: GROOT, C. De; HENGEVELD, K. (Ed.). **Morphosyntactic expression in functional grammar**. Berlin: Mouton de Gruyter, 2005.

VOORHOEVE, C. L. **The flamingo bay dialect of the asmat language** (Verhandelingen van het Koninklijk Instituut voor Taal-, Land- en Volkenkunde. v. 46. The Hague: Martinus Nijhoof, 1965.